



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:

Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

Sónia Raquel de Carvalho Silva Rendeiro Neves

Relatório

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Doutora Marina Estela Graça

2012



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:

Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

Sónia Raquel de Carvalho Silva Rendeiro Neves

Relatório

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Doutora Marina Estela Graça

2012

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:

Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright Sónia Raquel de Carvalho Silva Rendeiro Neves

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou em formato digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais, ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

DEDICATÓRIA

As minhas primeiras palavras de agradecimento são dirigidas à minha grande fonte de inspiração, o meu filho João, que esteve sempre ao meu lado em todos os momentos bons e menos bons, ultrapassando juntos todos os obstáculos que foram surgindo ao longo deste caminho, prescindindo algumas vezes da minha companhia, devido à realização deste relatório.

Aos meus pais, por todo o apoio que me deram em todas as etapas da minha vida, contribuindo com palavras de conforto, força e coragem. A eles, devo tudo o que sou e consegui.

Ao meu marido Miguel que me incentivou e apoiou durante esta jornada, por vezes considerada interminável.

À minha amiga Catarina Oliveira que acreditou no meu trabalho, dando-me força para continuar quando eu julgava não conseguir.

A todos os amigos e familiares que me apoiaram um bem-haja.

AGRADECIMENTOS

Pretendo prestar o meu agradecimento a todos aqueles que contribuíram de certa forma para a realização deste relatório.

Ao professor Francisco Gil por se dedicar de corpo e alma a este mestrado, proporcionando aos profissionais da área de Design a oportunidade de enriquecer o currículo através do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico.

Os meus sinceros agradecimentos à orientadora de estágio, Dra Marina Estela Graça pela sua exigência durante a orientação deste relatório, por ter disponibilizado algum do seu tempo mesmo quando este era curto e pelo seu contributo através da sua experiência profissional e vasto conhecimento no âmbito do cinema de animação.

Um agradecimento muito especial à orientadora cooperante, Professora Maria Manuela Matias, pela sua vasta experiência pedagógica e conhecimento na área do ensino. Por todo o apoio disponibilizado, amizade e dedicação, pela boa energia e motivação que transmitiu ao longo do ano letivo, e por ter sido muitas vezes o meu “porto de abrigo” quando surgiam algumas dúvidas e obstáculos, durante a prática pedagógica.

À professora Adelaide Silva pelo seu apoio e interesse pelo tema proposto e o professor Paulo Rodrigues por ter disponibilizado as ferramentas tecnológicas e recursos didáticos necessários para o desenvolvimento dos exercícios de técnicas de imagem animada.

Por último mas não menos importante, à gestão da escolar por disponibilizar o material didático necessário para a realização da prática pedagógica.

A todos um bem-haja e um muito obrigado!

RESUMO

O cinema de animação provoca uma curiosidade e um fascínio natural sobre os jovens. Foi de forma intencional, aproveitar estes estímulos, para a utilização e praticabilidade desta temática em contexto escolar.

A abordagem com técnicas de imagem animada em contexto sala de aula recorrendo a equipamentos tecnológicos diversificados, tem uma influência positiva para experiência-aprendizagem dos alunos.

A utilização das ferramentas informáticas na realização deste estudo foi um contributo valioso, auferindo aos alunos interesse e motivação, durante a apreensão dos conteúdos programáticos.

Deste modo, pretende-se a utilização de técnicas de imagem animada com o recurso aos equipamentos tecnológicos em contexto de sala de aula, para a lecionação de conceitos base subjacentes ao conteúdo programático “Movimento e Energia” no âmbito da área de exploração, “Animação”, da disciplina de Educação Visual e Tecnológica do segundo ciclo do ensino básico.

Palavra-chave: Animação, Educação Visual e Tecnológica, Ensino, Técnicas de Imagem Animada, Tecnologias de Informação e Comunicação.

ABSTRACT

The animated film provokes a natural curiosity and fascination over the young. It was intentional; enjoy these stimuli, for the use and practicality of this subject in the school context.

The approach with imaging techniques in the context lively classroom using diverse technological equipment has a positive influence to students experience and learning.

The use of *IT* tools in this study was a valuable contribution, earning interest and motivation to students during the apprehension of the syllabus. Thus, it is intended the use of imaging techniques with animated feature to technological equipment in the context of the classroom, for lecionação basic concepts underlying the curriculum "Motion and Energy" within the exploration area, "Animation" the discipline of Visual and Technological Education of the second cycle of basic education.

Keywords: Animation, Visual and Technological Education, Teaching, Techniques of Animated Image, Information and Communication Technologies.

ÍNDICE

Resumo.....	V
Abstract	VI
Introdução.....	1
CAPÍTULO I, ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
1 Educação Artística.....	7
1.1. A importância da Educação Artística nas escolas	8
2. Alterações Curriculares no 2º ciclo do Ensino Básico	11
2.1 Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais	18
2.1.1 Currículo Multicultural	20
2.1.2 Expressão Artística como mediadora da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.....	21
3 A disciplina de Educação Visual e Tecnológica.....	23
4 Cinema e cinema de animação.....	27
4.1 Animação em Portugal.....	29
4.1.1 Ofertas formativas	30
4.2. A utilização das Novas Tecnologias.....	31
4.2.1 Tecnologias de Comunicação e Informação	31
4.2.2 Captação da imagem animada.....	34
CAPÍTULO II, METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PERCURSO PEDAGÓGICO	36
5.1 Caracterização da escola EB 2/3 João da Rosa - Ambiente Externo.....	36
5.1.1 Localização geográfica da Escola EB2/3 João da Rosa.....	36
5.1.2 Patrono da Escola EB2/3 João da Rosa	36
5.1.3 Concelho de Olhão	36
5.1.4 Contexto histórico e geográfico da freguesia de Olhão	37
5.1.5 Contexto histórico e geográfico da freguesia de Quelfes	37
5.1.6 Contexto sociocultural da população escolar e famílias	38
5.2 Agrupamento Vertical do 2º e 3º ciclo João da Rosa - Ambiente Interno	38
5.2.1 Escola (TEIP)	39
5.2.2 Gestão e Administração do Agrupamento	41
5.2.3 População Escolar.....	44

5.2.4	Espaço Arquitetónico.....	45
5.2.5	Fragilidades da Escola.....	46
6.	Caracterização da turma.....	48
6.1	Fragilidades da Turma.....	51
7.	A utilização das Tecnologias de Informação ao Serviço da Imagem Animada.	51
7.1	Programa utilizado para a realização do estudo.....	52
8	Metodologia de projeto.....	53
8.1	Fases do Projeto.....	54
8.1.1	Fase de preparação/desenvolvimento.....	55
8.1.2	Fase de motivação.....	57
8.1.3	Tema.....	59
8.2	Fase de realização.....	60
8.3	Fase de pré-produção.....	61
8.3.1	Narrativa e <i>Storyboard</i>	61
8.3.2	Cenários e Personagens.....	62
8.4	Produção.....	63
8.3.4	Captação das imagens.....	63
8.5	Pós-Produção.....	65
8.3.5	Gravação de sons.....	65
8.6	Apresentação.....	66
CAPÍTULO III, ANÁLISE DE DADOS.....		67
9.	Balanço dos Intervenientes.....	67
9.1	Resultados.....	69
9.1.1	Grupo I.....	69
9.1.2	Grupo II.....	71
9.1.3	Grupo III.....	71
9.1.4	Grupo IV.....	73
9.1.5	Grupo V.....	74
9.2	Resultado global da análise.....	76
CAPÍTULO IV, CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		78
REFERÊNCIAS.....		81
APÊNDICES.....		
APÊNDICE I – Ficha Individual de Trabalho.....		

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:
Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

APÊDICE III – Planificações Diárias	
APÊNDICE IV- <i>PowerPoint</i> das aulas expositivas.....	
ANEXOS.....	
ANEXO I - Revisão Curricular	
ANEXO II – Ficha de registo de aprendizagem.....	

ABREVIATURAS

Comissão Nacional Portuguesa	(CNP)
Comissão de Reforma do Sistema Educativo	(CRSE)
Currículo Nacional do Ensino Básico	(CNEB)
Diretor de Turma	(DT)
Educação Musical	(EM)
Educação Tecnológica	(ET)
Educação Para Todos	(EPT)
Educação Visual	(EV)
Educação Visual e Tecnológica	(EVT)
Lei de Bases do Sistema Educativo	(LBSE)
Ministério da Educação	(ME)
Ministério da Educação e Ciência	(MEC)
Plano Anual de Atividades	(PAA)
Plano de Formação	(PF)
Prática de Ensino Supervisionada	(PES)
Projeto Curricular de Escola	(PCE)
Projeto Curricular de Turma	(PCT)
Projeto Educativo do Agrupamento	(PEA)
Regulamento Interno	(RI)
Território Educativo de Intervenção Prioritária	(TEIP)

INTRODUÇÃO

O presente relatório final de estágio, corresponde à unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, no âmbito do Mestrado de Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, onde irei utilizar técnicas de imagem animada, recorrendo a diversas ferramentas tecnológicas como estratégia de motivação para o desenvolvimento das competências, na leção da disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT), como professora estagiária do 6º ano de escolaridade, Escola dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico João da Rosa, situada no concelho de Olhão, do ano letivo 2011/2012.

Um dos objetivos a atingir por mim na leção do conteúdo programático “Movimento e Energia”, é desenvolver a área de exploração designada por “Animação”, definida no programa da disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

A estratégia a desenvolver com os alunos, é escolher uma técnica básica de imagem animada, criando um efeito de movimento através da utilização de diversos equipamentos tecnológicos tais como: o computador, a máquina fotográfica digital e a câmara de vídeo.

A minha proposta para a realização do presente estágio, não requer a intervenção de uma investigação científica. Pretende apenas responder e clarificar questões ou problemas que vão surgindo ao longo do trabalho realizado com os alunos. A mesma foi bem aceite pelos docentes das disciplinas de EVT e de Cinema e Multimédia, bem como pelos órgãos da gestão escolar.

Cada vez mais a utilização de ferramentas informáticas em contexto sala de aula são valorizadas pedagogicamente, apresentando um potencial educacional no que diz respeito à motivação e interesse pelos conteúdos a desenvolver,

“Com o objetivo de dar oportunidade aos alunos de vivenciar aprendizagens diversificadas e de interagir com recursos que os possam motivar cada vez mais, em contexto educativo de sala de aula de Educação Visual, experimentamos produzir formas em movimento,

permitindo explorar este conteúdo de uma forma que estimula o desenvolvimento de habilidades pessoais, reforçando a autoestima, a valorização da expressão individual, a força do trabalho em grupo e da socialização, visando a formação do cidadão através da arte do cinema de animação.” (Maia e Silva, E. M. A., 2011)¹

Juntamente com outras escolas situadas nas imediações do bairro que as representam, a escola de ensino básico João da Rosa constitui, desde 1998 um de Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Desta forma surgem, porém, algumas questões transversais ao objeto deste estudo:

Quais as estratégias a adotar, de forma a melhorar a qualidade de ensino, motivação e desenvolvimento de competências de alunos inseridos numa escola TEIP?

Grande percentagem dos alunos inseridos nesta escola são crianças que apresentam famílias com graves carências afetivas e económicas. É importante ir ao encontro das necessidades da comunidade social envolvente, apresentando cada vez mais cedo, propostas diversificadas, lúdicas e apelativas, com o objetivo de motivar os alunos, a construir o seu conhecimento a partir das experiências vividas, direcionando-os para uma experiência-aprendizagem, (aprender-fazendo).

O trabalho desenvolvido pelas professoras de Educação Visual e Tecnológica, no início do 3º período correspondeu ao “Património Local”, tendo servido como ponto de partida para o tema do trabalho desenvolvido por mim, até ao final do ano letivo.

O objetivo principal deste estudo visa mostrar aos alunos, à escola e à comunidade envolvente, as potencialidades do cinema de animação no âmbito escolar através da sua utilização em contexto de sala de aula. Esta estratégia de ensino, proporciona ao professor a criação de metodologias interessantes, com o propósito de desenvolver a motivação dos alunos, despertando a curiosidade e interesse dos mesmos pelos conteúdos programáticos.

¹ Retirado do *Projecto ANIMAR: Quando as Imagens Animadas e a Animação de Volumes são o mote de trabalho em Educação Visual*, 2011.

Para a realização do mesmo, foi utilizado o *software* de edição de imagem *Claymation Studio 2.0*. Este último, proporciona aos alunos uma total autonomia durante a elaboração dos projetos animados. Esta estratégia de ação com recurso às

ferramentas multimédia incentiva também os docentes a mudar a sua atitude face ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação, admitindo que estas podem funcionar como uma mais-valia para o professor, durante o processo de aprendizagem dos alunos. Com a escolha da estratégia a desenvolver com os alunos, surgiu a sob questão para este estudo:

Até que ponto, a utilização de técnicas de imagem animada no currículo, influencia o desenvolvimento das competências e motiva os alunos para a aprendizagem dos conteúdos curriculares?

A partir do 7º ano de escolaridade, a escola dos 2º e 3º ciclos João da Rosa, apresenta na sua oferta formativa, uma disciplina opcional, lecionada pelo docente Paulo Rodrigues, designada por Cinema e Multimédia.

Contudo, o que proponho para a disciplina de EVT é a possibilidade de implementação, durante o 2º ciclo de estudos do ensino básico, trabalhar as técnicas de imagem animada, de forma a motivar os alunos e a inovar a lecionação dos conteúdos programáticos, afastando o conceito pré-concebido, de que a linguagem de animação só pode ser realizada através de equipamentos sofisticados.

De forma a contrariar esse conceito, são apresentados aos alunos objetos óticos, de criação fácil, que podem ser elaborados pelos próprios durante as aulas de EVT, tais como: o *flipbook* ou o *zootrópio*.

O presente estudo foi um pouco mais além, com a introdução das ferramentas tecnológicas em contexto sala de aula. A familiaridade a curiosidade e o fascínio que as novas tecnologias exercem atualmente sobre as crianças, é visível, cada vez mais cedo. Constatando-se por sua vez, que a proposta de integração do cinema de animação com recurso as novas tecnologias em contexto escolar, como estratégia didática e resposta face às exigências da sociedade atual, faça todo o sentido ser valorizada pela comunidade docente de forma a melhorar desempenho dos alunos motivando-os para uma aprendizagem significativa.

Segundo Graça, M (2007) “ O objetivo mais importante é preparar gerações futuras mas, porque também sabemos como é crucial melhorar a motivação para aprender e para aprender a aprender, queremos e podemos ajudar os professores ajudando a trabalhar com os seus alunos no mesmo sentido.”²

De forma a apoiar o professor consciente das necessidades atuais dos seus alunos, foi elaborado um projeto de investigação designado por *Teaching With Animation* (TWA),³ no qual irei abordar na terceira parte deste relatório.

Os objetivos gerais a atingir ao longo deste trabalho são: a criação de planificações diárias das aulas a lecionar, refletindo sobre as mesmas através das respostas dadas pelos alunos durante o preenchimento das fichas de trabalho individuais⁴. A utilização das técnicas de imagem animada como pretexto para a articulação interdisciplinar, desenvolvendo em simultâneo a curiosidade a criatividade e o espírito crítico, promovendo paralelamente o trabalho em grupo. Por fim, despertar o interesse dos pais/encarregados de educação nas atividades da escola/educandos.

A estrutura do presente relatório apresenta-se dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo aborda o enquadramento teórico referindo vários autores, focando a importância da Educação Artística em contexto escolar, os programas e reformas estruturadas pelo Ministério da Educação e Ciência, a importância do ensino pela arte como mediador da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em escolas de ensino regular e por fim a história da disciplina de EVT.

O início do segundo capítulo refere a diferença entre o cinema e o cinema de animação como ponto de partida para a abordagem da temática escolhida para a realização deste estudo. Foca o que se tem feito em Portugal, bem como as ofertas formativas propostas pelas instituições educativas, no sentido de promover a formação de futuros profissionais competentes, de forma a dar continuidade ao bom que tem vindo a ser desenvolvido, na área do cinema de animação. Porém, é necessário referir também a importância da utilização das novas tecnologias e as suas vantagens, quando bem utilizadas pelo professor, em contexto escolar.

No final deste capítulo é abordado a evolução do cinema de animação referindo os respetivos autores, bem como a evolução das novas tecnologias.

² Graça, M (2007)

³ *Ibidem*

⁴ Ficha de trabalho individual elaboradas por mim, apresentada no anexo I.

O terceiro capítulo é dedicado à caracterização da Escola Básica dos 2º e 3º ciclo do ensino básico e da turma D do 6º ano de escolaridade, na qual desenvolvi a Prática de Ensino Supervisionada, durante o ano letivo 2011/2012, com o total apoio das duas docentes da disciplina de Educação Visual e Tecnológica da turma acima referida.

Ao longo deste capítulo irei descrever as metodologias, as estratégias e as dificuldades sentidas, focando os resultados obtidos, através das experiências vivenciadas, da motivação sentida em contexto de sala de aula e da total entrega dos alunos e professores a este projeto.

A avaliação da motivação e dificuldades sentidas pelos alunos foi analisada de acordo com as respostas obtidas nas fichas de trabalho individuais, apresentadas em anexo⁵.

Contudo é importante referir, que devido à limitação temporal da lecionação do conteúdo programático “Movimento e Energia” desenvolvido através da área de exploração “Animação”, não foi possível realizar um estudo pormenorizado.

Porém, foi feita uma investigação qualitativa, através da análise dos dados descritos no diário de bordo⁶, observações diretas em contexto sala de aula e de acordo com as respostas obtidas pelos alunos, nas fichas individuais. Considero este trabalho empírico, um importante contributo para a continuação do desenvolvimento do estudo da motivação dos alunos através da abordagem de técnicas com imagem animada, em contexto escolar.

No final deste capítulo irei descrever as estratégias e metodologias utilizadas e a motivação sentida através da observação direta dos alunos.

A metodologia utilizada para a realização deste relatório, centrou-se na pesquisa bibliográfica de livros e consultas de documentos disponíveis *online*, pertinentes ao tema em estudo.

A experiência realizada com estes alunos foi sem dúvida uma experiência enriquecedora e gratificante. O contacto e a aprendizagem com as colegas da disciplina

⁵ *Ibidem*

⁶ Descrição das observações efetuadas durante o período da realização do estágio profissional, correspondente à unidade curricular Introdução à Prática Pedagógica.

de Educação Visual e Tecnológica foram uma mais-valia na minha aprendizagem como pessoa e futura profissional da área.

Os trabalhos (curtas-metragens) realizados pelos alunos do 6º ano turma D, apresentados aos pais/encarregados de educação durante a festa de final do ano, podem ser vistos *online* através do endereço:

Grupo I: <http://youtu.be/fnPmKkz6leM>

Grupo II: <http://youtu.be/Y3u--z6LDdA>

Grupo III: <http://youtu.be/CKjWYU5g2PU>

Grupo IV: <http://youtu.be/0aPrjLUu5bo>

Grupo V: <http://youtu.be/ButFJkZU8ho>

CAPÍTULO I, ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 Educação Artística

Outrora, o mundo ocidental colocou a expressão artística num lugar de elite, onde só apenas alguns, os realmente talentosos ou socialmente distintos, tinham o direito a exercer-la.

O cenário diverge substancialmente em Portugal, o valor artístico foi subdesenvolvido durante décadas. Ao longo dos anos, nota-se alguma vontade por parte do governo em incentivar e valorizar a educação artística, no âmbito escolar.

Existe a consciência que educar pela e através da arte, torna os indivíduos e as sociedades, mais humanas, mais críticas e mais criativas, portanto, mais desenvolvidas culturalmente.

Em 2001, o Ministério da Educação (ME) elaborou um documento, designado por Currículo Nacional do Ensino Básico, (CNBE)⁷ onde determina que :

“As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam a imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas trazendo novas perspetivas, formas e diversidades ao ambiente em que se vive.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflete-se no modo como se pensa e no que se produz com o pensamento.

As artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.” (DEB, 2001, p.149).

⁷ Documento elaborado pelo Departamento da Educação Básica do Ministério da Educação, *Currículo Nacional do Ensino Básico*, 2001.

A educação artística desenvolve-se ao longo dos três ciclos de estudos, através de quatro áreas distintas, são elas: Expressão Plástica; Educação Visual; Expressão e Educação Musical; Expressão Dramática/Teatro; e a Expressão Físico-Motora/Dança.

As competências artísticas contribuem significativamente para o desenvolvimento das competências gerais e do currículo. Desenvolver a capacidade artística, aumenta as faculdades afetivas e cognitivas do ser humano, ajudando a desenvolver a Literacia em Artes, revelando experiências de aprendizagem que os alunos vão ter a oportunidade de vivenciar, de forma a operacionalizar estas competências.

De acordo com o documento⁸, a Literacia Artística é um novo conceito onde (...) “implica as competências consideradas comuns a todas as disciplinas artísticas.” (DEB, 2001, p.152).

As mesmas são desenvolvidas em quatro eixos interdependentes, são eles:

- Apropriação das linguagens elementares das artes;
- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;
- Desenvolvimento da criatividade;
- Compreensão das artes no contexto;⁹

Desta forma, “a apropriação das competências é realizada de forma progressiva num aprofundamento constante dos conceitos e conteúdos próprios de cada área artística, dando origem a diferentes percursos, de acordo com a especificidade de cada arte.” (DEB, 2001, p.152)

1.1. A importância da Educação Artística nas escolas

“A UNESCO é a única Organização do sistema das Nações Unidas em relação à qual se prevê a criação de Comissões Nacionais nos Estados-membros”¹⁰ Após duas aprovações na UNESCO, Portugal aderiu finalmente à Comissão Nacional Portuguesa (CNP) em 1979.¹¹

⁸ Currículo Nacional do Ensino Básico (DEB, 2001, p. 151,152)

⁹ *Ibidem*

¹⁰ Retirado do site: www.unesco.pt. A Comissão Nacional Portuguesa foi criada em 1979, pelo Decreto-Lei nº 218/79, de 17 de julho, posteriormente revogado pelo Decreto-Lei nº 103/89, de 30 de março, e pelo Decreto-Lei nº 58/2003, de 1 de abril.

Ao longo dos anos, esta organização tem-se comprometido a realizar conferências mundiais, promovendo a nível global, a importância da educação artística e da criatividade nas escolas. Despertando a atenção para o benefício da existência da mesma, no desenvolvimento da aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo da criança, quando aplicada em contexto escolar.

As recomendações¹² dos participantes na Conferência Mundial da Educação Artística, declaram que em muitas sociedades o papel da arte,

“ (...) foi tradicionalmente, e em muitos casos continua a ser, parte integrante da vida de todos os dias e desempenha um papel fundamental na transmissão cultural e na evolução da comunidade e dos indivíduos”. Reconhecem ainda, (...) que a Educação Artística contribui para a melhoria da aprendizagem e para o desenvolvimento de capacidades pela importância que dá às estruturas flexíveis (tais como as matérias e os papéis situados no tempo), à importância para o educando (ligada de modo significativo à vida das crianças e ao seu ambiente social e cultural), e à cooperação entre os sistemas e recursos de aprendizagem formal e informal”¹³

As conclusões retiradas da Conferência Mundial de Educação Artística deram origem ao Roteiro¹⁴ para a Educação Artística.

De acordo com esse mesmo roteiro, declara-se que a integração da Educação Artística nas escolas como componente obrigatória, é uma mais-valia à educação e participação cultural, permitindo o acesso, criando as condições necessárias para a “Educação para Todos”. A arte é considerada uma componente fundamental para o

¹¹ *Ibidem.*

¹² Recomendações elaboradas nas reuniões da Conferência Nacional da Educação Artística realizada em Lisboa, 6 a 9 de março de 2006. Consultar a versão completa das Recomendações, no *link* :

URL: http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=34

¹³ *Ibidem*

¹⁴ O Roteiro para a Educação Artística é um texto de Filomena Matos e Helena Ferraz, que resultou de uma compilação de conclusões retiradas na Conferência Mundial de Educação Artística realizada em Lisboa, março de 2006.

desenvolvimento das potencialidades do ser humano como tal, alunos, professores e comunidade, beneficiam a longo prazo uma melhoria na qualidade da educação, com a inclusão da educação artística como componente obrigatória.

“De acordo com a investigação disponível, os contributos da Educação Artística situam-se, sobretudo, ao nível da capacidade de iniciativa, da imaginação e inteligência emocional, do desenvolvimento moral e cognitivo, da capacidade de reflexão crítica, do sentido de autonomia, bem como da liberdade de pensamento e de ação.” (...) “Compreendem que a Educação Artística, ao gerar uma série de competências e de aptidões transversais e ao fomentar a motivação dos estudantes e a participação ativa na aula, pode melhorar a qualidade da educação, assim contribuindo para atingir um dos seis objetivos da Educação para Todos (EPT) da Conferência Mundial de Dacar sobre a Educação para Todos (Matos, F. e Ferraz, H.,2000)”¹⁵

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (CNBE), as expressões artísticas contribuem significativamente para o desenvolvimento dos princípios e valores das competências gerais.

O ensino através arte desenvolve inúmeras capacidades, nomeadamente a capacidade afetiva e cognitiva do indivíduo, ajudando-o a desenvolver novos saberes, a criatividade e o espírito crítico, tornando-se a longo prazo, uma mais-valia para a sociedade onde está inserido.

O contato com a arte facilita a comunicação com outros indivíduos de diferentes culturas, facilitando a interação social e cultural, quebrando todas as barreiras da diversidade, desempenhando um papel facilitador no desenvolvimento/integração especialmente nos indivíduos com necessidades educativas especiais (NEE). (DEB, 2001)

A arte proporciona à sociedade e à comunidade escolar, uma melhoria na qualidade do ensino. Todavia, quando se fala em melhoria na qualidade da educação, é

¹⁵ *Ibidem*

necessário referir também a importância da formação contínua de professores e de ações de formação para docentes, adequadas às necessidades da comunidade escolar.

Atualmente é considerado bastante útil, um professor apresentar o conceito de prática refletiva, de resolução dos problemas, recursos, estratégias e metodologias adaptadas à diversidade social, étnica e cultural.

Contudo, é da competência da escola e dos professores, proporcionar aos alunos, ao longo da sua formação, a oportunidade de vivenciar novas experiências, designadas no CNEB por “experiências de aprendizagem”.

Durante o 2º ciclo de estudos, a educação artística é composta por duas áreas distintas, são elas a Educação Musical (EM) e a Educação Visual e Tecnológica (EVT). A última por sua vez divide-se, dando origem à Educação Visual (EV) e à Educação Tecnológica (ET).

2. Alterações Curriculares no 2º ciclo do Ensino Básico

Segundo Pacheco, “Em Portugal, a reforma educativa tem como ponto de partida uma comissão criada em 1986 e denominada comissão de reforma do sistema educativo (CRSE)” (...) “a referida comissão elaborou um primeiro diagnóstico do sistema educativo português no qual identifica inúmeros pontos de crise.” (Pacheco. J. A., 1991).

O sistema educativo define-se por “um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação”. (LBSE, 1986)¹⁶ O mesmo tem como objetivo corresponder às necessidades da realidade social do país, garantindo à comunidade escolar, igualdade de oportunidades através de ações formativas diversificadas, “formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram” (LBSE, 1986), incentivando o desenvolvimento da sociedade.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo¹⁷ (LBSE), são os artigos 7º e 8º, que definem os objetivos gerais do ensino básico. Os mesmos referem que a frequência no ensino básico é universal, obrigatória, e com uma duração de nove anos¹⁸.

¹⁶ Fonte: Lei de bases do sistema educativo 46-86 pdf.

¹⁷ Lei n.º 115/97, de 19 de setembro, alteração à Lei n.º 46/86, de 14 de outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo.

¹⁸ Conforme o artigo 6º (Universalidade) da Lei de Bases do Sistema Educativo (1986).

Desta forma, a educação artística em Portugal faz parte do currículo nacional do ensino básico, acompanhado pelas orientações específicas do Ministério da Educação, que visa em (...) “valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios.”¹⁹ (DR, 1986)

Os princípios orientadores da organização e gestão curriculares do ensino básico, traçados pelo Ministério da Educação²⁰ determinam que em relação à educação artística, é necessário promover “o conhecimento dos elementos essenciais da expressão visual e musical e as regras da sua organização” e por sua vez, “contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética”, (ME, 2004 p. 14). Esta estratégia tem como objetivo, contribuir para o desenvolvimento dos trabalhos manuais, aptidões técnicas, resolução de problemas, criação de obras úteis/estéticas e estimular a iniciação do conhecimento e manuseamento das novas tecnologias. (ME, 2004, p.14-15)

De acordo com os princípios orientadores²¹ que compõem a estrutura curricular do ensino básico, o Ministério da Educação definiu o plano curricular que permite uma leitura fácil, para a compreensão global do currículo.

¹⁹ Artigo 7º da Lei n.º 46/86, de 14 de outubro 1986.

²⁰ Em vigor pelo Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, da Declaração de Retificação n.º 4-A/2001, de 28 de fevereiro e do Decreto-Lei n.º 209/2002, de 17 de outubro

²¹ Artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro.

PLANO CURRICULAR DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO²²

Componentes do Currículo		Carga horária semanal (x 90m)			
		5º ano	6º ano	Total Ciclo	
Educação para a cidadania	Áreas curriculares disciplinares				
	Línguas e Estudos Sociais.....	5	5,5	10,5	
	Língua Portuguesa; Língua Estrangeira; História e Geografia de Portugal;				
	Matemática e Ciências.....	3,5	3,5	7	
	Matemática; Ciências da Natureza;				
	Educação Artística e Tecnológica.....	3	3	6	
	Educação Visual e Tecnológica (b) ²³ Educação Musical				
	Educação Física.....	1,5	1,5	3	
	Formação Pessoal e Social	Educação Moral e Religiosa.....	0,5	0,5	1
	Áreas curriculares não disciplinares	3	2,5	5,5	
Área de Projeto Estudo Acompanhado Formação Cívica					
Total	16	16	32		
A decidir pela escola	0,5	0,5	1		
Máximo Global	17	17	34		

²² Planos curriculares publicados nos Anexos I, II e III do Decreto-Lei n.º 209/2002, de 17 de outubro. Tabela retirada em Ministério da Educação, (2004), Organização Curricular e Programas, p. 20.

²³ A lecionação da disciplina de EVT está a cargo de dois docentes em regime par pedagógico.

O ensino básico divide-se por três ciclos de estudos, designados por 1º, 2º e 3º ciclo. Estes articulam-se entre si através de três planos curriculares, com o objetivo de aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos anteriormente.²⁴

A Lei 46/86, artigo 47º²⁵, reforça ainda que, no que diz respeito ao desenvolvimento curricular:

“A organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontal e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afetivo, estético, social e moral dos alunos.” (LSEB, 1989)

A organização no 2º ciclo é feita por áreas interdisciplinares e é desenvolvida por um professor por área, exceto EVT, que é lecionada em par pedagógico.²⁶

Atualmente as escolas dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico têm vindo a sofrer alterações²⁷ e ajustamentos, por parte do Ministério da Educação (ME), relativamente à organização curricular.

“O Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, retificado pela Declaração de Retificação n.º 4 -A/2001, de 28 de fevereiro, e alterado pelos Decretos –Lei nº209/2002, de 17 de outubro, 396/2007, de 31 de dezembro, e 3/2008, de 7 de janeiro, aprova a organização curricular do ensino básico, estabelecendo os princípios orientadores da organização e da gestão curricular desse nível de ensino, bem como da avaliação da aprendizagem e do processo de desenvolvimento do currículo nacional. Nos termos do referido diploma, foram aprovados os desenhos curriculares dos 2.º e 3.º ciclo do ensino básico, constantes nos respetivos anexos, os quais integram áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, bem como a carga horária semanal de cada uma delas.”²⁸

²⁴ De acordo com o artigo 8º nº 2 da LBSE, 1989.

²⁵ Lei 46/86, artigo 47º nº 2 (Desenvolvimento Curricular) da LBSE 1989.

²⁶ Segundo o artigo 8º nº1 (b) da LBSE, 1989.

²⁷ As alterações curriculares foram concretizadas no Decreto - Lei 94/2011, 3 de agosto e publicadas no Diário da República, 1.ª série - N.º 148 - 3 de agosto de 2011.

Em dezembro de 2011, o Ministério da Educação e Ciência (MEC), apresentou uma proposta-base da revisão da estrutura curricular, com a pretensão em:

“ (...) ir mais além, concretizando medidas que ajustam o currículo às necessidades de um ensino moderno e exigente, tendo em vista uma melhoria dos resultados escolares dos nossos alunos e uma gestão racional dos recursos. A etapa de revisão da estrutura curricular que agora se inicia abre caminho a reformas curriculares mais profundas que permitirão melhorar significativamente o ensino das disciplinas fundamentais. Nesse sentido, criará as condições para uma definição das metas de aprendizagem disciplinares e reformulação posterior dos programas com vista a um trabalho consistente de alunos e professores na melhoria da aprendizagem”.²⁹

Esta nova proposta do Ministério da Educação pretende centrar o “currículo nos conhecimentos fundamentais” (...) “reforçando a aprendizagem nas disciplinas essenciais.” (...) ³⁰, criando autonomia às escolas e liberdade aos professores para aplicar a sua própria metodologia.

Uma das medidas que se destacam na proposta base da revisão curricular, é a eliminação da disciplina de EVT para dar lugar às disciplinas de Educação Visual (EV) e Educação Tecnológica/Tecnologias de Informação e Comunicação (ET/TIC). Ambas pretendem conter um programa próprio e um professor para cada uma. (MEC, 2011)

O atual ministro da educação, o professor Nuno Crato, afirma de forma ligeira, que a disciplina de “EVT é substituída pelas disciplinas de EV e ET mas que os conteúdos se mantêm, apenas se dividindo – uns ficam para EV e outros para a ET”. (APEVT, 2012) Contudo, sabe-se que com estas medidas em vigor, a extinção do par pedagógico na disciplina de EVT é uma realidade que ameaça o emprego de milhares de professores.

²⁸ Retirado do site: <http://dre.pt/pdf1sdip/2011/08/14800/0414204150.pdf> Acedido em: 24 de fevereiro 2012.

²⁹ Retirado do site :<http://www.portugal.gov.pt> – Consulta Pública – Proposta de revisão de estrutura curricular. Acedido em: 24 de fevereiro 2012

³⁰ *Ibidem*

Na figura seguinte, podemos verificar as matrizes curriculares que se apresentam atualmente em vigor.

PROPOSTA DO PLANO CURRICULAR 2º CICLO³¹

Áreas Disciplinares:	5º ano	6º ano
Línguas e Estudos Sociais Português Inglês História e Geografia e Portugal	12	12
Matemática e Ciências Matemática Ciências Naturais	9	9
Educação Artística e Tecnológica Educação Visual Educação Tecnológica Educação Musical	6	6
Educação Física	3	3
Educação Moral e Religiosa	(1)	(1)
<i>Tempo a cumprir</i>	30 (1)	30 (1)
Oferta complementar	(f)	(f)
Apoio ao Estudo (facultativo)	5	5

A proposta do plano acima descrito para o 2º ciclo de estudos, foi organizada de modo a constituir uma oportunidade para os alunos abrirem novos horizontes, procurando novos saberes e novas experiências, de forma a desenvolverem aprendizagens ativas. A mesma tem como objetivo corresponder e adaptar essas experiências à realidade atual da criança, diversificando as modalidades de trabalho

³¹ Matriz curricular atualizada, 3º versão do documento, junho 2012.

Carga horária semanal está organizada em períodos de 45 minutos. Do total da carga, no mínimo 2X45 para Educação Visual.

Fonte: Sindicato dos Professores do Norte – Organização Curricular 2012. Acedido em 20 de agosto 2012
URL: <http://www.spn.pt/?aba=27&mid=115&cat=188&doc=3148>

escolar, utilizando recursos variados nos materiais, técnicas e processos de desenvolvimento, de modo a proporcionar à comunidade escolar uma aprendizagem significativa, diversificada, integrada e socializadora.

Todavia, os princípios aqui mencionados exigem do professor competência profissional, para saber lidar com a diferença, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada indivíduo, valorizando as suas experiências anteriores, respeitando os seus interesses e necessidades, de forma a mobilizar atitudes, criando estratégias adequadas a todos os alunos. (ME, 2004, p.22-23)

De acordo com os objetivos da Comissão Nacional:

“Entre as tarefas da UNESCO no âmbito da sua missão, encontra-se a de promover a expansão e a melhoria da qualidade da educação, entendida como direito fundamental do indivíduo e instrumento essencial para uma política de diálogo entre os cidadãos e os Estados. O lema Educação Para Todos implica o combate às discriminações no acesso ao ensino e a educação contínua ao longo da vida, como meio de melhorar a adaptação às transformações do mundo atual. (UNESCO, 2001)

O mais recente despacho³² publicado pelo Ministério da Educação, no Diário da República, pretende conferir à administração e gestão dos estabelecimentos de ensino, autonomia pedagógica e organizacional nas suas escolas.

O ME solicita às escolas “maior flexibilidade na organização das atividades letivas, aumentar a eficiência na distribuição do serviço e valorizar os resultados escolares.”³³ Esta decisão permite às escolas implementarem os seus próprios projetos, valorizando as experiências adquiridas pelos alunos, tendo em conta os materiais e recursos humanos disponíveis.

O ME pretende, “que cada escola se torne mais exigente nas suas decisões e estabeleça um forte compromisso de responsabilização pelas opções tomadas e pelos resultados obtidos. A concretização da autonomia pedagógica e organizativa exige decisões sustentadas pela escola, exige condições por parte desta para as concretizar,

³² Diário da República - Despacho Normativo nº 13-A/2012. 5 de junho 2012.

³³ *Ibidem*

exige recursos e uma boa gestão destes.”³⁴, com esta tomada de decisão, o ME tem como principal objetivo conferir maior consistência no que respeita à educação, de forma a atingir bons resultados escolares.

2.1 Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais

Segundo a etimologia, a palavra “currículo” provém do latim *curriculum*, que significa “pista de corrida”. Todavia, é durante o percurso dessa “corrida”, ou seja, do currículo, que nos tornamos quem nós somos. (Silva, T.T, 2000).

O currículo obedece a uma estrutura organizada e selecionada por disciplinas, acompanhadas por sugestões metodológicas para o desenvolvimento das temáticas e conteúdos programáticos a serem abordados.

Em Portugal, entende-se como currículo a “organização curricular”. Esta última refere-se a uma estrutura das matérias contempladas no programa de ensino, apresentando um esquema dos conteúdos programáticos.

Vários autores fazem uma breve definição de currículo. Segundo Foshway (1969), o currículo define-se como “ o conjunto de todas as experiências que o aluno adquire, sob a orientação da escola”, Sailor (1966), salienta que “ o currículo engloba todas as experiências de aprendizagem proporcionadas pela escola”, Phenix (1958), refere-se ao mesmo como, “um método organizado do programa educacional da escola e descreve a matéria, o método e a ordem do ensino – o que, como e quando se ensina”, por último, Johnson (1977), realça que “ o currículo é uma série estruturada de resultados de aprendizagem que se tem em vista. O currículo prescreve (ou, pelo menos, antecipa) os resultados do ensino; não prescreve os meios.” (Ribeiro.A.C., s.d)

Desta forma entende-se como currículo, um planeamento estruturado do que se pretende ensinar, utilizando uma metodologia auxiliada por manuais e materiais didáticos, que tem como objetivo responder às necessidades dos alunos e da comunidade onde estão inseridos. Compreende-se que o mesmo, deveria de ser adequado e aproximando à realidade dos estudantes e ao seu meio envolvente. Neste caso, não devia de haver um modelo de currículo igual para todos, mas um modelo a ser desenvolvido de maneira a proporcionar aos alunos uma série de experiências e aprendizagens, devidamente ajustadas, organizadas e estruturadas aos conteúdos a

³⁴ *Ibidem*

ensinar, tendo como objetivo a aquisição dos resultados de aprendizagem desejados durante o percurso escolar dos alunos.

Segundo a Lei de Bases do Ensino Básico (LBSE) no 2º ciclo, “os objetivos específicos de cada ciclo integram-se nos objetivos gerais do ensino básico (...)” considerando algumas particularidades, tais como:

“Para o 2.º ciclo, a formação humanística, artística, física, e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica, visando habilitar os alunos a assimilar e interpretar crítica e criativamente a informação, de modo a possibilitar a aquisição de métodos e instrumentos de trabalho e de conhecimento que permitam o prosseguimento da sua formação, numa perspetiva do desenvolvimento de atitudes ativas e conscientes perante a comunidade e os seus problemas mais importantes; (LBEB, 1989)³⁵

O documento publicado pelo Ministério da Educação (2001), denominado por Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB), clarifica as competências a alcançar no final do ensino básico e determina as competências gerais³⁶, bem como as suas formas de operacionalização e as ações a desenvolver por cada professor.

O CNEB determina ainda alguns pressupostos da LBSE, que sustentam um conjunto de valores e princípios orientadores do currículo, considerados importantes, tais como:

A tomada de consciência da identidade pessoal e social; A participação ativa na sociedade, de forma crítica e responsável; O respeito pelo outro e pela sua diversidade; A valorização do conhecimento, comunicação e expressão; O desenvolvimento da

³⁵ Artigo 8º nº3 (b) da Lei de Bases do Sistema Educativo 1989.

³⁶ As dez competências gerais definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) são: “1-Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano; 2- Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar; 3- Usar corretamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio; 4- Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação; 5- Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objetivos visados; 6- Pesquisar, selecionar e organizar informação para transformar em conhecimento mobilizável; 7- Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões; 8- Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa; 9- Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns; 10- Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspetiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.” (DEB, 2001)

estética; O desenvolvimento da capacidade crítica e intelectual; Consciencialização dos indivíduos para a conservação do património natural e cultural; Valorização dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros. (CNEB, 2001, p. 15).

Estes valores e princípios orientadores, determinados pelo ME e descritos no CNEB, servem para clarificar os objetivos que pretendem atingir. O mesmo documento explica que as competências são desenvolvidas “como saberes em uso, necessárias à qualidade da vida pessoal e social de todos os cidadãos, a promover gradualmente ao longo da educação básica.” (CNBE, 2001, p.15)

Deste modo, cada docente de cada área curricular³⁷ existente no 2º ciclo deveria trabalhar em conjunto com colegas das outras disciplinas, a transversalidade e a interdisciplinaridade de forma a ampliar o conhecimento dos alunos.

2.1.1 Currículo Multicultural

Enquanto processo de sociabilização, a educação está inserida em espaços destinados para a prática da mesma, que se designa por “espaços escolares” ou “escolas”.

“O currículo multicultural persegue quatro objetivos principais: levar as crianças a aceitarem a sua identidade pessoal e étnica e a terem orgulho nela; serem capazes de funcionar eficazmente noutras culturas; relacionarem-se bem com indivíduos pertencentes a outros grupos étnicos ou culturais e; aprenderem a língua portuguesa sem esquecerem a língua materna. Para atingir estes objetivos, importa que os professores tenham consciência da necessidade de adaptarem o currículo à diversidade étnica e cultural.” (Marques.R, 1997, p.43)

Portugal tem acolhido ao longo das últimas décadas, um número consideravelmente elevado de emigrantes oriundos dos mais diversos países. Surgindo assim, a necessidade de reestruturar o sistema e instituições educativas.

³⁷ As áreas definidas no CNBE são: Língua Portuguesa, as Línguas Estrangeiras, a Matemática, o Estudo do Meio, a História, a Geografia, as Ciências Físicas e Naturais, a Educação Artística, a Educação Tecnológica e a Educação Física.

Hoje em dia, existem inúmeras iniciativas relacionadas com a educação Multicultural. Contudo, apesar dos esforços praticados, Portugal ainda tem um longo caminho a percorrer no sentido da interculturalidade. Considero ainda haver muito “trabalho” a fazer, nomeadamente a forma como acolhemos e nos relacionamos com os emigrantes estrangeiros.

As iniciativas multiculturais deviam de começar nas escolas, formando professores, pessoal não docente, pais e alunos pertencentes ao grupo dominante, ajudando-os a compreender esta nova realidade, e aceitar que todos têm o direito de ter as mesmas oportunidades, independentemente do seu país de origem, facilitando a sua integração nas escolas e a sua integração na sociedade. A escola deve permitir a “qualquer criança, em função das suas próprias capacidades, chegar à melhor situação social possível, onde os critérios de seleção e de orientação são por isso intrínsecos à personalidade do aluno e não sofrem o efeito da origem social” (Van Haecht, 2001)

Em relação ao sistema de ensino em Portugal, considero benéfico para todos os alunos, se o currículo escolar fosse direcionado para os mesmos, ou seja, abordando matérias de seu interesse de forma a motiva-los, inculcando nos alunos a curiosidade pelo saber e pelo aprender, e não o contrário.

2.1.2 Expressão Artística como mediadora da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

Em Portugal, a educação inclusiva para os alunos com NEE, teve início nos anos 90, e o número de apoiantes tem vindo a aumentar de ano para ano. Ainda assim, existe um longo caminho a percorrer neste sentido.

Atualmente em Portugal, a inclusão é um objetivo das políticas públicas, das escolas e da própria comunidade onde estas crianças estão inseridas.

Apesar de existir boa vontade por parte da direção de algumas escolas, professores, funcionários, famílias e comunidade, ainda se sente muitas dificuldades na inclusão de crianças com NEE, na escola regular.

A maioria das escolas e a sociedade em geral, ainda não estão preparadas para a aceitação da diferença. Apesar dos inúmeros esforços para reverter este quadro, ainda se verificam mais atitudes excludentes que atitudes inclusivas. Para que haja uma inclusão bem-sucedida, é necessário aceitar e respeitar as diferenças.

O primeiro obstáculo encontrado nas escolas reside na ausência de oferta de recursos técnicos e recursos didáticos adequados para cada tipo de caso, e a falta de capacitação e formação dos professores, que recebem crianças portadoras de deficiência, na sua sala de aula.

Pesquisas desenvolvidas nessa área, recaem sobre as expressões artísticas, como mediadoras da educação inclusiva para os alunos com NEE. A educação através da arte constitui um auxílio importante para a construção, desenvolvimento e potencialidade cognitiva do ser humano.

O austríaco Franz Cizec colocou em prática a arte infantil. Em 1897 fundou um curso de arte para crianças, e durante quarenta e um anos observou milhares de desenhos, e pesquisou sobre as leis que regem a atividade criadora da criança, nascendo uma nova pedagogia, o ensino pela arte.

Através da arte a criança organiza o seu mundo interior, ela expressa as suas emoções, sentimentos, medos e sonhos. Comunica através do desenho, o que sente sobre o mundo que a rodeia, e não aquilo que vê.

A criança com deficiência física, não deveria estar inserida num mundo à parte para desenvolver as suas habilidades motoras. É preciso que receba os benefícios tecnológicos e de reabilitação em constante interação com o ambiente à qual pertence.

A aprendizagem de habilidades faz todo o sentido, quando a criança está imersa num ambiente compartilhado, que permite o convívio e a participação.

A abordagem pedagógica para crianças com deficiências na educação, enfatiza o direito de ser criança como as outras, poder brincar e viver experiências significativas de forma lúdica e informal.

O ambiente escolar é para qualquer criança, o espaço de interação com outras crianças. É nesse espaço que nos vemos motivados a comunicar e sentir a necessidade de nos movimentar, entre outras habilidades que nos fazem pertencer ao género humano.

É necessário que o professor fique atento e avalie o nível de participação de todos os seus alunos sem excluir ninguém. Deve procurar apresentar estratégias e recursos favoráveis no sentido de qualificar a interação do aluno com a turma e promover o acesso ao conhecimento escolar. O professor deve procurar encontrar material escolar e pedagógico adaptado e deve despertar interesse tanto em si próprio como no aluno para a criatividade e para a resolução de possíveis barreiras que impeçam o acesso às aprendizagens.

Na prática, o desenvolvimento de recursos para a aprendizagem dos alunos com deficiência, leva os docentes a desenvolver recursos para todos. E todos os alunos gostam e desafiam-se diante de materiais ricos em estímulos, tornando a aula mais atraente, significativa e que todos beneficiam.

3 A disciplina de Educação Visual e Tecnológica

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica, tal como a conhecemos hoje, formou-se há mais de vinte anos, resultado da junção das disciplinas de Educação Visual (EV) e Trabalhos Manuais (TM). Ambas faziam parte da estrutura básica do currículo do ciclo preparatório, no ano letivo de 74/75.

Sem qualquer pretensão em formar artistas plásticos, o objetivo principal da disciplina de Educação Visual, “constitui-se como uma área de saber que se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual.”³⁸ A mesma ocupava dois tempos letivos e era ministrada por apenas um docente. Por sua vez, a disciplina de Trabalhos Manuais, era fundamentada no ensino dos ofícios, ocupando quatro tempos letivos e ministrada por dois docentes.

A justificação da existência de um par pedagógico na disciplina de Trabalhos Manuais deve-se ao fato de ser uma disciplina de prática e de projeto, desta forma, dois docentes dariam maior apoio aos alunos. (Fernandes P., 2012)

No final da década de 80³⁹, as disciplinas EV e TM extinguiram-se, de acordo com a Reforma da Reorganização Curricular⁴⁰.

A Reforma Educativa em Portugal⁴¹, denominada por Comissão de Reforma do Sistema Educativo (CRSE), identificou alguns pontos de crise no sistema educacional, e

³⁸ Currículo Nacional do Ensino Básico, (s.d) Competências Essenciais, Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, pp.155. Acedido em 19 de agosto 2012.
URL:http://sitio.dgicd.minedu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/84/Curriculo_Nacional.pdf

³⁹ A disciplina de Educação Visual e Tecnológica surgiu em 1989.

⁴⁰ Decreto-Lei 268/89 de 29 de agosto, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de janeiro permanecendo em vigor até 2011/2012.

⁴¹ A reforma em Portugal teve como ponto de partida a comissão nacional, criada em 1989.

“como solução propõe diversas atividades a desenvolver, concretamente na melhoria da qualidade de ensino, modernização da gestão do sistema, fomento da criatividade e da inovação ⁴²(...)” (RPE, 1991)

Esta nova disciplina (EVT), mostra uma evolução no ensino das artes afastando-se da tradicional arte do ofício, aproximando-se das “ (...) tendências da educação/arte de Dewey, Lowenfeld, Read, Stern, Green, Baynes, Eisner, Munari, Barret e outros.” (Fernandes P., 2012).

A disciplina Educação Visual e Tecnológica, divididas em Educação Visual e Educação Tecnológica, perfazem no total, cinco tempos letivos, contando com o apoio de dois docentes em regime par pedagógico.

De acordo com o plano de organização e aprendizagem de EVT⁴³, por ser uma disciplina eminentemente prática, é aconselhável para as crianças dentro desta faixa etária a divisão dos cinco tempos semanais organizados em duas sessões de dois tempos e uma sessão de um tempo.

Segundo a “Orientação Metodológica”, considera-se pedagogicamente incorreto a divisão das áreas de exploração e conteúdos para o 2º ciclo de estudos. Contudo, é importante a “ (...) diversificação das experiências dos alunos e a integração das aprendizagens na vida vivida por eles (...)” (EVT, 1991, p.6)

O plano de organização e aprendizagem de EVT sugere três fichas estruturadas, uma geral e duas individuais. A ficha geral proporciona ao professor a organização da metodologia a utilizar, de forma a evitar lacunas que sejam prejudiciais à aprendizagem dos alunos neste ciclo de estudos. A segunda e a terceira ficha são de autoavaliação, a preencher pelo aluno. O objetivo das mesmas é proporcionar ao professor uma visão ampla dos conhecimentos atingidos pelos seus alunos, de forma a organizar e planificar, uma unidade de trabalho adequada.

A disciplina de EVT tem como objetivo desenvolver nos alunos algumas capacidades tais como, a sensibilidade estética, a criatividade, o sentido crítico a capacidade de comunicação desenvolvimento de aptidões técnicas e manuais,

⁴² Projeto Global Atividade, CRSE, 1989. Retirado do artigo de Pacheco, J.A. da Revista Portuguesa da Educação (1991).

⁴³ Educação Visual e Tecnológica, (1991), *Plano de Organização e Aprendizagem – Volume II*. Programas aprovados pelo Despacho n.º 124/ME/91, de 31 de Julho, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 188, de 17 de Agosto.

compreensão do universo tecnológico, capacidade de intervenção na sociedade e a resolução de problemas.

O programa de EVT⁴⁴ define a sua metodologia centrada no método de resolução de problemas. Desenvolver a capacidade de resolver problemas, é um dos objetivos a atingir pelos alunos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica e cabe ao professor estimular e orientar os mesmos, a investigar e descobrir individualmente a solução do problema proposto na aula.

Bruno Munari⁴⁵, desenvolveu uma metodologia, onde estabelece etapas para responder com maior eficácia à solução do problema, essas etapas são definidas por: Problema; Definição do Problema; Componentes do Problema; Ideia; Recolha e Análise de Dados; Criatividade; Materiais e Tecnologia; Experimentação; Modelo; Verificação; Desenho Construtivo; e Solução.

Desenvolver a capacidade de resolver problemas, ajuda os alunos a criar os seus próprios métodos, a aprofundar a sua investigação, a executar o projeto com as informações obtidas anteriormente, e verificar se as mesmas funcionam, atingindo por fim a solução pretendida. Todavia, é da responsabilidade do professor “fornecer as etapas a que a resolução de problemas obedece.”⁴⁶

A figura seguinte apresenta a estrutura do programa de acordo com a disciplina de EVT, segundo o Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem⁴⁷.

⁴⁴ Educação Visual e Tecnológica, Plano de Organização Ensino-Aprendizagem, Volume II, aprovados pelo Despacho n.º 124/ME/91, de 31 de julho, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 188, de 17 de agosto.p.11

⁴⁵ Munari, B (1998), *Das Coisas Nascem Coisas*. São Paulo, Martins Fontes.

⁴⁶ Educação Visual e Tecnológica, (1991), Plano de Organização Ensino-Aprendizagem, Volume II.

⁴⁷ *Ibidem*

ESTRUTURA DO PROGRAMA DA DISCIPLINA DE EVT		
CAMPOS ^{a)}		
Ambiente – Comunidade - Equipamento		
	Conteúdos ^{b)}	Áreas de Exploração ^{c)}
Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> ○ Problemas do sentido ○ Codificações ○ Imagem na comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> ● Alimentação ● Animação ● Construção ● Desenho ● Fotografia ● Hortofloricultura ● Impressão ● Mecanismos ● Modelação/Modelagem ● Pintura ● Recuperação e manutenção de equipamentos ● Tecelagem/Tapeçaria ● Vestuário
Energia	<ul style="list-style-type: none"> ○ Fontes de energia ○ Formas de energia ○ Transformação de energia 	
Espaço	<ul style="list-style-type: none"> ○ Relatividade da posição dos objetos no espaço ○ Organização no espaço ○ Representação no espaço 	
Estrutura	<ul style="list-style-type: none"> ○ Estrutura das formas ○ Estrutura dos materiais 	
Forma	<ul style="list-style-type: none"> ○ Elementos da forma ○ Relação entre as formas e os fatores que as condicionam ○ Valor estético da forma 	
Geometria	<ul style="list-style-type: none"> ○ Formas e estruturas geométrica no envolvimento ○ Formas e relações geométricas puras ○ Operações constantes na resolução de diferentes problemas 	
Luz/Cor	<ul style="list-style-type: none"> ○ Natureza da cor ○ A cor no envolvimento ○ Simbologia da cor 	
Material	<ul style="list-style-type: none"> ○ Origens e propriedades ○ Transformação de matérias-primas ○ Impacto ambiental 	
Medida	<ul style="list-style-type: none"> ○ Métodos de medição ○ Unidades de medida ○ Instrumentos de medição 	

Movimento	<ul style="list-style-type: none">○ Tipos de movimento○ Produção de movimento○ Representação de movimento	
Trabalho	<ul style="list-style-type: none">○ Relação técnica/Materiais○ Produção e organização○ Higiene e segurança	

Esquema baseado nos conteúdos e áreas de exploração do programa de EVT. (EVT, 1991, pp.13-33)

Verifica-se que a estrutura do programa está dividida em três grandes campos designados por: Ambiente, Comunidade e Equipamento, e subdividida em áreas de exploração e conteúdos, promovendo a diversificação e experiências vivenciadas pelos alunos. (EVT, 1991)

4 Cinema e cinema de animação

“Quando pensamos em “cinema”, consideramos inevitavelmente o edifício no qual podemos assistir a um espetáculo em que se conta uma história durante cerca de hora e meia, por meio de sons e imagens obtidos fotograficamente e projetados numa tela plana, com simulação de movimento numa sala escura, ocupada por espetadores sentados com os olhos voltados na direção das imagens. Este espetáculo corresponde àquilo que vulgarmente reconhecemos como simplesmente “filme”. Graça, M (2006)⁴⁸

O cinema designado por cinema “normal”, é frequentemente confundido com o cinema de animação e outras práticas fílmicas, entre as quais encontramos o filme animado, particularmente o filme de autor.

O cinema “normal” é identificado como uma longa-metragem comercial, utilizando como média, as próprias salas de cinema. Esta proposta audiovisual pertence à grande indústria cinematográfica, cujo objetivo principal é cativar o público para qual se destina, de forma a aumentar a venda de ingressos nas bilheteiras.

Atualmente a animação tornou-se mais comercial do que o cinema experimental,

⁴⁸ Texto de Graça, M. E., (2006), *Entre o Olhar e o Gesto*, Senac, p.28-29

devido ao enorme sucesso das longas-metragens realizadas pela grande indústria cinematográfica Walt Disney Pictures & Pixar. No entanto existem diferenças entre a “imagem real” (cinema) e o cinema de animação⁴⁹.

O espetáculo cinematográfico (cinema) utiliza a “imagem real” incluindo uma grande produção inerente a este, que depende obrigatoriamente de mecanismos e procedimentos mediados através da tecnologia. Graça.M.E (2006).

Nos últimos anos no âmbito do cinema de animação, a evolução da tecnologia e das técnicas digitais têm vindo a aumentar consideravelmente com a utilização da imagem 3D, com o objetivo de abranger não apenas o público infantil mas ganhar destaque também junto ao “grande público”.

Atualmente com uma simples máquina fotográfica digital, uma *webcam*, uma câmara de filmar e um *software* de montagem, qualquer pessoa é capaz de fazer um filme de animação. Contudo, a animação não é apenas segurar numa máquina e carregar num botão, existem muitas outras formas de animar imagem a imagem. Segundo Marina Graça (2006) “é possível fazer animação sem que ela apareça numa tela ou, tampouco, tenha sido registada em filme ou vídeo”(…), verificamos esta afirmação nos brinquedos óticos, tais como o taumatropo, o fenasquistoscópio, zootropo, entre outros, no entanto o mais apreciado pelas crianças desde os finais do século XIX, são os *flipbooks*⁵⁰.

A palavra animação deriva do verbo latino “*animare*”, que significa “dar vida a”. Para Norman MacLaren, ‘a animação não é a arte do desenho que se move, mas, antes, a arte dos movimentos que são desenhados’, ou seja, desenhar uma sequência de imagens e criar pequenas variações entre cada fotograma. A ilusão do movimento acontece no momento em que são projetadas vinte e quatro imagens por segundo, dando alma e movimento a desenhos/objetos inicialmente inanimados, independentemente da técnica utilizada pelos animadores. Qualquer que seja a técnica utilizada na animação envolve sempre uma sequência de imagens denominadas por fotogramas.

⁴⁹ O cinema de animação é um conjunto de técnicas, que permitem realizar um filme, utilizando imagem a imagem, sendo necessários 24 fotogramas para criar um segundo de filme.

⁵⁰ Os *flipbooks* são pequenos livros que contêm uma série de imagens organizadas sequencialmente e variam gradualmente de desenho para desenho, criando uma sequência animada através da ilusão do movimento, obtido pelo passar rápido das folhas.

4.1 Animação em Portugal

O panorama sentido em Portugal, no início dos anos 90 face à produção de cinema de animação, era desmotivador. Segundo Abi Feijó (2002), “A política do Instituto Português do Cinema (...), era conduzida no sentido de não disponibilizar verbas para as curtas-metragens de animação, acabando por comprometer o desenvolvimento de toda uma geração de jovens produtores, que aos poucos foi esmorecendo.”⁵¹

No final de 91, com os primeiros concursos destinados para as curtas-metragens, surgiram mais apoios, mudando a política face ao setor. As verbas destinadas para o cinema de animação aumentaram significativamente, estabilizando a indústria nacional de cinema de animação.

Nos últimos anos, o estado português tem negligenciado o cinema de animação como forma de arte, valorizando outros setores. Verifica-se falta de profissionais qualificados e de ofertas formativas especializadas, nomeadamente nas escolas de ensino secundário. Desta forma, as produtoras sentem dificuldade em encontrar animadores profissionalizados, acabando por formar os mesmos em contexto de trabalho. Segundo Feijó, “Os profissionais que trabalham no cinema de animação foram formados no âmbito das próprias produções, sobretudo de curtas-metragens.”

Atualmente tem-se verificado um crescimento de ofertas formativas no Ensino Superior. Em 2010, foi elaborado um plano de estudos com base em orientações determinadas no encontro nacional de profissionais de Animação. Este plano tem como objetivo, formar profissionais criativos no âmbito geral da produção de documentos visuais e audiovisuais.⁵²

Em Portugal, nomes conhecidos como: Abi Feijó, José Pedro Cavalheiro (Zepe) e Fernando Saraiva, são alguns dos profissionais que desenvolveram trabalho muito relevante nesta área. No entanto, infelizmente não existe muitas publicações científicas disponíveis *online*, que refiram as metodologias desenvolvidas com crianças, em projetos de produção de imagem animada.

⁵¹ Citação de Abi Feijó retirada numa entrevista à “*A página da Educação*” (2002). Arquivo vivo nº 111, p.36.

⁵² Informação retirada do panfleto online da Universidade do Algarve (2011-2012), referente ao plano de estudos do *Curso de Licenciatura em Imagem Animada*. Acedido em 12 de março 2012. Disponível online no URL:http://w3.ualg.pt/~mgraca/PANFLETO_Lic-Imagem-animada_11out09.pdf

4.1.1 Ofertas formativas

Atualmente tem-se verificado um crescimento de ofertas formativas no Ensino Superior. Em 2010, foi elaborado um plano de estudos com base em orientações determinadas no encontro nacional de profissionais de Animação. Este plano tem como objetivo, formar profissionais criativos no âmbito geral da produção de documentos visuais e audiovisuais.⁵³

Em Portugal, nomes conhecidos como: Abi Feijó, José Pedro Cavalheiro (Zepe) e Fernando Saraiva, são alguns dos profissionais que desenvolveram trabalho muito relevante nesta área. No entanto, infelizmente não existe muitas publicações científicas disponíveis *online*, que refiram as metodologias desenvolvidas com crianças, em projetos de produção de imagem animada.

Segundo Marina Graça (2007), ” (...) é urgente conceber, observar, classificar, e sistematizar experiências no sentido de construir um modelo fundamental de metodologia (conjunto de estratégias) suficientemente flexível de modo a poder ser adaptado às condições específicas do grupo de crianças com ao qual se pretende trabalhar.”⁵⁴

Nos últimos anos notam-se algumas pesquisas desenvolvidas em trabalhos de mestrado de alunos universitários e propostas didáticas referentes a esta temática.

É o exemplo do *software* “ANIMATROPE – Máquina Virtual de Animação, desenvolvido pelo professor Sérgio Nogueira, do Departamento de Expressões da Escola Básica 2,3 Dr. João de Barros, localizada na Figueira da Foz.

Este projeto foi inicialmente desenvolvido no âmbito de um projeto escolar, com o apoio do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação.

O *software* designado por, “ (...) ANIMATROPE – Máquina Virtual de Animação, pretende constituir um instrumento para os alunos desenvolverem novas formas de expressão através de um recurso de multimédia interativo”, um “*software* didático para a aprendizagem e expressão da imagem em movimento”.⁵⁵

⁵³ Informação retirada do panfleto online da Universidade do Algarve (2011-2012), referente ao plano de estudos do *Curso de Licenciatura em Imagem Animada*. Acedido em 12 de março 2012. Disponível online em URL:http://w3.uaalg.pt/~mgraca/PANFLETO_Lic-Imagem-animada_11out09.pdf

⁵⁴ Retirado de um artigo online de Graça, M. E., (2007), *Imagens animadas por crianças na sala de aula: motivação, literacia e criatividade*. *Revista Convergências*

⁵⁵ Citação retirada do artigo publicado na Revista InFormar, (2003), n.º 19 da APEVT, Disponível *online* em URL:<http://www.animatrope.com/projecto.asp>, em formato pdf. Acedido em 12 de junho 2012

Atualmente é grande a oferta para o uso das novas tecnologias e as crianças foram desenvolvendo uma relação íntima com as mídias tecnológicas, é o caso dos jogos eletrónicos, *Playstation Portable (PSP)*, *Playstation (PS)* e a *WII* como entretenimento eletrónico. “Assim, é colocada em evidência a importância dos novos media eletrónicos numa infância que nos dias de hoje, deixou de reconhecer o lápis como o único instrumento de inscrição e de expressão.” Nogueira, S. (2003)

É um projeto muito interessante e totalmente português, destinado aos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico, centrado na realização experimental de animação. Trata-se de um recurso didático para a aprendizagem dos princípios básicos da animação e do discurso multimédia, com o objetivo de desenvolver competências no âmbito da imagem em movimento recorrendo à utilização das novas tecnologias.

Contudo, considero ainda haver um longo caminho a percorrer, no sentido da utilização e compreensão das novas mídias e na valorização da imagem animada como forma de arte. A exploração desta arte em contexto escolar, motiva e desenvolve competências, não apenas nos alunos, mas em professores interessados e preocupados em criar novas oportunidades na comunidade escolar, que pode resultar na procura de formações especializadas na área, de forma a dar o seu contributo para uma melhor preparação aos jovens face aos avanços tecnológicos e às exigências atuais do mercado de trabalho.

4.2. A utilização das Novas Tecnologias

4.2.1 Tecnologias de Comunicação e Informação

Ao longo dos anos o computador tem vindo a ocupar um lugar de destaque na sociedade. Segundo Sousa, A.B., “ O computador é um aparelho eletrónico que está hoje presente em todos os setores da vida social, comercial, industrial, escolar e familiar.”⁵⁶

Atualmente é considerado uma ferramenta frequentemente utilizada e indispensável no âmbito da educação, trabalho, interação e comunicação com pessoas de diferentes culturas.

⁵⁶ Sousa, Alberto B., *Educação pela arte e artes na educação. 3º volume – Músicas e Artes Plásticas*, pp.321

De acordo com os estudos internacionais financiados pela comissão Europeia (CE), verifica-se que através do computador, a utilização da Internet entre as crianças, tem vindo a aumentar exponencialmente. Estas constituem um grupo-alvo e cada vez mais cedo têm acesso e se iniciam na utilização da Internet, através das novas tecnologias.

Quando bem utilizada, esta forma interativa de comunicação social global, possui inúmeras vantagens; permitindo o acesso a informações, a interação com pessoas de outras culturas e funciona como ferramenta integradora para os incapacitados. (Ponte, C., & Vieira, N.,2007)

Com o aumento da utilização da *internet*, aumenta também a utilização de plataformas diversificadas, tais como o telemóvel, consolas ou *tablet*. Estas novas Mídias, criam à sociedade e aos jovens, uma nova possibilidade e facilidade, na produção de conteúdos de vídeo, posteriormente publicados, em *blogs* ou *sites*, como *youtube*, *myspace* ou *facebook*, entre outros.

Segundo os dados estatísticos recolhidos pelo INE (2010), em Portugal verifica-se que mais de 91% dos jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, utilizam a Internet com regularidade.

Os dados estatísticos anteriormente mencionados mostram que o futuro está centrado nas novas tecnologias. Atualmente, um grande número de famílias adquirem computadores para uso próprio, tornando este instrumento indispensável em casa. Por conseguinte, cada vez mais cedo as crianças/jovens despertam a sua curiosidade para a utilização e manuseamento das novas tecnologias e na maioria das vezes, com a permissão dos pais/encarregados de educação.

A criança encontra facilmente no computador *softwares* que lhe permite exprimir e desenvolver a sua criatividade. As possibilidades de expressão plástica em *software* de tratamento de imagem são quase infinitas. Com esta sofisticada ferramenta, é possível trabalhar com lápis, pincéis, borracha, uma paleta diversificada de tintas, sprays e marcadores. Com o mais básico dos *softwares* de tratamento de imagem, é possível transformar imagens, reconfigurar, redimensionar inverter, criar diferentes fundos e tratamentos.

Com esta variedade de possibilidades, as crianças desenvolvem um fascínio e uma habilidade natural em trabalhar com máquinas eletrónicas, e segundo este ponto de

vista, o professor não terá de se preocupar em ensinar à criança, no que diz respeito ao funcionamento da máquina, ela aprenderá sozinha, experimentando e desenvolvendo a sua capacidade de autoaprendizagem e auto-motivação. Porém o professor deve de trabalhar neste sentido de forma a surpreender, cativar e dar resposta aos seus alunos.

Contudo o computador não é apenas um instrumento indispensável no ensino nem uma ferramenta de autoaprendizagem. Segundo Sousa, A.B. (2003), é também “ (...) um instrumento, tal como um lápis, um livro ou um garfo, (...) um instrumento que possibilita o estreitar da relação afetiva. Pai e filho, professor e aluno trabalham em conjunto no computador.”

A citação anterior revela que a presença de um adulto, durante a utilização do computador pela criança é fundamental a nível afetivo. Porém é importante referir e consciencializar os pais / encarregados de educação e professores que essa utilização é benéfica se for feita por tempo limitado.

“A presença de um adulto, inclusivamente jogando com a criança, garantirá que ela não se isole nem que desenvolva qualquer obsessão pelos jogos de computador.”
Sousa, A. B. (2003).

Segundo a *World Association for Online Education*, é recomendado aos pais e educadores o uso do computador por apenas 1 hora por dia, a crianças a partir dos 8 anos de idade, devido à sua resistência visual.⁵⁷

Neste sentido, é importante o professor refletir, criar estratégias, metodologias e planificações adequadas, com o objetivo de dar respostas de sucesso às necessidades dos alunos.

Segundo Rogers (2009), ensinar é mais do que transmitir conhecimentos, é despertar a curiosidade dos alunos sobre todas as matérias, incentivando-os a ir mais além das suas capacidades, promovendo uma aprendizagem significativa.

A utilização desta forma de média, em contexto escolar proporciona ao professor a criação de metodologias e de estratégias interessantes, com o objetivo de desenvolver atividades que motivem e despertem a curiosidade dos alunos, promovendo a motivação e interesse nas atividades curriculares, orientando-os posteriormente na procura do seu próprio conhecimento.

⁵⁷ Informação retirada segundo a grelha apresentada no livro de Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - 3º volume – Música e artes Plásticas*. p. 324.

4.2.2 Captação da imagem animada

“A conquista da imagem é uma das grandes características essenciais do século XX.” Sousa. A.B (2003)

Ao longo da história, o homem deu sempre muita importância à representação do movimento das coisas, animais e pessoas. “Em diversos exemplos temos sugestões de movimento ainda mais intenso, como animais pintados em cavernas ostentando bem mais patas do que têm na realidade.”⁵⁸ Júnior, A. L. (2002)

Representar o movimento era algo que o homem ansiava conseguir. Ao longo da história da arte, conseguimos observar a sugestão de movimento representada em algumas obras de artistas de referência.

“Leonardo Da Vinci toca no problema da animação com o seu famoso desenho *Proporções do corpo humano*, feito para ilustrar um texto de Vitruvius, no qual representa um homem exibindo o dobro dos seus membros. Marcel Duchamp, com a sua famosa pintura de inspiração futurista *Nu descendo uma escada*, evoca a dinâmica plástica do movimento numa sequência de posições de uma personagem num único quadro.” Júnior, A, L (2002)⁵⁹

Atualmente, para capturar um determinado movimento é necessário registar uma sequência de fotografias. As mesmas ao serem projetadas pela mesma ordem sequencial obtemos a ilusão de movimento.

A máquina de filmar funciona da mesma forma, no entanto, para capturar imagens, utiliza uma placa fotossensível, que grava os movimentos numa fita magnética, em formato analógico (VHS) ou em formato digital (DV).⁶⁰

“ A grande vantagem do sistema de gravação digital (DV) sobre o analógico (VHS) é a de que o primeiro mantém praticamente inalterável o seu registo de imagens, enquanto o segundo se vai

⁵⁸ Texto retirado em Júnior, A. L. (2002), *Arte da animação*, Senac, São Paulo

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ *Ibidem*

progressivamente degradando com o número de vezes que é produzido.” Sousa, A.B (2003)

Nos dias de hoje, encontram-se vários tipos de mecanismos como câmaras fotográficas que filmam e câmaras de filmar que fotografam. As *webcams* são dispositivos que, ligados a computadores ou portáteis, conseguem fazer a captura de imagens como uma câmara de vídeo e colocar essas imagens ou filmes disponíveis *online* em *blogs* ou *sites*.

CAPÍTULO II, METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PERCURSO PEDAGÓGICO

5.1 Caracterização da escola EB 2/3 João da Rosa - Ambiente Externo

5.1.1 Localização geográfica da Escola EB2/3 João da Rosa

A escola EB 2,3 João da Rosa, é a sede do Agrupamento Vertical de escolas dos segundo e terceiro ciclos João da Rosa.

A funcionar desde 1997, a escola EB 2,3 João da Rosa, está localizada no concelho de Olhão, freguesia de Quelfes, na antiga Horta do Espanha, designada por Bairro “Cor de Rosa”.⁶¹

5.1.2 Patrono da Escola EB2/3 João da Rosa

João da Rosa, patrono da escola EB 2,3 com o mesmo nome, era um homem natural de Olhão, que desempenhou funções de Escrivão do Compromisso Marítimo, no ano de 1808. Este homem destacou-se por retratar as suas memórias, no decorrer da revolta dos olhanenses contra os soldados franceses, durante o mês de junho do mesmo ano. Estas memórias constituem a única informação histórica sobre esses acontecimentos. Contudo, as mesmas foram publicadas, pela primeira vez, em 1941.

5.1.3 Concelho de Olhão

O concelho de Olhão está dividido em 5 freguesias. A zona litoral inclui Olhão e Fuseta, na zona interior, Pechão, Quelfes e Moncarapacho.

Situada em plena ria formosa, atualmente a Ilha da Culatra também faz parte deste concelho. Nesta ilha, residem aproximadamente 900 habitantes e é composta por uma comunidade tipicamente piscatória. De acordo com a percentagem realizada nos “Censos 2001”, verificou-se que o concelho de Olhão possuía aproximadamente 40.808 habitantes, o que faz deste, um dos concelhos mais populosos da região Algarvia.

⁶¹ Pesquisa realizada no site do Agrupamento de Escolas João da Rosa, *João da Rosa, o patrono da Escola*. (s,d)

Metade dos habitantes residentes no concelho são jovens e apresentam uma faixa etária, compreendida entre os 25 – 26 anos. (CMO, 2007)

5.1.4 Contexto histórico e geográfico da freguesia de Olhão

Olhão, mais conhecido por capital da Ria Formosa, é uma cidade portuguesa localizada no Distrito de Faro, com cerca de 14 900 habitantes. O município que a compõe contém uma área geográfica de 130 km² e situa-se na zona litoral do sotavento algarvio, com uma distância de sensivelmente 8 km de Faro.

Olhão remota o século XVII data da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, designada por Igreja da Matriz, situada na Praça da Restauração.

Em 1808, o povo olhanense destacou-se pela sua bravura, com a expulsão dos soldados franceses. Como recompensa, D. João VI determinou que o “lugar de Olham” fosse elevado a vila, intitulando a mesma de “Vila de Olhão da Restauração”. A partir de 1985 até aos dias de hoje, a cidade de Olhão é designada por, “Cidade de Olhão da Restauração”.

Apesar de ser uma cidade tipicamente piscatória, a mesma tem vindo a desenvolver-se, prosperando em outros setores. A indústria da construção civil é a que mais se tem desenvolvido, contribuindo progressivamente para o aumento demográfico da população neste concelho. Outra aposta que se tem vindo a verificar, é a atividade turística com a construção de um porto de recreio, hotéis de luxo e a requalificação da zona ribeirinha. (CMO, 2007)

5.1.5 Contexto histórico e geográfico da freguesia de Quelfes

Quelfes é uma freguesia portuguesa localizada no concelho de Olhão. Historiadores afirmam que no ano de 1518, a freguesia de Quelfes pertencia à Paróquia de Santa Maria de Faro. A 18 de junho de 1808, a mesma, teve grande visibilidade por ter sido o local da primeira derrota dos soldados franceses contra a população olhanense.

A freguesia de Quelfes está localizada a norte com Estoi, a poente com Pechão, a sul com Olhão e a nascente e a norte com Moncarapacho. (CMO, 2007) A sua área

geográfica é composta por 2.153 hectares e de acordo com os dados fornecidos pelos “Censos 2001”, Quelfes apresentava um número aproximado de 17.246 habitantes.

5.1.6 Contexto sociocultural da população escolar e famílias

A antiga Horta da Espanha está situada no concelho de Olhão, freguesia de Quelfes, no limite da zona urbana, relativamente distante do centro da cidade.

As freguesias de Quelfes e Olhão foram as que sofreram maior aumento da população. Este aumento demográfico deu origem à construção de habitações sociais.

O bairro localizado nas imediações da escola EB 2, 3 João da Rosa, é um bairro social denominado por Bairro “Panteras Cor de Rosa”, de onde provêm a maioria dos alunos que frequentam a escola.

A população localizada no bairro social apresenta baixo índice cultural, contendo apenas a escolaridade mínima onde o analfabetismo é um fator predominante. A maior parte desta população, apresentam famílias carenciadas e não estruturadas. Por conseguinte, a grande maioria dos encarregados de educação, revelam, falta de interesse pela integração e acompanhamento escolar dos seus educandos. (RI, 2010)⁶²

5.2 Agrupamento Vertical do 2º e 3º ciclo João da Rosa - Ambiente Interno

O Agrupamento Vertical de Escolas do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, localizado em Olhão, foi constituído por despacho do Secretário de Estado de Administração Educativa, a 20 de maio de 1999. Este despacho, visa integrar cinco escolas do concelho de Olhão no agrupamento vertical de escolas João da Rosa, são elas: a Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa, sede do agrupamento, a EB1/JI de Olhão nº 6, a EB1/JI da Cavalinha, a EB1 de Marim e a EB1 da Ilha da Culatra.

O Concelho Pedagógico do agrupamento vertical de escolas reconheceu a necessidade em melhorar a qualidade de aprendizagem e o desenvolvimento da comunidade escolar, face aos problemas sociais sentidos nos bairros que circundam as escolas que integram este agrupamento. Desta forma, o mesmo aderiu, desde 1998 ao projeto Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Com este projeto, o

⁶² Pesquisa realizada no Regulamento Interno do Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa. (2010)

agrupamento vertical de escolas e a Escola EB 2,3 João da Rosa, no qual estou inserida a realizar o estágio profissional, tem como missão melhorar a qualidade do ensino e serviços, bem como o desenvolvimento pessoal e social dos alunos e da comunidade. Atendendo às necessidades resultantes da análise da opinião de alunos, professores, funcionários e comunidade escolar, a escola tem como objetivo estratégico, promover a participação dos pais e encarregados de educação nas atividades escolares, contribuindo de uma forma ativa na vida e percurso escolar dos seus educandos e promover a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, no ensino regular.

Neste contexto, a escola EB 2,3 João da Rosa, acredita que uma escola de sucesso é aquela “que aposta no desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, apetrechando-os com um conjunto de competências que possibilite a cada um construir o seu “Projeto de Vida”.⁶³

5.2.1 Escola (TEIP)

O agrupamento vertical de escolas dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico João da Rosa, representa desde 1998 a 2000, um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), devido aos problemas sociais que se fazem sentir nos bairros que circundam as escolas.

Segundo o Decreto – Lei 75/2008 de 22 de abril, publicado em Diário da República, 1.ª série - N.º 79 - 22 de abril de 2008;

“As escolas são estabelecimentos aos quais está confiada uma missão de serviço público, que consiste em dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do país. É para responder a essa missão em condições de qualidade equidade, da forma mais eficaz e eficiente possível, que deve organizar-se a governação das escolas”.⁶⁴

⁶³ Texto retirado do Plano Anual de Atividades 2011/2012, do Agrupamento de Escolas João da Rosa.

⁶⁴ Retirado da URL: <http://dre.pt/pdf1s/2008/04/07900/0234102356.pdf>. Acedido em: 24 de fevereiro 2012.

Segundo a citação acima descrita, o Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa sentiu necessidade de reformular o Projeto Educativo “TEIP – Educar para o Sucesso”, com o objetivo de dar mais visibilidade ao mesmo, ser mais autónomo, apresentando-se como um polo unificador de toda a Comunidade Educativa.

Este documento considerado de grande importância para a política interna do agrupamento, tem como objetivo, definir as linhas orientadoras da atividade educativa, esclarecer o que se pretende desenvolver na escola, de forma a melhorar a qualidade do ensino e serviço, bem como o desenvolvimento pessoal e social dos alunos e da comunidade.

Com a reformulação do projeto TEIP, o agrupamento tem a pretensão de;

“Satisfazer as necessidades educativas dos alunos proporcionando-lhes situações de ensino / aprendizagem diversificadas e inovadoras, num ambiente escolar acolhedor e securizante, que contribuam para o desenvolvimento global e equilibrado da personalidade e para a construção de um projeto de vida que lhes possibilite, no futuro, tornarem-se cidadãos empenhados, dinâmicos e interventivos na sociedade.”⁶⁵

O regulamento interno (2010) visa que o agrupamento foi constituído por despacho do Secretário de Estado de Administração Educativa de 20 de maio 1999, integrando a Escola Básica dos 2º e 3º ciclos João da Rosa como sede do agrupamento, a EB1/JI de Olhão nº 6, a EB1/JI da Cavalinha, a EB1 de Marim e a EB1 da Ilha da Culatra.

Atualmente a Escola Básica da Ilha da Culatra é da responsabilidade do município de Faro.

De acordo com o projeto educativo TEIP (2009), o agrupamento vertical de escolas do 2º e 3º ciclo João da Rosa, abrange uma população escolar que ronda os 1.100 alunos.

⁶⁵ Retirado do documento: Agrupamento Vertical de Escolas, com sede na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos João da Rosa, (2009) Educar para o sucesso – Território Educativo de Intervenção Prioritária, Olhão.

Segundo as percentagens registadas, verifica-se que o primeiro ciclo conta com 46,8% da população escolar, seguindo-se o terceiro ciclo com 20,9%, e por fim o 2º ciclo apresentando apenas uma percentagem de 19,7% da população estudantil.

5.2.2 Gestão e Administração do Agrupamento

Relativamente aos recursos humanos, verifica-se no regulamento interno (2010), que a Gestão e Administração do agrupamento de escolas estão sob a responsabilidade do Concelho Geral, do Diretor, do Concelho Pedagógico e do Conselho Administrativo.

O Conselho Geral tem a autonomia de criar as linhas gerais das estruturas da orientação educativa das atividades do agrupamento de escolas, e o mesmo é composto por 21 membros, distribuídos pela seguinte ordem; sete elementos pertencentes ao corpo docente, divididos por: sete representantes da educação pré-escolar e dos três ciclos do ensino básico, três representantes do corpo não docente, quatro representantes dos pais e encarregados de educação, três representantes da Autarquia e três ou quatro representantes das atividades de carácter Cultural, Artístico, Ambiental e Económico.

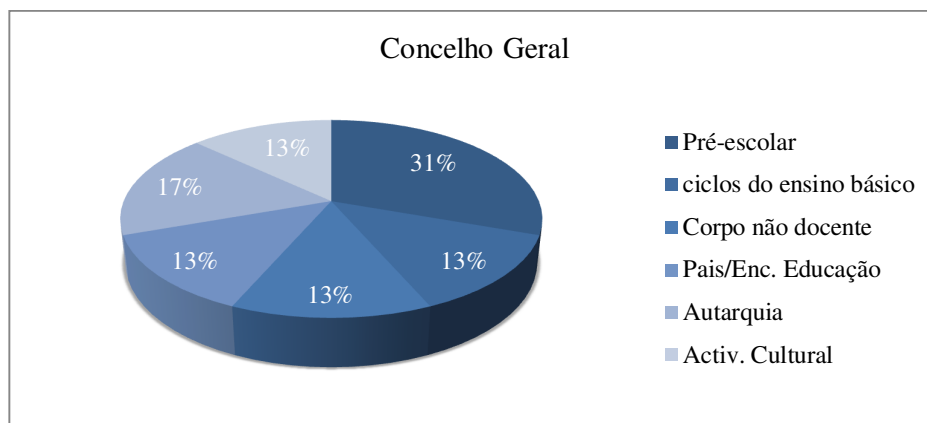


Figura 3.1 – Gráfico do conselho geral

O Diretor é definido como o órgão de Administração e Gestão do agrupamento nas áreas, pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. No exercício das suas funções, o mesmo conta com a colaboração do Subdiretor e dois Adjuntos.

A Administração e a Gestão do Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa estão localizadas na sede, a escola EB 2,3 João da Rosa.

O Conselho Pedagógico é o órgão responsável pela supervisão e orientação educativa do agrupamento, acompanhamento dos alunos e da formação do pessoal docente e não docente. Esta coordenação é composta pelo Diretor, um Coordenador de cada ciclo, um representante de Educação Especial, um representante do Pessoal não Docente um representante da Associação de Pais e um representante da Oferta Educativa.

O Conselho Administrativo, por sua vez, é um órgão deliberativo, responsável pela Administração Financeira do agrupamento de escolas. O mesmo é composto pelo Diretor, Subdiretor e um dos Adjuntos do Diretor, nomeado por este e pelo chefe de Administração Escolar.

A coordenação de cada estabelecimento associado ao agrupamento de escolas é gerida por um Coordenador de Estabelecimento.

A sede do Agrupamento Vertical de Escolas do 2º e 3º ciclo da João da Rosa é a escola EB 2, 3 que lhe confere a denominação. A mesma é gerida por um Coordenador de Estabelecimento, nomeado pelo Diretor, por quatro anos. O mesmo deve de ser um docente dos quadros em exercício das suas funções na escola.

O papel do Coordenador de Estabelecimento é de orientar as atividades educativas, articulando as mesmas com o Diretor, fazendo cumprir as ordens deste último. É de sua responsabilidade promover e incentivar a participação dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus educados.

A articulação e definição das Estruturas de Orientação Educativa, é realizada através do desenvolvimento de planos de estudo e programas definidos a nível nacional e autarquias locais, desenvolvidas pela coordenação de cada ciclo.

Estas Estruturas de Orientação Educativa colaboram com o Conselho Pedagógico de forma a assegurar o acompanhamento dos alunos ao longo do seu percurso escolar, promovendo a qualidade de ensino, obedecendo às orientações definidas pelo Projeto Educativo do Agrupamento (PEA).

De forma a cumprir as orientações delineadas no PEA e respondendo mais eficazmente face às necessidades específicas e interesses de cada aluno, são desenvolvidas articulações com a cooperação de docentes do agrupamento.

Estas mesmas articulações são desenvolvidas através dos Departamentos de cada ciclo de estudos. Os Departamentos Curriculares da escola EB 2, 3 João da Rosa, são

divididos em quatro departamentos, designados por: Departamento de Línguas, Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, Departamento de Expressões, que perfazem o total de 58 docentes.

O núcleo do Departamento de Expressões é composto por 19 docentes distribuídos pelas disciplinas de Educação Visual e Tecnológica (EVT), Educação Visual (EV), Educação Tecnológica (ET), Educação Física, Educação Musical, Educação Especial e outras áreas relacionadas com o Ensino Artístico.

Cada departamento contém um coordenador, designado por Coordenador de Departamento. É da responsabilidade dos coordenadores de Departamento, através de reuniões e em parceria com outros docentes de áreas disciplinares de Educação Especial, adotar medidas pedagógicas diferenciadas. O mesmo, em parceria com o Conselho Pedagógico elabora o Plano de Formação (PF) para docentes, contribui na construção do Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), Plano Anual de Atividades (PAA) e na revisão do Regulamento Interno do Agrupamento (RI).

O Coordenador de Departamento coordena, orienta e dinamiza as atividades escolares. De acordo com a sua reflexão e análise, sobre as práticas educativas aplicadas, elabora medidas, propostas e metodologias de reforço ao desenvolvimento dos alunos, relativo às disciplinas anexadas no departamento que coordena, assegurando por sua vez, a articulação entre docentes de outros departamentos.

Os Subcoordenadores de Departamento, são nomeados pelo Diretor e a sua função é assistir o Coordenador de Departamento na realização das suas funções. Contudo, a organização, o acompanhamento e a avaliação das atividades educativas a desenvolver com a turma, são da responsabilidade dos Conselhos de Turma, dos 2º e 3º ciclos.

A coordenação dessas mesmas atividades é da competência do Diretor de Turma (DT). O papel do DT é de mediador dos alunos e pais / encarregados de educação junto dos professores, promovendo a articulação das atividades da turma com os encarregados de educação, de forma a fomentar uma participação mais ativa na vida escolar dos educandos. Assegura que as estratégias implementadas pelo Conselho Pedagógico sejam aplicadas na turma que dirige, fazendo um acompanhamento individual desses mesmos alunos e promove reuniões com os encarregados de educação, professores e alunos, caso terem sido identificados alunos abrangidos ao abrigo do Decreto – Lei 3/2008, de 7 de janeiro.

Os Concelhos de Turma são compostos pelos professores da turma, pelo Delegado de turma e por um representante dos pais e encarregados de educação. Os Conselhos de Turma são reunidos no mínimo quatro vezes por ano, de acordo com o calendário anual realizado pelo Conselho Pedagógico, no âmbito do Projeto Curricular de Escola (PCE). Estas reuniões são presididas pelo Diretor de Turma e são abordados assuntos de natureza pedagógica.

5.2.3 População Escolar

A escola EB 2, 3 João da Rosa, é frequentada por uma média de 500 alunos, abrangendo um público escolar diversificado. A maioria dos alunos é oriunda dos bairros sociais que circundam a escola, apresentando influências marcantes do bairro social onde se encontram inseridos.

Acrescendo a esta heterogeneidade, apresentam-se uma percentagem de alunos oriundos de países estrangeiros, com destaque para os países de língua oficial portuguesa.

Contam-se com uma percentagem de 3,2% alunos PALOP, 2,2% de alunos provenientes da Europa – Leste, 1,3% de África, 0,4% da América, 0,3% da Europa Ocidental e 0,3% da Ásia.

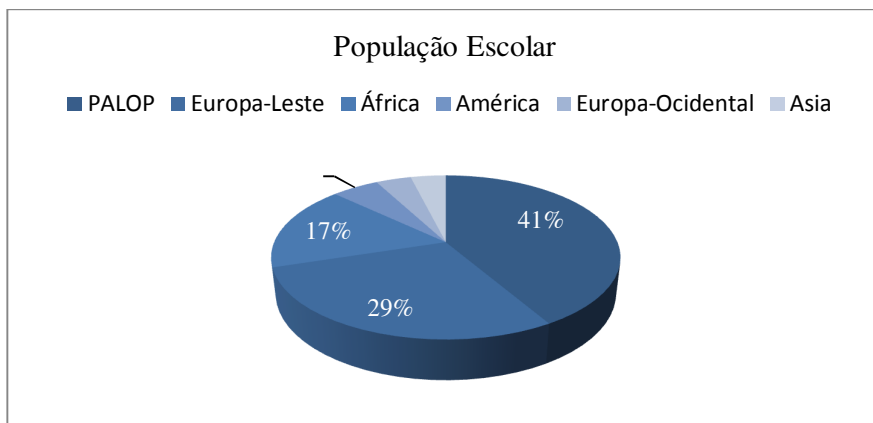


Figura 3.2 – População Escolar inserida na Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa

A esta estimativa, acrescentam-se ainda os alunos com necessidades educativas

especiais (NEE's), com deficiências tipologicamente diversificadas.

Na escola EB 2, 3 João da Rosa, encontram-se inseridos em turmas regulares, a frequentar apenas algumas disciplinas, 10 alunos com deficiência mental cognitiva, 3 alunos com deficiência mental emocional, 3 alunos com deficiência mental linguagem, 2 alunos com deficiência mental cognitivo /emocional e 1 aluno com deficiência mental cognitivo e problemas neuromusculares.

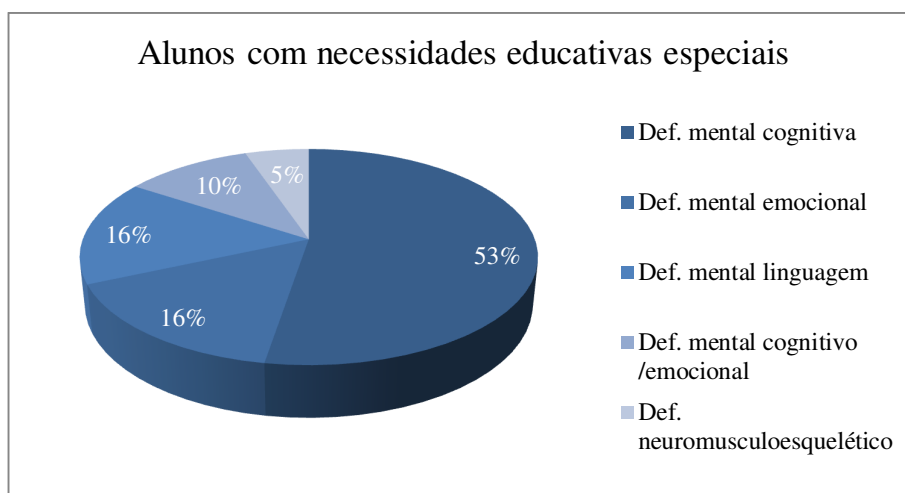


Figura 3.3 – Deficiências dos alunos com NEE, inseridos na Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa

5.2.4 Espaço Arquitetónico

Inicialmente, a escola EB 2, 3 João da Rosa, foi projetada com a finalidade de acolher apenas 25 turmas. No entanto, em 2007, sofreu uma ampliação na qual foram acrescentadas novas salas.

Atualmente a mesma tem vindo a melhorar as suas instalações e ao longo dos anos tem vindo a aumentar o seu equipamento de forma a melhorar as condições de trabalho para os alunos, professores e funcionários. No entanto, segundo declarações de docentes, profissionais da área de educação especial e outras, esta mesma escola abrange apenas as condições mínimas necessárias no que diz respeito à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE'S).

O recinto da escola EB 2,3 João da Rosa, contém gradeamentos que circundam a mesma, e o seu interior é composto por espaços verdes, de circulação e lazer.

Os edifícios são equipados com salas destinadas para as atividades curriculares de natureza teórico-prática, são elas; o Laboratório e Ciências Físico – Químicas; o Laboratório de Ciências Naturais; o Laboratório de Ciências da Natureza; a sala de Educação Musical; a sala de Educação Visual e Tecnológica; a sala de Educação Tecnológica; salas de Educação e Formação (serviço de bar, serviços de mesa e Operador de Manutenção Hoteleira); sala de Informática, a sala de Educação Especial (sala diferenciada), o Gabinete de Produção Multimédia. No exterior destes edifícios (pavilhões), verifica-se o pavilhão desportivo, o polidesportivo descoberto e os balneários.

Os serviços da escola oferecem à comunidade escolar, refeitório, bar, reprografia, e papelaria e o G.A.A.F. A Biblioteca Escolar, integra o programa da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares dos Ministérios da Educação e da Cultura.

5.2.5 Fragilidades da Escola

Com base nos dados recolhidos a partir das avaliações internas, provas de aferição e exames nacionais, a gestão do agrupamento vertical de escolas João da Rosa, Concelho Pedagógico e docentes, identificam um conjunto de problemáticas consideradas prioritárias: Resultados escolares dos alunos, comportamentos socialmente inadequados, reduzida participação dos Pais / Encarregados de Educação na vida escolar dos educandos e degradação dos espaços escolares.

Após a apresentação da organização da Escola EB 2, 3 João da Rosa, observa-se que a mesma, ao longo dos anos, tem vindo a aumentar o seu equipamento e as suas condições para os alunos, professores e funcionários da escola, de forma a melhorar a sua qualidade no ensino e qualidade nos serviços prestados aos alunos e comunidade educativa. Contudo, nota-se ainda algumas fragilidades, no que diz respeito ao equipamento específico para alunos com necessidades educativas especiais, inseridos nesta escola.

Os alunos com NEE's possuem uma sala diferenciada, todavia a mesma contém poucos recursos materiais didáticos e poucos equipamentos específicos.

Apesar da boa vontade dos professores e da eficiência dos funcionários em resolver alguns problemas mais evidentes, as falhas arquitetónicas do edifício

demonstram lacunas que não beneficia a prossecução das atividades dos alunos com NEE's.

A participação ativa dos Pais / Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos, constitui uma preocupação para o agrupamento e para a escola.

Através do gráfico abaixo representado, podemos analisar a caracterização socioprofissional dos Pais / Encarregados de Educação.

Segundo o gráfico, na sua generalidade os pais apresentam um nível de escolaridade básico, verificando-se uma maior incidência, nos que concluíram ou frequentaram os 2º e 3º ciclos.

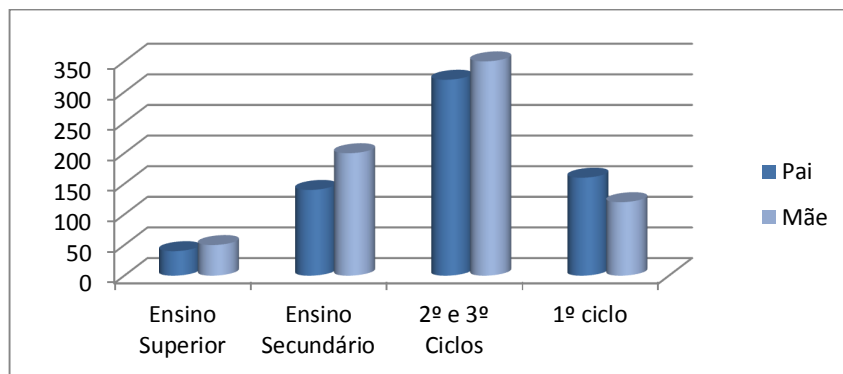


Figura 3.4 – Nível de educação Pais/Encarregados de educação

A nível profissional, a maioria dos pais/encarregados de educação enquadram-se nos grupos de profissões de trabalhadores dependentes, no setor do comércio, escritório e trabalhadores manuais. O grupo, onde se verifica um elevado número de desempregados e domésticas, pertence ao sexo feminino.

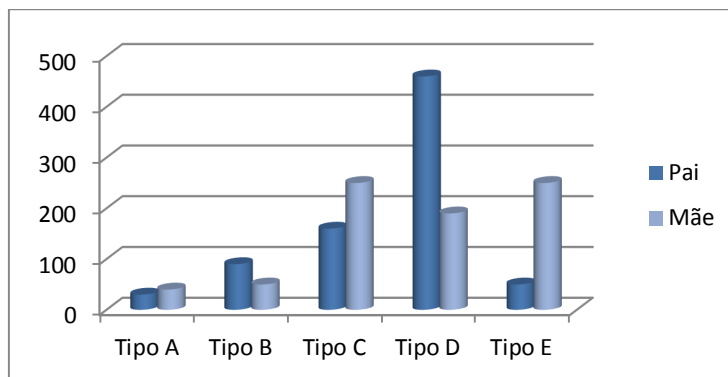


Figura 3.5 – Situação profissional Pais/Encarregados de Educação

Tipo A	Advogados, médicos, professores e equivalentes.
Tipo B	Industriais, comerciantes, quadros técnicos e equivalentes.
Tipo C	Empregados de comércio, de escritório e equivalentes.
Tipo D	Trabalhadores manuais, camponeses.
Tipo E	Desempregados, reformados, domésticos.

Através da análise dos dados recolhidos, verifica-se que a média de sucesso escolar dos alunos, tem vindo a decrescer, ao longo dos últimos 3 anos.

As baixas taxas de sucesso sobrevêm do 5º, 6º e 7º ano de escolaridade.

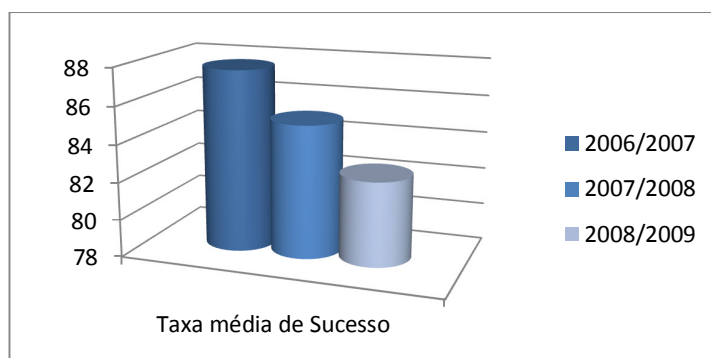


Figura 3.6 – Taxa média de sucesso dos alunos

6. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

De acordo com a ata elaborada na reunião de avaliação intercalar do primeiro período, a turma 6ºD, inicialmente composta por 24 alunos, foi reduzida para 23 elementos, na sequência da transferência de uma aluna. Esta transferência foi realizada no dia seis de outubro de dois mil e onze. A mesma passou a frequentar o Agrupamento de Escolas Joaquim de Magalhães, localizado no concelho de Faro.

Presentemente, a turma é composta por dezassete elementos do sexo feminino e seis elementos do sexo masculino, com uma faixa etária compreendida entre os 12 e 13 anos. Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa.

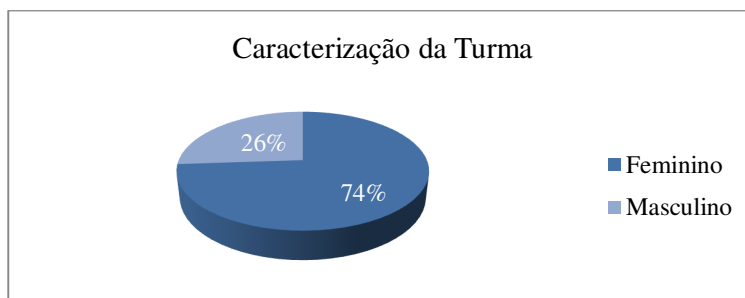


Figura 3.7 – Caracterização da Turma

Foi feita uma avaliação realizada ao abrigo do Decreto – Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro, onde se verificou não haver alunos com necessidades educativas especiais (NEE's) inseridos na turma.

Após a alteração da distribuição dos escalões da SASE, e nova apreciação dos requerimentos, foi atribuído o escalão A, a cinco alunos e concedido o direito ao suplemento alimentar, a oito alunos.

Segundo a reunião pedagógica, realizada no final do primeiro período, o conselho de turma deferiu, relativamente ao comportamento geral da turma, que quatro alunas do 6º D deviam de ser reconhecidas pelo mérito e empenho, na realização das tarefas escolares. No entanto, também se verificou quatro participações de ocorrência, infringidos por três alunos do sexo masculino e uma aluna do sexo feminino, devido ao comportamento perturbador dentro da sala de aula. Todavia, após a intervenção da diretora de turma, tais atitudes não se repetiram, por parte dos quatro alunos acima mencionados.

A apreciação do conselho de turma relativamente à assiduidade da mesma é Bastante Satisfatória. Todas as faltas dadas pelos alunos estão devidamente justificadas. De acordo com o artigo 2º do Despacho Normativo nº 50/2005, o conselho de turma elaborou planos de recuperação para doze alunos da turma 6ºD, entre os quais; sete são do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

Segundo o balanço analisado durante as aulas de apoio, referente ao primeiro período, verificou-se uma ligeira evolução na progressão de aprendizagem, de duas alunas, na disciplina de português e matemática. No entanto, apesar desta ligeira progressão, concluiu-se que apesar de assíduos, os alunos que frequentam as salas de estudo, não progrediram o suficiente. Por conseguinte, foi proposto, para integrar a modalidade de sala de estudo o total de treze alunos.

Por fim, relativamente aos critérios de avaliação, nota-se que as percentagens atribuídas nos domínios cognitivos e sócio - afetivo, nas disciplinas práticas, diferem das percentagens atribuídas nas disciplinas teóricas.

De acordo com pauta de avaliação, a turma 6ºD no final do primeiro período, apresenta sete alunas com 0 negativas, 1 aluno e 3 alunas, com 1 negativa, 1 aluno e 4 alunas, com 2 negativas, 2 alunos e 3 alunas, com 3 negativas e 2 alunos com 4 negativas.

Relativamente à avaliação no âmbito da disciplina de EVT, não se verificam negativas. Contudo, confirmam-se 3 alunos com 5 valores, 11 alunos com 4 valores e 9 alunos com 3 valores.

Desta forma, para a turma do sexto ano, é atribuído pelo conselho de turma, uma percentagem de sessenta e cinco por cento, para o domínio cognitivo e uma percentagem de trinta e cinco por cento para o domínio sócio – afetivo.

De acordo com a última ata da reunião de conselho de turma realizada aos onze dias do mês de junho de dois mil e doze, sob a presidência da diretora de turma professora Esperança Afonso, o conselho de turma prosseguiu com a reunião de avaliação sumativa da turma 6ºD.

No final do ano letivo 2011/2012 apenas o aluno número vinte, Pedro Sousa, não foi admitido a exame, devido a este reunir condições para se autopropor ao exame de equivalência à frequência.

Ao longo do 3º período, foram elaborados aulas de apoio/sala de estudo concluindo-se que apenas o aluno vinte, Pedro Sousa, foi a exame.

Foram reconhecidos pelo seu empenho nas tarefas escolares cinco alunas, três delas figuram o quadro de honra. Dois alunos estão referidos pela falta de empenho.

O conselho de turma deliberou assim que dada a proximidade existente entre colegas, que se traduz num clima saudável de grande entajuda e competitividade, os alunos que transitaram para o 7º ano, deverão continuar juntos na mesma turma.⁶⁶

⁶⁶ Dados verificados de acordo com as atas realizadas nas reuniões do Conselho Pedagógico, no final do 1º, 2º e 3º período.

6.1 Fragilidades da Turma

Na turma 6º D, não se verifica sérias fragilidades nem pontos fracos. Confirmam-se apenas 13 alunos inseridos na modalidade de salas de estudo, de forma a aumentar o seu rendimento escolar e competências, nomeadamente nas disciplinas de Português e Matemática. Todavia, quatro alunas desta mesma turma foram reconhecidas pelo seu comportamento e empenho nas atividades escolares, pertencendo ao quadro de honra da escola.

De uma forma geral a turma é assídua e os alunos apresentam bom comportamento em sala de aula.

7. A utilização das Tecnologias de Informação ao Serviço da Imagem Animada.

Nos anos 70 a tecnologia começou a despontar gradualmente, dando origem à informática.

Nos anos 80 o acesso às novas tecnologias tornou-se disponível ao utilizador comum. A partir dos anos 90, observou-se uma crescente implementação de equipamentos tecnológicos em vários setores de atividade, o setor da educação não foi exceção. Atualmente é bastante comum a aquisição de equipamentos tecnológicos para uso pessoal, e é habitual encontrar um ou dois computadores por cada agregado familiar.

Alguns *softwares*, foram desenvolvidos para fins educacionais no âmbito do ensino da imagem em movimento. Em Portugal destaca-se o “Animatropé – Máquina virtual de animação”, desenvolvido em 2002. Trata-se de uma “ aplicação multimédia educativa para o ensino da imagem em movimento. Este *software* consiste numa máquina de animação virtual que oferece sete módulos diferentes para fazer diversas atividades de animação no computador.”⁶⁷

Existem outros programas de edição de animação. Alguns estão disponíveis *online*, onde é possível adquirir os mesmos através de um *download* gratuito. Um desses programas é o *software* de captura *Stopmotion*, denominado *MonkeyJam*.

⁶⁷ Nogueira, S., *Animatropé - Máquina Virtual de animação*. Revista "InFormar", n.º 19 da APEVT.

Este último e o programa *Claymation Studio 2.0* são alguns dos *softwares* de animação, considerados de fácil utilização para crianças que frequentam o segundo ciclo de estudos.

O programa *MonkeyJam*⁶⁸ é bastante popular entre os amantes de animação, por ser um *software* gratuito e relativamente simples de trabalhar. Este *software*, consiste num programa *Stopmotion* de animação digital e sua função é captar imagens, recorrendo a vários suportes digitais tais como; *webcam*, máquina fotográfica, câmara de vídeo ou scanner. Após a sua captura, as imagens são colocadas separadamente em *layers* ou *frames*, onde é possível a visualização imediata do projeto.

A técnica *Stopmotion* de animação é bastante utilizada no programa *MonkeyJam*, devido à sua capacidade de exportar as imagens em formato AVI.⁶⁹ O formato AVI é um formato desenvolvido pela Microsoft, a sua sigla significa *Audio Video Interleave* e o seu objetivo é originar a fusão do vídeo e do áudio de uma só vez, através da sua extensão oficial (.avi).

7.1 Programa utilizado para a realização do estudo

O programa *Claymation Studio 2.0* foi o programa informático escolhido e utilizado em contexto de sala de aula, para a realização do estudo das técnicas de imagem animada, no âmbito da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, com os alunos do 6º ano turma D, da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos João da Rosa, em Olhão.

O *Claymation Studio 2.0* é um programa licenciado pela empresa Norte Americana, *Honest Technology Inc.*, que tem em sua posse todos os direitos reservados, relacionados com este produto, desde 2008. (Honestech, 2008)⁷⁰

O programa consiste em criar vídeos com grande facilidade, utilizando a técnica de *Stopmotion*, contendo a função de captura de imagens com recurso aos equipamentos tecnológicos digitais, tais como: a máquina fotográfica digital, *webcam* ou câmara de vídeo. A entrada de imagem pode ser em quatro formatos: JPEG, BMP, PNG ou GIF.

Após a importação das imagens para a linha de tempo, o programa tem a capacidade de adicionar imediatamente ao projeto, ficheiros de áudio e música de fundo

⁶⁸ É possível adquiri-lo gratuitamente no site: <http://www.giantscreamingrobotmonkeys.com/monkeyjam>.

⁶⁹ David Perry. (20011/2012), *Welcome to MonkeyJam.org – MonkeyJam new home!* Acedido em 23 de julho 2012. URL: <http://monkeyjam.org/>

⁷⁰ Guia do Usuário do *software Claymation Studio 2.0*, (Honestech, 2008).

em formato MP3 e WAV. Durante a produção do projeto é possível fazer uma pré-visualização do mesmo, quantas vezes forem necessárias, de forma a verificar se necessita de um ajustamento/alteração nas imagens.

A captura de imagem é mais fácil e rápida, com o novo recurso de captura automática. Outras opções possíveis são os desenhos chave e de grade, que têm como objetivo ajudar a criar com exatidão, os movimentos dos personagens, resultando numa animação de qualidade.⁷¹ Todas as opções do programa estão apresentadas na *Interface* deste, como se pode verificar na imagem abaixo.



Figura 3.8 – Interface do software Claymotion Studio 2.0

8 METODOLOGIA DE PROJETO

Com o desenvolvimento das tecnologias informáticas, esta forma de média, ganha níveis de popularidade impressionantes. Todavia, nem sempre é fácil a escola acompanhar a evolução das novas tecnologias e dar respostas às necessidades dos

alunos. Por vezes, as formações dos professores revelam-se inadequadas às exigências da sociedade, e nem todos os professores mostram-se disponíveis para acompanhar a evolução constante do mundo em que vivemos.

⁷¹ *Ibidem*

A realização deste estudo corresponde ao conjunto de 23 alunos inseridos numa turma do 6º ano de escolaridade, que frequentam a disciplina de Educação Visual e Tecnológica na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico João da Rosa, em Olhão, tendo como objetivo principal mostrar as potencialidades do cinema de animação em contexto escolar, como recurso didático, explorando as suas possibilidades através de um projeto, elaborado de raiz pelos próprios alunos.

Este projeto sugere a realização de uma curta-metragem em sala de aula, percorrendo todas as etapas, desde a escolha do tema, passando pela narrativa, *storyboard*, elaboração dos cenários e personagens até à sua edição em computador, terminando com um evento de final de ano, realizado na biblioteca escolar, onde serão visualizados todos os trabalhos dos alunos. Como convidados especiais, contam-se com os docentes, órgãos da gestão escolar, pais e encarregados de educação.

O estágio pedagógico pertenceu à turma de 6º ano de escolaridade, composta por dezassete elementos do sexo feminino e seis elementos do sexo masculino. Ao longo do mesmo, a disciplina de EVT foi lecionada por duas docentes, a professora Maria Manuela Matias e a professora Adelaide Silva, que trabalharam ao longo do ano letivo em regime par pedagógico. Foram utilizados recursos multimédia como ferramentas pedagógicas no ensino dos conteúdos previstos, nomeadamente o método expositivo com recurso ao *Microsoft Office PowerPoint 2010* e o método tradicional com recurso ao quadro branco.

8.1 Fases do Projeto

O presente projeto pretende explorar uma nova estratégia de ensino respondendo às necessidades atuais dos alunos.

O mesmo, implementado numa turma de 6º ano de escolaridade, sugere a realização de uma curta-metragem de animação, a executar ao longo do 3º período do ano letivo 2011-2012, percorrendo as várias etapas, desde a preparação do projeto junto dos professores, na tentativa de existir uma articulação com outras áreas do saber.

Os conteúdos da área de exploração relacionada com esta unidade de trabalho correspondem ao Movimento e Energia, explorando o conceito da imagem animada através dos brinquedos óticos, realizando posteriormente pequenas experiências com ferramentas tecnológicas.

O que proponho a estes alunos é um conjunto de experiências e metodologias inovadoras, com o objetivo de desenvolver a motivação e interesse pela escola e pelos conteúdos programáticos, através da abordagem das técnicas de imagem animada recorrendo à utilização das tecnologias de informação e comunicação como recurso didático.

8.1.1 Fase de preparação/desenvolvimento

Inicialmente, este projeto surgiu como uma oportunidade de aplicar a transdisciplinaridade nas várias áreas do saber.

Através de reuniões, nomeadamente com as docentes de EVT da turma do 6º D, com o docente da disciplina de Cinema e Multimédia, do 7º e 8º ano de escolaridade, o professor Paulo Rodrigues e a diretora de turma, a professora Esperança Afonso, docente da disciplina de Línguas e Estudos Sociais, Português e Inglês, procurei promover uma articulação com outras áreas do saber, expondo o projeto e as metodologias implementadas, fundamentando o seu objetivo e a sua importância no processo de aprendizagem dos alunos.

Seguidamente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a utilização das técnicas de imagem animada com crianças em contexto escolar, técnicas de animação, processo fílmico e outras pesquisas consideradas relevantes para o tema a ser desenvolvido ao longo do estágio profissional.

Apesar de existir a disciplina denominada por Cinema e Multimédia na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos João da Rosa, direcionada para os 7º e 8º ano de escolaridade, acima referido e o evento anual denominado *Moveis*⁷², ambos sob responsabilidade do docente Paulo Rodrigues, desde o ano letivo 2006/2007, conclui-se que trabalhar com técnicas de imagem animada em contexto de sala de aula no âmbito da disciplina de EVT, não havia sido realizado até à data, com os alunos do 6º ano de escolaridade. Desta forma, seria uma novidade para docentes, alunos, escola e pais/encarregados de educação.

⁷² O evento *Movies*, consiste numa mostra de vídeos escolares, que tem como objetivo principal divulgar os vídeo criados pelos alunos das escolas básicas da região algarvia.

Houve uma preocupação em solicitar a colaboração do docente Paulo Rodrigues e do órgão de gestão da escola, com o objetivo de permitir a disponibilização do material didático e equipamentos específicos para a realização do estágio.

Com o objetivo de divulgar o potencial do cinema de animação em contexto escolar, o professor Paulo Rodrigues mostrou-se disponível e colaborativo, disponibilizando o material didático necessário, tais como: alguns brinquedos óticos, nomeadamente o taumatoscópio, fenaquistoscópio, estromboscópio, zootrópio, *flipbook*, equipamentos tecnológicos tais como: a câmara de vídeo, a máquina fotográfica digital, o tripé para os respetivos equipamentos e o programa de edição de vídeo, *Claymation Studio 2.0*.

Com a aprovação dos órgãos de gestão da escola e dos respetivos docentes da disciplina deu-se continuidade a este estudo.

Foi feita uma abordagem à professora Esperança Afonso, docente da disciplina de Português e Inglês e conjuntamente diretora de turma do 6ºD, no sentido de perceber, quais eram os conteúdos programáticos que a turma estava a desenvolver nomeadamente na disciplina de Português. O objetivo inicial era articular as duas disciplinas, utilizando como instrumento pedagógico as técnicas de imagem animada.

Apesar da sua receptividade em relação ao projeto, verificou-se que o conteúdo programático era incompatível com o tempo que havia disponível para a realização do mesmo.

Todavia houve a necessidade de recorrer à professora Maria Manuela Matias, docente de Educação Visual e Tecnológica e orientadora cooperante, e ao professor Paulo Rodrigues docente de Cinema e Multimédia, a fim de recolher opiniões e sugestões relacionadas com o tema abordado, as metodologias utilizadas e os procedimentos a ter em conta ao longo das aulas. Ambos foram bastante esclarecedores e opinantes, ajudando bastante na decisão do tema a desenvolver pelos alunos.

Foram elaboradas várias reuniões com a colaboração da professora Maria Manuela Matias, com o objetivo de desenvolver planificações, estratégias, metodologias adequadas e recursos pedagógicos para posterior aplicação nas aulas, estando previamente definidos os conteúdos a lecionar e a calendarização dos mesmos.

Segundo Garcia Tuñon (1989)⁷³, a planificação é uma ferramenta utilizada diariamente pelo professor, contendo várias funções aliadas a esta. Funciona como instrumento integrador, proporcionando unidade e operacionalidade. É uma garantia que o docente tem, de dar continuidade ao seu trabalho e de ser coerente na maneira que o faz. Funcionando como base, para uma reflexão sobre o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico e verificar se este necessita de ajustes, face às exigências dos alunos, objetivos, recursos didáticos, de forma que os alunos consigam atingir os objetivos propostos, mais eficazmente. A planificação garante o sucesso do professor e por conseguinte o sucesso dos alunos.

Durante essas reuniões, foi necessário instalar atempadamente, o programa *Claymation Studio 2.0* no computador portátil *Mac Book Pro* da *Apple*, pertencente à professora Maria Manuela Matias, que generosamente o concedeu para a realização deste estudo. E sucessivamente foi decidido, o tema geral para a elaboração da produção da curta-metragem.

Durante a atividade anterior, os alunos trabalharam o tema “Património Local” devido à aproximação do feriado⁷⁴ correspondente ao município.

Consequentemente surgiu a oportunidade para a transdisciplinaridade, promovendo a integração de saberes, abordando assuntos transversais às várias disciplinas que compõe o currículo. O tema proposto para a realização da curta-metragem foram: “As Lendas de Olhão”. Este é um assunto que agrada a estes alunos em particular, por conhecerem bem as histórias da sua região.

Com as planificações desenvolvidas e a definição da calendarização, as aulas ocorreram tranquilamente no início do 3º período do ano letivo 2011/2012.

8.1.2 Fase de motivação

A metodologia utilizada para dar início à abordagem do tema “cinema de animação”, foi desenvolvida através do método expositivo, com recurso ao programa *Microsoft Office PowerPoint 2010*.

⁷³ Conceito sobre “As funções da planificação segundo Garcia-Tuñon (1989)” ideias retiradas através dos diapositivos exibidos em contexto sala de aula, na disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, ministrado pela docente Olga Ludovico, no Mestrado de ensino em Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

⁷⁴ Dia de Olhão corresponde à comemoração do município. Realiza-se anualmente no dia 16 de junho.

Dentro da mesma turma, o professor depara-se com personalidades, vivências e culturas diversificadas. Desta forma, durante a prática de ensino supervisionada foram construídas por mim, planificações diárias do conteúdo programático – Movimento e Energia, no âmbito da área de exploração Animação, com a colaboração da orientadora cooperante, a professora Maria Manuela Matias.

Após reuniões com docentes de outras áreas de conhecimento, promovendo articulações e requerendo sugestões, seguiu-se o contato com os alunos já em contexto de sala de aula.

Os primeiros dois tempos estavam reservados para realização de uma breve explicação sobre a evolução do cinema de animação e seus autores, através do método expositivo, recorrendo ao programa *Microsoft Office PowerPoint 2010*.

Ao longo da apresentação dos brinquedos óticos, foram exibidos aos alunos réplicas dos mesmos, de forma a experimentarem o seu funcionamento.

Verificou-se que a mudança do recurso didático incentivou e captou a atenção dos alunos, ajudando-os a desenvolver a curiosidade e o interesse pelo projeto a desenvolver.

Na aula seguinte, motivados com a apresentação anterior, alguns alunos trouxeram pesquisas voluntárias e mostraram aos colegas.

Seguidamente, surgiu a visualização de um filme de animação⁷⁵, várias curtas-metragens mostrando as diversas técnicas utilizadas em imagem animada, o *making off* do vídeo de música⁷⁶ do cantor Oren Lavie, construído com recurso da técnica *stopmotion*. No final foi mostrado aos alunos alguns vídeos utilizando a técnica de recortes (*Cutout*).

Algumas das curtas-metragens apresentadas fizeram referência ao projeto de investigação *Teaching With Animation (TWA)*⁷⁷. Este projeto tem como objetivo principal dar apoio ao professor e mais autonomia ao aluno, tal o que era pretendido durante a PES.

⁷⁵ “Animando” (1983) dirigido por Marcos Magalhães. Filme realizado em partes nos estúdios do National Film Board do Canadá. Esta curta-metragem mostra várias técnicas utilizadas no cinema de animação. URL: <http://www.youtube.com/watch?v=OYM70IZ3wxo>

⁷⁶ Video clip “Her Morning Elegance - Behind Scenes”, este *making off*, explica como foi feita a curta-metragem, as pessoas envolvidas e o tempo de duração deste projeto. URL: <http://www.youtube.com/watch?v=JKptYcQuKxc>

⁷⁷ AA. VV. (2007). *Teaching with Animation, Manual para a realização de instrumentos de ensino/aprendizagem com base em técnicas fílmicas de imagem por imagem*. Projecto financiado pelo Programa Leonardo da Vinci

No final da aula foi entregue aos alunos, uma ficha de trabalho individual⁷⁸, desenvolvida por mim com a orientação da professora Maria Manuela Matias, e devidamente aprovada pelas docentes da disciplina de EVT.

A ficha de trabalho é de carácter individual e não é de carácter avaliativo, esta é para ser preenchida ao longo da atividade, contendo uma grelha com a designação das várias fases do projeto⁷⁹. Em cada fase, os alunos descrevem o que fizeram, no parâmetro (*Como vou fazer*) e como resolveram o problema no parâmetro (*O que já fiz*). Desta forma o docente reflexivo, é capaz de observar quem realmente se comprometeu com o projeto e através da coordenação em grupo, de que forma o aluno desenvolveu a capacidade de resolução dos problemas, espírito crítico e criatividade.

A última questão da ficha de trabalho é de carácter generalista, e tem como objetivo referir a dificuldade sentida durante o desenvolvimento das várias fases do projeto.

No final da aula, foi explicado aos alunos o funcionamento das fichas de trabalho, o tema geral do projeto e por fim a definição dos grupos de trabalho. Após a visualização do *PowerPoint* e já com os grupos formados, foi dado início ao processo de pré-produção: a elaboração da narrativa⁸⁰ para a curta-metragem.

Não se verificou qualquer dificuldade na ordenação dos grupos de trabalho, visto os mesmos terem sido formados ao longo do ano letivo, com a orientação das docentes de EVT. No terceiro período.

Por existir uma percentagem de 74% de elementos do sexo feminino e 26% de elementos do sexo masculino, os últimos foram distribuídos pelos cinco grupos existentes.

8.1.3 Tema

A escolha do tema é considerada um fator importante durante esta fase. É através deste, que se iniciam as pesquisas para o desenvolvimento da história e as aprendizagens relevantes nos alunos.

⁷⁸ Ficha de trabalho realizada com a orientadora cooperante e aprovada pela mesma, durante as reuniões.

⁷⁹ As várias fases do projeto correspondem á: pesquisa, narrativa, *storyboard*, cenários e personagens e edição.

⁸⁰ As narrativas de apenas 4 grupos de trabalho, encontram-se apresentadas no apêndice V.

A proposta do tema geral a desenvolver para a realização da curta-metragem, foi em articulação com a atividade realizada anteriormente pelas professoras de EVT,

denominada “Património Local”. De forma a dar continuidade ao projeto anterior, escolhi o tema, as “Lendas de Olhão”.

Porém, para a escolha do subtema, considerei a opinião dos alunos. Esta foi a sua primeira intervenção com o objetivo de estimular a responsabilidade e curiosidade em relação ao projeto e aos conteúdos a desenvolver.

Em concordância com os restantes elementos do grupo, os alunos escolheram a lenda que pretendiam recriar, recorrendo à técnica de imagem animada pré-definida, a técnica de recortes (*Cut Out*).

8.1.4 Pesquisa

Após a decisão do tema e subtema do trabalho a realizar, na aula seguinte surgiu a oportunidade dos alunos consolidarem a matéria através da sua participação na 4ª edição do evento anual - “*Movies*” realizado na escola EB 2/3 João da Rosa, e dinamizado pelo docente de Cinema e Multimédia, Paulo Rodrigues.

Os alunos foram dirigidos até ao pavilhão da escola e durante o tempo da aula, foi proporcionado aos mesmos uma partilha de experiências e conhecimentos no âmbito das técnicas de imagem animada.

A visualização das curtas-metragens, algumas realizadas no estrangeiro por profissionais, outras realizadas por alunos das escolas básicas e secundárias da região do Algarve, foram uma mais-valia para a motivação dos alunos do 6º D, na realização dos seus trabalhos.

Proporcionar aos alunos uma pesquisa por auto recriação, desenvolve nestes, uma ligação afetiva com o tema escolhido, solidificando os seus conhecimentos sobre o mesmo.

Na aula seguinte, as pesquisas individuais foram discutidas em grupo. As conclusões das mesmas foram colocadas em papel e apresentadas à professora estagiária

8.2 Fase de realização

Esta é a fase mais esperada por todos os intervenientes. Após as pesquisas feitas e a decisão tomada do tema que se pretende abordar, é chegada a altura de percorrer as principais fases do projeto. Este processo dá início, com elaboração da história através

da narrativa. Seguidamente é chegada a altura de “dar vida” aos personagens e ambientes que compõem a história, através dos desenhos realizados para o *storyboard*, seguindo-se da fase de construção dos personagens e cenários, passando para a captação de imagens terminando na edição e montagem da curta-metragem de animação.

Na última fase do projeto (realização e edição), é necessário o professor organizar atempadamente a forma como irão decorrer as aulas, prevendo o comportamento dos alunos e preparar-se na eventualidade de surgir algumas complicações a nível tecnológico.

Durante toda esta fase considero importante o professor promover a autonomia dos alunos em todas as fases do projeto, inculcando nos mesmos responsabilidade, criatividade, organização e gestão de conflitos durante as tarefas em grupo. Os grupos de trabalho definidos no início mantêm-se, até ao final do projeto.

Desta forma, a turma encontra-se dividida em cinco grupos de trabalho distribuídos da seguinte forma: o primeiro grupo corresponde a quatro elementos, o segundo igualmente, o terceiro grupo corresponde a seis elementos, o quarto grupo corresponde a quatro elementos e o quinto grupo a cinco elementos, com o objetivo de verificar qual o número de elementos considerado ideal para o bom funcionamento de um projeto.

Verificou-se que todos os elementos do grupo participaram ativamente em todas as fases do projeto, cabendo a cada grupo a responsabilidade da organização e trabalho em equipa para a realização do *storyboard*, a construção dos cenários e personagens, e por fim a decisão e captação das imagens realizadas em cada cena.

8.3 Fase de pré-produção

8.3.1 Narrativa e *Storyboard*

Com recurso ao programa *Microsoft Office PowerPoint 2010*, foi abordado aos alunos a construção de uma narrativa, para mais tarde ser aplicada no *storyboard*.

Como já referi anteriormente, um dos objetivos deste estudo é articular com outras áreas do saber. Nesta fase, essa articulação torna-se possível com a disciplina de Língua Portuguesa. A criação da narrativa enquadra-se com os conteúdos programáticos desenvolvidos na mesma.

Em grupo, os alunos escrevem as suas histórias em formato papel. Depois de concluídas e corrigidas pela professora de Português, seguiu-se a criação do *storyboard*.

Nesta fase, foram distribuídos a cada aluno, fichas de trabalho⁸¹ relacionadas com a matéria abordada. As fichas têm como objetivo consolidar a matéria lecionada, servindo igualmente como preparação para o *storyboard* “principal”.

A compreensão do funcionamento do *storyboard* é fundamental para uma pré-montagem da curta-metragem.

Nesta fase, os alunos planificam e testam o funcionamento das suas ideias antes de iniciarem a construção dos cenários e captação das imagens.

8.3.2 Cenários e Personagens

Depois da criação do *storyboard*, aprovado pela professora estagiária, os alunos passaram para a fase seguinte, a construção dos cenários e personagens.

Durante a construção dos cenários, foram pedidos aos alunos para trazerem diversos tipos de materiais.

Através de um vídeo demonstrativo no projeto TWA, os alunos lembraram a técnica de animação a utilizar neste estudo, a técnica de recortes (*Cut Out*).

As personagens e os cenários foram construídos pelos alunos seguindo a sequência do *storyboard* elaborado pelo grupo de trabalho.

Após uma análise das respostas efetuadas pelos alunos, na última questão da ficha de trabalho individual⁸², confirma-se que os alunos mostraram algumas dificuldades na ampliação dos cenários e personagens.

⁸¹ As fichas de trabalho apresentam-se no apêndice I.

⁸² Respostas elaboradas na Ficha de trabalho individual, apresentadas no apêndice II



Figura 3.14 – Elaboração dos cenários e personagens

Com alguma ajuda das professoras e alguns esclarecimentos sobre funcionamento da técnica de recortes (*Cut Out*), os mesmos aplicaram essa mesma aprendizagem, ultrapassando as dificuldades sentidas anteriormente.

8.3.3 Estudo dos personagens e cenários

Para os personagens e cenários foram utilizados materiais como: cartolina, cartão canelado, diversos tipos de tecido, diversos tipos de papel, botões, fita, etc.

Na criação da ilusão do movimento dos personagens, os alunos colocaram bostik entre as articulações dos mesmos, criando desta forma um pequeno movimento em cada imagem captada.

Os cenários por sua vez foram construídos através de camadas (*layers*).

Inicialmente os alunos definiram o fundo deste, acrescentando posteriormente alguns pormenores.

Após as três aulas previstas para a criação dos cenários, dois grupos de trabalho apresentavam-se preparados para dar início à próxima fase, a captação das imagens animadas e edição da curta-metragem.

8.4 Produção

8.3.4 Captação das imagens

O exercício de animação com técnicas de recortes foi realizado com recurso de equipamentos tecnológicos tais como: a máquina fotográfica digital *Canon 350D*, a máquina de filmar *Sony* o *software* de edição *Claymation 2.0*, disponibilizados pela escola e também pelo docente Paulo Rodrigues. O computador portátil, *Mac Book Pro da Apple* para a edição do projeto, foi disponibilizado pela docente de EVT, a professora Maria Manuela Matias.

Esta etapa é a mais demorada, contudo verificou-se que ao longo desta fase, os alunos não apresentaram nenhuma dificuldade na utilização das ferramentas tecnológicas e na compreensão do movimento das personagens através da técnica de recortes.

Durante esta fase, a organização das aulas são feitas de forma diferente. Enquanto três grupos trabalham em simultâneo a edição da animação, recorrendo às ferramentas tecnológicas disponíveis, os outros grupos terminam os cenários e elaboram brinquedos óticos (*flipbook*).

Durante todo o processo, os alunos mostraram-se sempre motivados e animados, dominando em pouco tempo e de forma autónoma, as ferramentas tecnológicas disponibilizadas.

Como já foi referido, a captação das imagens foram feitas através de duas câmaras fotográficas *Canon 350D*, uma para cada grupo de trabalho, e uma camara de filmar *Sony* ligada ao computador portátil *Mac Book Pro*. O *software* utilizado para a edição foi o *Claymation Studio 2.0*.

A utilização de diferentes ferramentas tecnológicas em contexto sala de aula, teve como objetivo compreender o funcionamento da edição e captação de imagens através de diferentes tipos de média.

O ideal seria haver mais computadores, camaras fotográficas ou webcams nas escolas, de forma criar as condições perfeitas para o desenvolvimento desta atividade. Não existindo essas condições é necessário criar estratégias como partilhar os materiais.



Figura 3.15 – Captação da imagem com recurso à fotografia



Figura 3.16 – Edição de Imagem com recurso ao software *Claymation 2.0*



Figura 3.17 – Captação de imagem com recurso à máquina de filmar

8.5 Pós-Produção

8.3.5 Gravação de sons

Para a elaboração da banda sonora ou dos sons do filme é possível articular com a disciplina de Educação Musical.

Neste caso devido à limitação temporal, os sons foram retirados da *internet* através do *site freesound.com*.

Foi proporcionada a oportunidade de cada grupo escolher o som que queria para apresentar na sua animação.

Através de uma breve explicação sobre a aplicação dos mesmos na curta-metragem e recorrendo à ajuda da professora estagiária, os sons foram finalmente editados. Apenas o grupo III, gravou no estúdio da escola a narrativa, aplicando posteriormente no filme animado.

8.6 Apresentação

Após a conclusão das curtas-metragens, o projeto não terminava aqui. Um dos objetivos deste estudo é trazer os pais e encarregados de educação à escola de forma a participarem mais ativamente na vida escolar dos seus educandos.

Desta forma, com a colaboração e orientação da DT a professora Esperança Afonso, foi organizada uma festa de final de ano na biblioteca escolar, contando com a presença dos pais /encarregados de educação, professores e gestão escolar. O evento foi publicitado através de convites feitos pela DT e enviados para os pais, professores e comunidade educativa.

As apresentações das curtas-metragens foram realizadas conjuntamente com outros projetos elaborados pela turma do 6º D ao longo do 2º ciclo de estudos.

No final da apresentação verificou-se que a mesma agradou a todos.

CAPÍTULO III, ANÁLISE DE DADOS

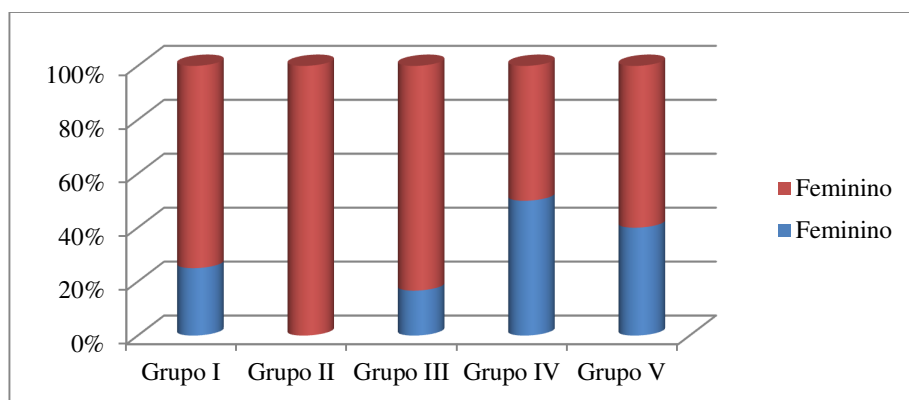
9. Balanço dos Intervenientes

A amostra deste estudo corresponde ao grupo de alunos do 6º ano de escolaridade, turma D, da Escola Básica dos 2º e 3º ciclo João da Rosa, em Olhão. A presente turma conta com um total de 23 alunos, divididos por 5 grupos.

No sexto ano de escolaridade, a disciplina de EVT é de carácter obrigatório. Contudo, encontra-se um aluno em regime articulado com o Conservatório de Música. Neste caso específico, o mesmo tem a opção de frequentar a disciplina uma vez por semana.

Ao longo do ano letivo 2011/2012, a disciplina de EVT foi lecionada por duas professoras em regime par pedagógico, a professora Maria Manuela Matias e a professora Adelaide Silva, tendo sido utilizadas ferramentas pedagógicas tradicionais, no ensino dos conteúdos programáticos previstos.

Como se pode verificar no gráfico seguinte, a presente amostra de estudo é composta por uma turma dividida em cinco grupos, distribuídos da seguinte forma:



Grupo I corresponde a três elementos do sexo feminino e a um elemento do sexo masculino, formando no total, um grupo de quatro elementos.

O grupo II é formado por quatro elementos, pertencentes ao sexo feminino.

O grupo III é formado por quatro elementos, pertencentes ao sexo feminino.

O grupo IV, o maior grupo dos cinco descritos, corresponde a cinco elementos do

sexo feminino e um elemento do sexo masculino. Totalizando seis elementos.

O grupo IV corresponde a dois elementos do sexo feminino e dois do sexo masculino. Totalizando um grupo de quatro elementos.

Por fim, o grupo V corresponde a dois elementos do sexo masculino⁸³ e três elementos do sexo feminino. Totalizando cinco elementos.

Após a explicação do tema com recurso ao PowerPoint 2010, foi aplicado um questionário (apêndice I), dirigido aos alunos do 6ºD.

Este questionário denominado por ficha individual de trabalho é composto três partes. Na primeira parte do questionário os alunos deverão preencher gradualmente, ao longo do desenvolvimento do seu trabalho, refletindo sob a forma como participaram neste projeto (Saber/Saber Fazer).

A segunda parte do questionário encontra-se sob forma de autoavaliação, correspondendo ao comportamento do aluno em sala de aula e cooperação em grupo (Saber Ser). Este ponto tem como objetivo o professor perceber se o aluno cumpriu as regras impostas e se trabalha bem em grupo.

O terceiro e último ponto deste questionário correspondem às dificuldades e obstáculos sentidos ao longo do projeto. A mesma corresponde a uma questão fechada, que tem como objetivo o professor perceber se a metodologia aplicada funcionou e os alunos atingiram as metas propostas.

Devido às limitações temporais existentes, o modelo de investigação escolhido para a análise deste estudo foi o método **qualitativo**.

A Investigação Qualitativa e os seus métodos são uma resposta às limitações reveladas pelos métodos quantitativos. Os investigadores da educação interessam-se pelos processos cognitivos e metacognitivos dos seres humanos. Cedo perceberam que os métodos quantitativos eram limitados e por vezes inapropriados. Sentiram, a necessidade de recorrer a observações mais ou menos prolongadas dos sujeitos envolvidos na investigação, submetendo-os a entrevistas registando o que diziam.

O foco da Investigação Qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está “por trás” de certos comportamentos, atitudes ou

⁸³ O aluno nº 23, pertencente ao grupo V, todavia não apresentou continuidade no projeto, por usufruir da articulação com o conservatório de música de Olhão. O aluno assistia às aulas de EVT, apenas uma vez por semana.

convicções. Não há, em geral, qualquer preocupação com a dimensão das amostras nem com a generalização de resultados. Também não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos tal como o que se passa na investigação quantitativa. De facto, no paradigma qualitativo, o investigador é o “instrumento” de recolha de dados por excelência; a qualidade (validade e fiabilidade) dos dados depende muito da sua sensibilidade, da sua integridade e do seu conhecimento.

Uma das vantagens de Investigação Qualitativa relaciona-se com a possibilidade de gerar boas hipóteses de investigação. Isto deriva do facto de se utilizarem técnicas tais como entrevistas detalhadas e profundas com os sujeitos sob investigação, observações minuciosas e prolongadas das suas atividades e/ou comportamentos e análise de produtos escritos.

A Investigação Qualitativa fornece informação acerca do ensino e da aprendizagem que de outra forma não se pode obter. Por exemplo, através de observação detalhada e planeada e de interação estreita com os sujeitos podem estudar-se os processos cognitivos que utilizam na resolução de situações problemáticas.

Desta forma, seguem-se os resultados analisados ao longo do trabalho realizado com as crianças, durante o 3º período do ano letivo 2012/2013.

Não se pretende defender aqui um método de pesquisa. Contudo a observação e o questionário utilizado nesta abordagem qualitativa, foi o método utilizado para efetuar a análise de dados da referida amostra.

9.1 Resultados

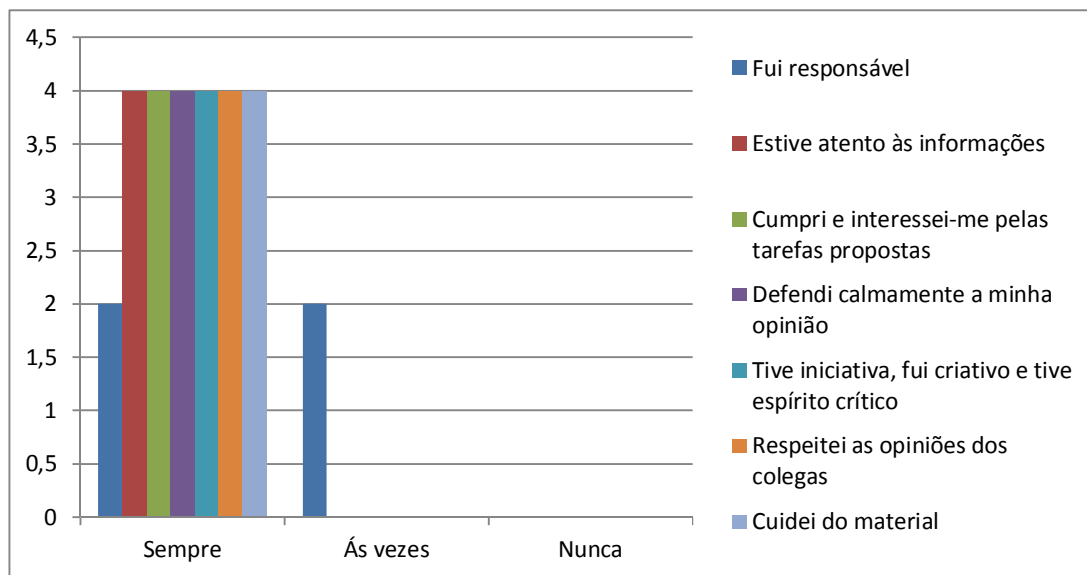
Após a recolha dos dados, através de observação direta e questionários feitos aos alunos da disciplina de EVT do 6º ano turma D, permitiu observar cada grupo de trabalho, individualmente:

9.1.1 Grupo I

De acordo com a primeira questão da ficha de trabalho individual fornecida aos alunos pela professora estagiária (apêndice I), os quatro elementos do grupo I admitiram ter cooperado e participado em todas as fases do projeto, explicando por escrito a forma

como resolveram cada fase.

A cooperação e cumprimento de regras deste grupo encontram-se registados no quadro I, de acordo com as respostas dadas pelos mesmos:

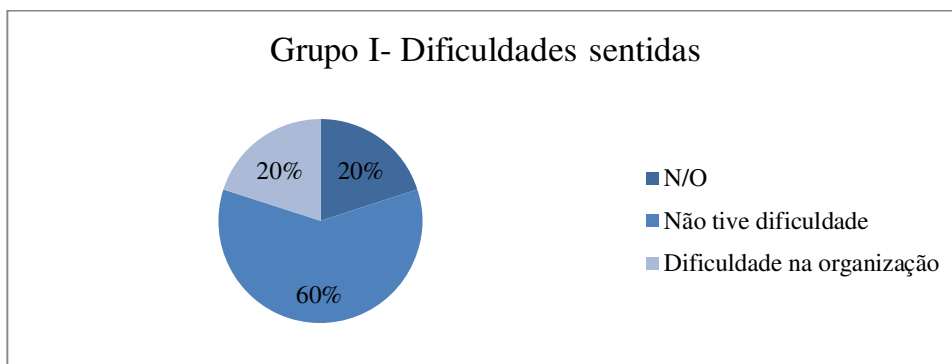


Quadro I- Saber Ser/Cooperação/Cumprimento de regras, Grupo I

No âmbito da responsabilidade dois elementos responderam (Sempre) e os outros dois responderam (Às vezes). Nas restantes questões, nota-se que os alunos responderam favoravelmente (Sempre).

Segundo as respostas dadas pelos mesmos, verifica-se que todos os elementos deste grupo cumpriram quase todas as regras impostas pela professora, trabalhando em equipa, cooperando e apoiando-se mutuamente.

Os resultados analisados, relativos à questão III encontram-se no quadro II.



Quadro II – Dificuldades sentidas, Grupo I

Analisando o quadro anterior, verifica-se que 60% do grupo, admitiu não ter sentido dificuldade durante o projeto.

As três alunas pertencentes ao grupo I responderam não terem tido qualquer dificuldade, contudo uma delas admitiu ter sentido apenas alguma dificuldade na organização do trabalho. Um aluno não se verificou resposta, no qual foi considerado (N/O), não observado.

9.1.2 Grupo II

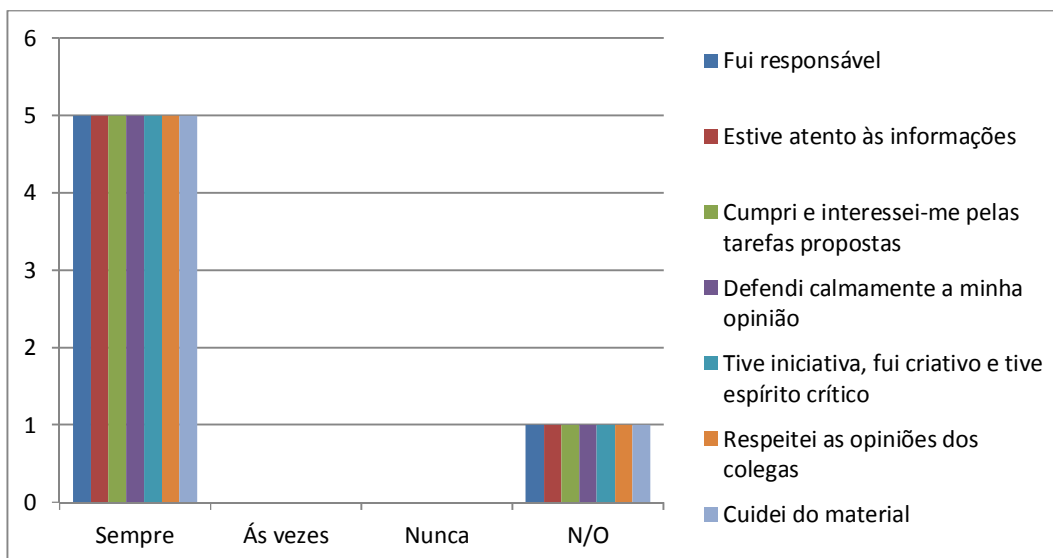
As quatro alunas pertencentes ao grupo II não entregaram as fichas de trabalho individuais. Desta forma, não possuo de elementos suficientes para analisar graficamente as questões dadas pelas mesmas nos questionários.

De acordo com a minha observação ao longo das aulas, concluo que apesar de serem alunas responsáveis, atentas às informações cumpridoras e interessadas, as mesmas apresentaram muitas dificuldades na organização do grupo e definição de tarefas, contanto sempre com a intervenção das professoras na resolução dos problemas, em todas as fases do trabalho.

9.1.3 Grupo III

Na primeira questão, os seis elementos do grupo III admitiram ter cooperado e participado em todas as fases do projeto, explicando por escrito a forma como resolveram cada fase.

De acordo com as respostas dadas pelos alunos, a cooperação e cumprimento de regras encontram-se registados no quadro abaixo:

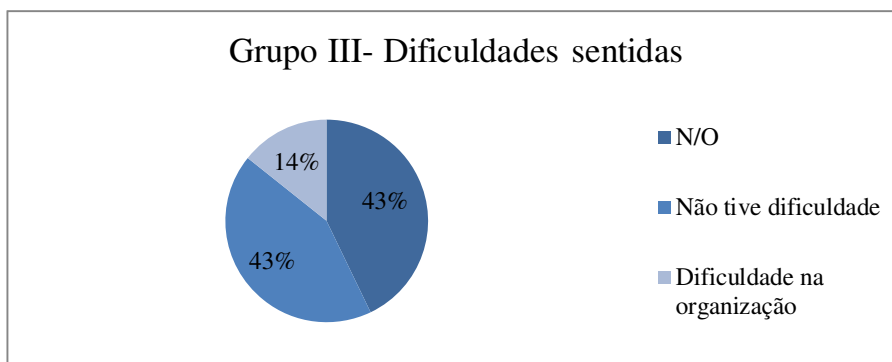


Quadro III – Saber Ser/ Cooperação/Cumprimento de regras, Grupo III

De acordo com o gráfico verifica-se que quase todos os elementos do grupo III responderam favoravelmente (Sempre) à questão 2. Apenas um aluno não respondeu, sendo considerado não observado (N/O).

Desta forma, verifica-se que os elementos deste grupo cumpriram todas as regras propostas pela professora. Todos apresentaram trabalho em equipa, cooperando e apoiando-se mutuamente.

De acordo com a análise das dificuldades sentidas, o quadro abaixo resume a análise das respostas elaboradas na questão III:



Quadro IV – Dificuldades sentidas, Grupo III

Segundo a análise do quadro III, verifica-se a ausência de respostas por parte de três alunos, sendo considerado desta forma, não observado (N/O).

Três alunas confirmaram não terem tido dificuldades, porém duas admitiram que apesar de não terem sentido dificuldade no que respeita ao trabalho, apresentaram alguma dificuldade na organização do grupo.

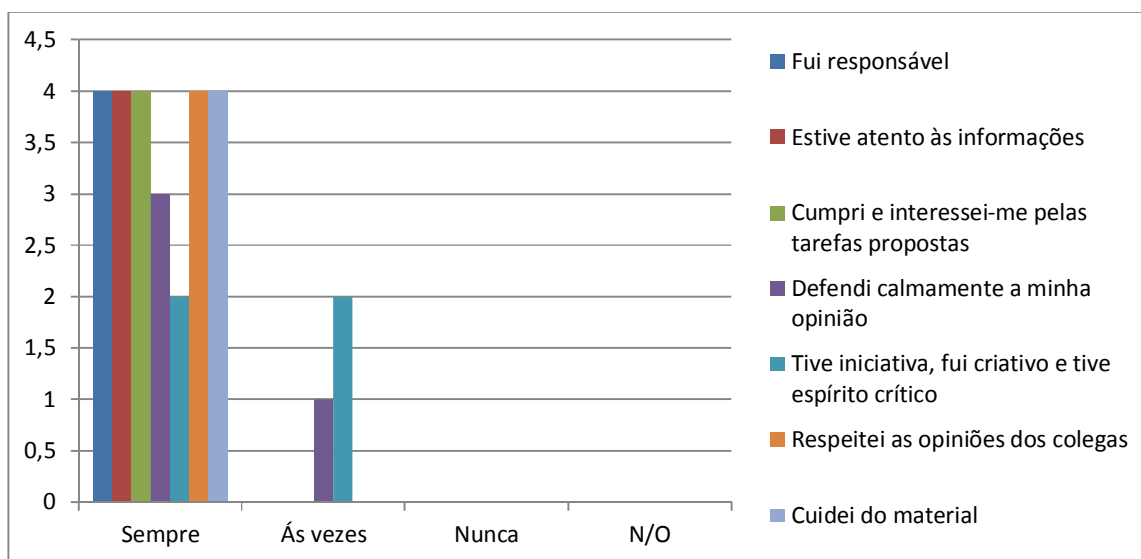
De acordo com a minha observação durante todo o processo de criação da curta-metragem, constatei que o grupo III, por ser um grupo de seis elementos, apresentou sérias dificuldades na organização e distribuição de tarefas por todos os elementos.

Porém, apesar de apresentarem algumas dificuldades na gestão da organização do trabalho a realizar, no âmbito da criatividade, considero que os mesmos forma criativos na escolha do tema, na escolha dos materiais e perfeccionistas na edição da curta-metragem.

9.1.4 – Grupo IV

De acordo com a resposta referente à primeira questão da ficha de trabalho individual, o grupo IV composto por quatro elementos, admitiram ter cooperado e participado em todas as fases do projeto.

A cooperação e cumprimento de regras encontram-se registados no quadro V:

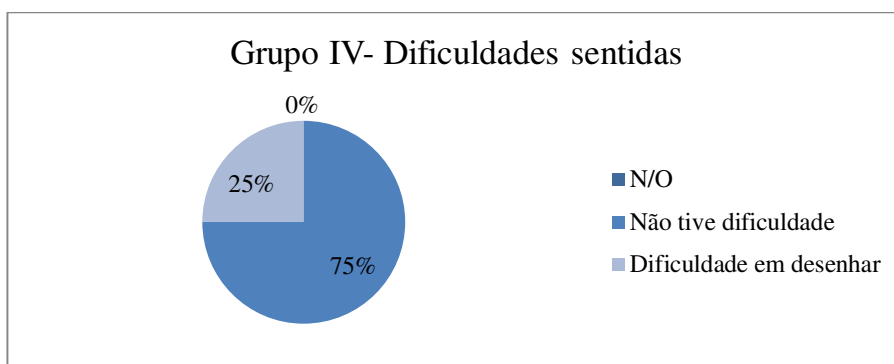


Quadro V – Saber Ser/ Cooperação/Cumprimento de regras, Grupo IV

De acordo com a análise dos dados apresentados, conclui-se que todos os elementos admitiram ser responsáveis, cumpridores, interessados, respeitando a opinião dos colegas.

Conclui-se porém que 50% do grupo respondeu ter sempre iniciativa no que respeita ao desenvolvimento do trabalho, enquanto os restantes 50% do grupo, admite ter iniciativa apenas às vezes.

A maior parte do grupo respondeu ter defendido calmamente a sua opinião, enquanto um elemento respondeu ter defendido a sua opinião, às vezes.



Quadro VI – Dificuldades sentidas, Grupo IV

De acordo com a análise das respostas dadas por cada elemento do grupo, verificamos que a maior parte não sentiu qualquer tipo de dificuldade, porém um aluno admitiu sentir alguma dificuldade a desenhar as proporções dos personagens e dos cenários.

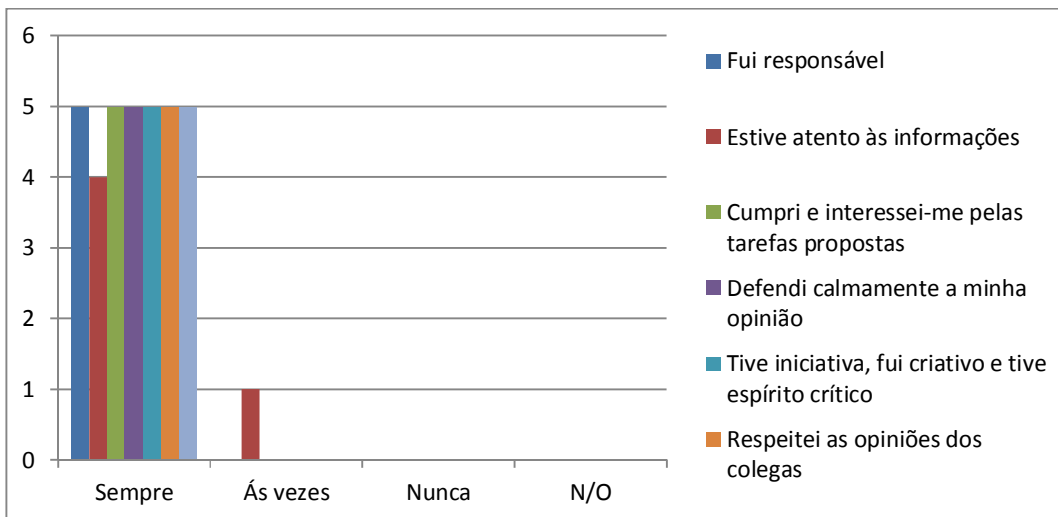
Segundo a observação direta em sala de aula, admito existir alguma dificuldade relativamente à proporção. Porém, o grupo conseguiu resolver o problema, após uma breve explicação da professora estagiária passando rapidamente para a fase seguinte.

Segundo a análise da observação verifiquei que o grupo IV foi o que mais se destacou por ter sido o mais autónomo, motivado e interessado por todas as fases do projeto.

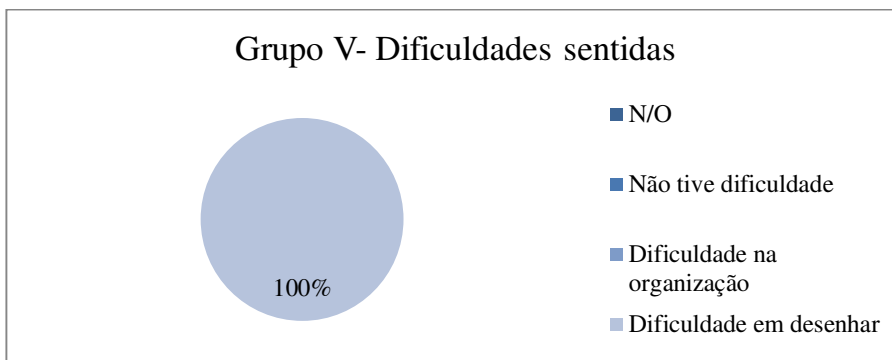
9.1.5 Grupo V

Após a análise das respostas dos elementos do grupo V, relacionadas com a questão I, revelam que estes desenvolveram a capacidade o trabalho em grupo, por se encontrarem motivados, interessados pelo projeto, respeitando todas as regras,

cooperando com os colegas. Apenas um aluno admitiu que por vezes não estava atento às informações fornecidas pela professora estagiária.



Quadro VII – Saber Ser/ Cooperação/Cumprimento de regras, Grupo V



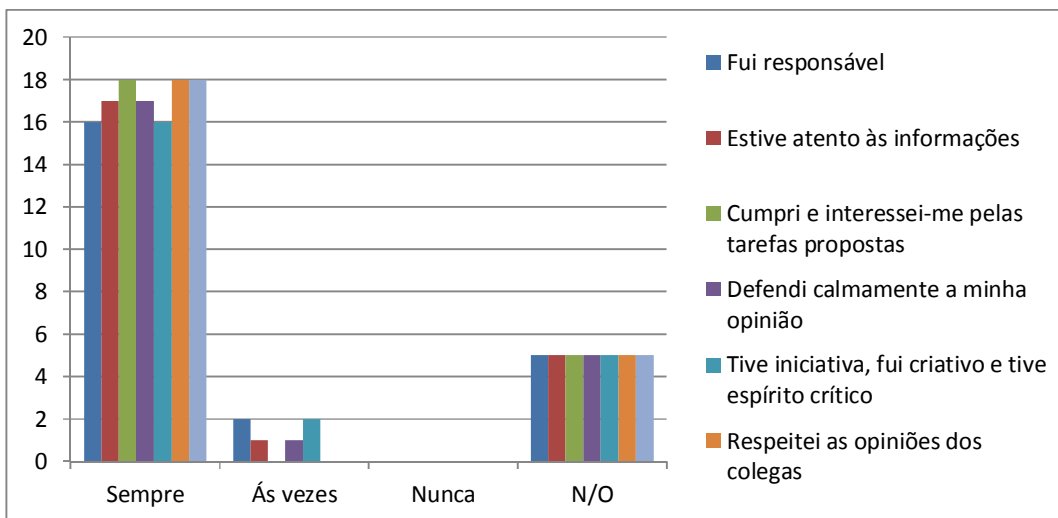
Quadro VIII - Dificuldades sentidas, Grupo V

Os cinco representantes do grupo V descreveram textualmente nas fichas de trabalho individual, que sentiram dificuldades relativamente às proporções dos personagens e cenários.

Segundo a observação elaborada pela professora estagiária no decorrer das aulas, verificou-se que existiu uma séria dificuldade em redimensionar os cenários e personagens, inicialmente em *storyboard*, para cartolina, devido à dificuldade em aumentar o tamanho dos mesmos.

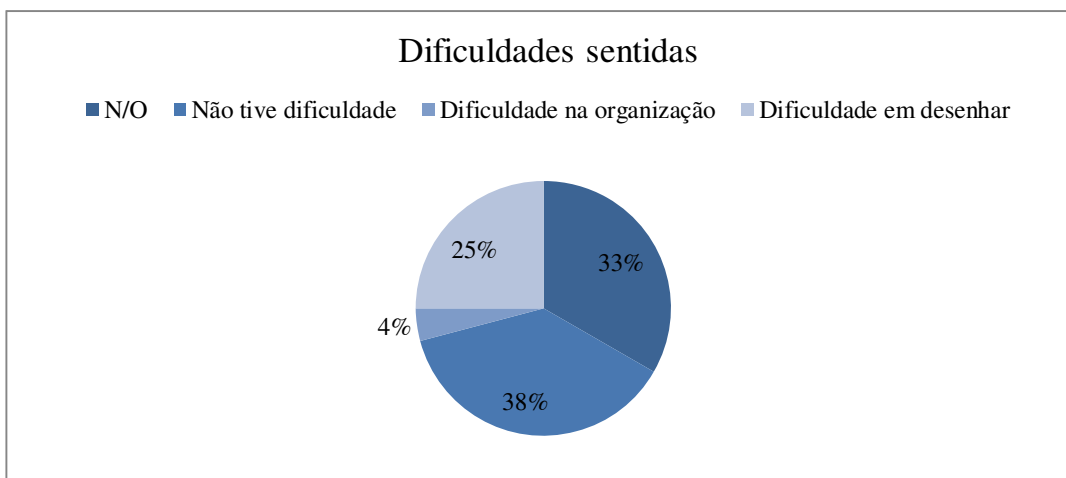
9.2 Resultado global da análise

O gráfico baixo representado é referente ao resultado global das respostas elaboradas pelos alunos representados pelos cinco grupos de trabalho.



Quadro IX – Saber Ser/ Cooperação/Cumprimento de regras

De acordo com o gráfico geral acima representado, verifica-se que a maior parte dos alunos respondeu favoravelmente (Sempre) a quase todas as questões referentes à pergunta I da ficha individual de trabalho. Desta forma conclui-se que todos os alunos admitiram trabalhar em conjunto em todas as fases do exercício com técnicas de imagem animada.



Quadro X – Dificuldades sentidas

Segundo o gráfico acima apresentado, conclui-se que 38% das respostas dadas pelos alunos é referente à facilidade de compreensão e execução, do exercício com técnicas de imagem animada utilizada em contexto sala de sala de aula. Porém 25% mostrou dificuldades em representar as proporções dos personagens e cenários.

Os 4% das respostas são referentes às dificuldades sentidas na organização dos grupos de trabalho. Este último foi notório em grupos com mais de quatro elementos.

Os 33% das respostas do total dos 5 grupos, por razões alheias à minha vontade, não foram possíveis de analisar, devido ao facto dos alunos não terem respondido à questão III.

CAPÍTULO IV, CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa em Olhão representa um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), devido aos problemas sociais dos bairros circundantes, albergando uma comunidade escolar bastante diversificada.

Neste contexto, a escola EB 2,3 João da Rosa acredita que uma escola de sucesso é aquela “que aposta no desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, apetrechando-os com um conjunto de competências que possibilite a cada um construir o seu “Projeto de Vida”.⁸⁴

“O princípio da Inclusão apela para uma Escola que tenha em atenção a criança – todo, não só a criança – aluno, e que, por conseguinte, respeite três níveis de desenvolvimento essenciais – académico, socioeconómico e pessoal, de forma a proporcionar-lhe uma educação apropriada, orientada para a maximização do seu potencial.”

“Para que possamos dar resposta à diversidade e complexidade dos alunos com NEE é necessário que as escolas sejam dotadas com recursos materiais, humanos, e sejam alteradas as estruturas organizacionais das escolas. “ Correia (1999)

De acordo com a análise das entrevistas realizadas a dois docentes da escola EB 2/3 João da Rosa⁸⁵, verificou-se que a mesma atinge apenas as condições mínimas necessárias para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

Todavia, apesar da humanidade dos funcionários e da preocupação diária da maioria dos professores que integram estes alunos nas suas turmas, criando planificações adaptadas, estratégias e métodos adequados para o desenvolvimento cognitivo e motor destas crianças, não sobrepõe à inexistência de materiais específicos e equipamentos necessários para uma que uma inclusão de sucesso seja aplicada a estes alunos, de forma a participarem mais ativamente nas atividades da escola.

Foi verificada ainda, a importância de ações de formação/ *workshops* específicas de educação especial, para docentes e funcionários, de forma a facilitar o trabalho dos

⁸⁴ Texto retirado do Plano Anual de Atividades 2011 – 2012, do Agrupamento de Escolas João da Rosa.

⁸⁵ Entrevistas realizadas no âmbito da unidade curricular Métodos de Investigação, ministrada pelo docente António Fragoso no ano letivo 2011/2012

mesmos e o seu relacionamento com o aluno, dentro e fora da sala, nomeadamente para os professores de EVT.

Outro fator importante é uma meta a atingir pela Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa, diz respeito à participação ativa dos encarregados de educação, em todo o percurso escolar, de forma a facilitar a integração de alunos com NEE's, bem como os alunos de ensino regular.

A experiência realizada na Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa foi bastante positiva. A mesma consistiu numa abordagem através da utilização das técnicas de imagem animada como instrumento pedagógico, em contexto escolar, direcionada para os alunos do 6º ano de escolaridade, nomeadamente na disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

Conclui-se que os alunos nesta faixa etária demonstraram motivação, empenho e responsabilidade pelos trabalhos realizados, desenvolvendo as competências necessárias para a realização de uma curta-metragem, passando por todas as fases de produção com grande facilidade. Este estudo tinha como objetivo demonstrar o potencial educacional do cinema de animação em contexto de sala de aula, na disciplina de EVT, incentivando o uso do mesmo como instrumento didático, motivando alunos, professores e comunidade escolar. Outro objetivo alcançado foi o de envolver pais/encarregados de educação, despertando o interesse destes últimos, pela vida escolar e pelos trabalhos dos seus educandos.

A realização deste estudo proporcionou aos alunos do 6º ano e escolaridade turma D, a experiência de criar os seus próprios filmes animados com recurso às novas tecnologias. Este leque de experiências vivenciadas por estes alunos proporcionou aos mesmos, a capacidade de desenvolver variadas competências básicas consideradas essenciais, como a criatividade; o espírito crítico, a resolução de problemas e capacidade de trabalho em grupo.

Esta atividade divertida e educativa envolve os alunos para a criação artística despertando a curiosidade para o conhecimento adquirindo em simultâneo competências para a vida, como a comunicação, planeamento, capacidade de síntese e concentração.

Desta forma, a escola não proporciona apenas aos alunos, o vivenciar de uma nova experiência como também proporciona ao país o nascimento de uma nova geração de criativos.

O sucesso da Escola e desenvolvimento escolar dos alunos depende da sensibilização, responsabilização e dedicação de toda a comunidade, passando essencialmente por uma reflexão crítica por parte dos órgãos de gestão da escola e do docente, no que respeita à sua prática de ensino.

O professor reflexivo promove condições para que cada um dos seus alunos se desenvolva de uma forma harmoniosa a todos os níveis. Todavia, é da responsabilidade da Escola, organizar projetos orientados para o desenvolvimento de culturas e de práticas inclusivas, merecendo por conseguinte, mudanças, apoios e recursos indispensáveis à concretização efetiva dos objetivos definidos.

A minha experiência como estagiária possibilitou-me compreender o cotidiano de uma escola, a refletir e interagir com os alunos, analisar comportamentos e adquirir novos conhecimentos sobre a prática de docente. Ajudou-me a compreender que a intervenção como professores requer um trabalho de constante reflexão e que esta prática interventiva pode criar mudanças significativas nos jovens de hoje e na sociedade.

REFERÊNCIAS

Agrupamento Vertical de Escolas, com sede na Escola Básica do 2º e 3º ciclo João da Rosa, (2009), *Educar para o sucesso – Território Educativo de Intervenção Prioritária*, Olhão.

Agrupamento Vertical de escolas João da Rosa, (2010), *Regulamento Interno*.

APEVT, (2012). *Posição de Princípio sobre a Proposta de Revisão da Estrutura Curricular*. Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica, Aveiro.

URL: www.apevt.pt/.../Posicao_de_Principio_APEVT_Enc_Nac_2012.doc

A página da Educação. (2002). *Cinema de animação português atravessa fase de crescimento sustentado, mas "faltam profissionais qualificados" e as escolas "não têm oferta de formação", diz Abi Feijó em entrevista à Página*. Arquivo vivo nº 111, p.36. Acedido em: 12 de março 2012.

URL: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=111&doc=8780&mid=2>

Câmara Municipal de Olhão, (2007), *Freguesia de Quelfes*. Acedido em: 20 de Fevereiro 2012.

URL: <http://www.cm-olhao.pt>

Câmara Municipal de Olhão, (2007), *Freguesia de Olhão*. Acedido em: 20 de Fevereiro 2012.

URL: <http://www.cm-olhao.pt>

David Perry. (20011/2012), *Welcome to MonkeyJam.org – MonkeyJam new home!* Acedido em 23 de julho 2012.

URL: <http://monkeyjam.org/>

Denis, S., (2007), *O cinema de animação*, Edições Texto & Grafia, Lisboa.

Educação Visual e Tecnológica, (1991), *Plano de Organização e Aprendizagem – Volume II*

Fernandes P., (2012), *Educação Visual e Tecnológica: (des) integração curricular*, EIEA 2. Acedido em 6 de agosto 2012.

URL: <http://eiea.identidades.eu/pt-pt/content/educa%C3%A7%C3%A3o-visual-e-tecnol%C3%B3gica-desintegra%C3%A7%C3%A3o-curricular-0>

Graça, M. E., (2006), *Entre o olhar e o gesto - Elementos para uma poética da imagem animada*, Editora Senac, São Paulo.

Graça, M. E., (2007), *Imagens animadas por crianças na sala de aula: motivação, literacia e criatividade*. *Revista Convergências*. Acedido em: 10 de março 2012

URL: http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo_imprimir/36

Honestech, (2008), *Claymation Studio 2.0 - Guia do Usuário*. Acedido a 20 de junho 2012.

URL:http://www.honestech.com/pdf/User%20Guide_Claymation%20Studio%202.0_POR_r16-1.pdf

Instituto Nacional de Estatística, Indicadores Sociais (2010), *Destaque Informação à comunicação social*, p.5. Acedido em: 10 de março 2012.

URL: <http://www.ine.pt>

Maia e Silva, E.M.A, (2011), *Projecto ANIMAR: Quando as Imagens Animadas e a Animação de Volumes são o mote de trabalho em Educação Visual*, Porto.

URL:http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2011/01/projecto_animar.pdf

Marques.R, (1997), *Educação Social na Escola Básica-Modelos e Métodos*, Livros Horizonte, Lisboa.

Ministério da Educação, (2004), *Organização Curricular e Programas-Ensino Básico 1º ciclo*, 4ª Edição, Lisboa. Acedido em 24 de Fevereiro 2012.

URL: Programa_1CicloEB.pdf

Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica, (2001), *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais*, Acedido em 19 de agosto 2012.

URL:http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/84/Curriculo_Nacional.pdf

Ministério da Educação e Ciência, 2011, *Proposta de revisão de estrutura curricular*. Acedido em: 24 de Fevereiro 2012.

URL: <http://www.portugal.gov.pt>

Nogueira, S., *Animatropé - Máquina Virtual de animação*. Revista "InFormar", n.º 19 da APEVT. Acedido a 12 de julho 2012.

URL:<http://www.animatropé.com/projecto.asp>

Pacheco, J. A., (1991), *A reforma do Sistema Educativo – Alguns aspetos da reorganização dos planos curriculares dos ensinos básico e secundário em Portugal e Espanha*. Revista Portuguesa da Educação (69-83), Universidade do Minho.

URL: 1991, 4(2), 69-83(JoseAugustoPacheco).pdf

Ponte, C., & Vieira, N. (2007), *Crianças e Internet, Riscos e Oportunidades Um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. Universidade Nova de Lisboa; Universidade Técnica de Lisboa Projeto EU Kids Online Portugal. Acedido em: 10 de março 2012.

URL:http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU_Kids_OnlineVersao170707.pdf

Revista Portuguesa da Educação, (1991), J.A., *A Reforma do Sistema Educativo Alguns Aspetos da Reorganização dos Planos Curriculares dos Ensinos Básicos em Portugal e Espanha*. Acedido a 6 de agosto 2012.

URL:[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/472/1/1991,4\(2\),6983\(JoseAugustoPacheco\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/472/1/1991,4(2),6983(JoseAugustoPacheco).pdf)

Ribeiro, António Carrilho, (s.d), in *Desenvolvimento Curricular*, págs. (11 a 22), Col. Educação Hoje, Texto Editora

Rogers, C., (2009), *Tornar-se Pessoa*, 1ª edição, Lisboa, Padrões Culturais Editora.

Silva, T.T., (2000), *Teorias do Currículo – Uma Introdução Crítica*, Porto Editora

Sousa, Alberto, B. (2003). *Educação pela arte e artes na Educação – 3º Volume Música e Artes Plásticas*. Instituto Piaget, Lisboa, Stória Editores, Lda.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, (2001) Comissão Nacional da Unesco–Portugal. Acedido em 1 de agosto 2012.

URL: www.unesco.pt

Universidade do Algarve (2011-2012) Curso de *Licenciatura em Imagem Animada*. Acedido em 12 de março 2012.

URL:http://w3.ualg.pt/~mgraca/PANFLETO_Lic-Imagem-animada_11out09.pdf

Van Haecht, A. (2001), *L'École des Inégalités. Éssai sur les Politiques d'Éducation*, Mons, Éd. Talus d'Approche.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Diário da República, Decreto – Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, 1.ª série — N.º 79 — 22 de abril de 2008. Acedido em: 24 de fevereiro 2012.

URL: <http://dre.pt/pdf1s/2008/04/07900/0234102356.pdf>

Diário da República, Decreto – Lei 94/2011, 3 de agosto, 1.ª série - N.º 148 - 3 de agosto de 2011. Acedido em: 24 de fevereiro 2012.

URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2011/08/14800/0414204150.pdf>

Diário da República, Serie I – número 237, 14 outubro 1986. Acedido em 6 de agosto 2012.

URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/1986/10/23700/30673081.pdf>

Diário da República, *Despacho Normativo n.º 13-A/2012*. I Série – número 109, 5 de junho 2012. Acedido em 20 de agosto 2012.

URL: <http://dre.pt/pdfgratis2s/2012/06/2S109A0000S02.pdf>

APÊNDICES

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:
Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

APÊNDICE I – Ficha Individual de Trabalho



FICHA INDIVIDUAL DE TRABALHO

Disciplina de _____	Ano letivo 20____/20____	Semana de _____
____/____ A ____/____		
Aluno		
Nº		

Designação do trabalho/projeto

Para poderes preencher esta ficha, deves refletir na forma como irás participar/participaste neste trabalho/projeto.

1. Saber/Saber Fazer

Assinala com uma cruz/descreve a tua participação no grupo de trabalho.

<i>O que vou fazer</i>		<i>Como vou fazer</i>		<i>O que já fiz</i>
Pesquisar e organizar a informação	X			
Escrever a História/Narrativa				
Construir <i>Storyboard</i>				
Fazer o Guião				
Construir Personagens/Cenários				
Editar (curta-metragem)				

3. Saber ser/Cooperação/Cumprimento de regras

	Sempre	Às vezes	Nunca
Fui responsável			
Estive atento às informações			
Cumpri e interessei-me pelas tarefas propostas			
Defendi calmamente a minha opinião			
Tive iniciativa, fui criativo e tive espírito crítico			
Respeitei as opiniões dos colegas			
Cuidei do material			

3. Indica as dificuldades que sentiste neste trabalho.

A professora _____

DEPARTAMENTO DE: **Expressões**
EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA

ANO LETIVO: 2011/2012

O 25 de abril

Nome: nº	Turma:
-------------	--------

Era uma vez uns senhores que mandavam em Portugal. Eles exploravam e oprimiam o povo. O povo vivia triste e na miséria, mas organizou-se para a luta. No dia 25 de abril, juntamente com as forças armadas (o exercito; a marinha e a aviação), expulsaram os opressores. A partir desse dia, construiu-se um Portugal novo, livre e democrático.

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:
Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

A (s) Docente (s):

DEPARTAMENTO DE: **Expressões**
EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA

ANO LETIVO: 2011/2012

STORYBOARD

Nome: nº	Turma:
-------------	--------

Grupo:	Tema:
--------	-------

Cena:____

Ação:

Cena:____

Ação:

Cena:____

Ação:

Cena: __

Ação:

Cena: ____

Ação:

Cena: ____

Ação:

Cena: ____

Ação:

A (s) Docente (s):

Abordagem com Técnicas de Imagem Animada:
Uma estratégia de motivação e desenvolvimento de competências no 2º ciclo

APÊDICE III – Planificações Diárias



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Técnicas de imagem animada	Movimento e Energia	Animação	17 de abril 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Compreender a evolução do cinema de animação e o funcionamento dos brinquedos óticos.- Compreender as várias técnicas utilizadas em cinema de animação.- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (pré-produção; produção; pós-produção).-Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Introdução ao tema (técnicas de imagem animada), com recurso à aula expositiva, através do programa <i>Microsoft PowerPoint 2010</i> . Demonstração de vídeos explicativos sobre o funcionamento dos brinquedos óticos e técnicas utilizadas em animação.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Projetor; Quadro
Sumário: Introdução ao tema: técnicas de imagem animada.		Reflexão:	



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Técnicas de imagem animada. Construção da Narrativa.	Movimento e Energia	Animação	19 de abril 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Compreender o funcionamento da técnica utilizada para este projeto: Técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (pré-produção; produção; pós-produção).- Elaboração da narrativa da história (lenda). Início da (Pré-produção) da curta-metragem.-Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Abordagem da técnica de recortes (<i>Cut Out</i>), recorrendo ao programa <i>Microsoft PowerPoint 2010</i> , e demonstração de vídeos explicativos sobre o funcionamento da mesma. Explicação da elaboração da narrativa para a história (lendas de Olhão). Formação dos grupos de trabalho.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Projetor; Quadro
Sumário: Abordagem ao tema: técnica de recortes (<i>Cut Out</i>). Formação de grupos de trabalho. Início do processo pré – produção: elaboração da narrativa para a curta-metragem.		Reflexão:	



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
<i>Storyboard</i>	Movimento e Energia	Animação	24 de abril 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Compreender o funcionamento da elaboração do <i>Storyboard</i>.- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (pré-produção; produção; pós-produção).-Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Apresentação da curta-metragem “animando”, onde mostra de uma forma lúdica, as diferentes técnicas de imagem animada. Explicação da elaboração do <i>storyboard</i> , através do programa <i>Microsoft PowerPoint 2010</i> . Ficha de trabalho sobre o mesmo tema.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Projetor; Quadro; Ficha de trabalho
Sumário: Abordagem ao tema: <i>Storyboard</i> Continuação do processo pré – produção: finalização da narrativa e início da elaboração do <i>storyboard</i> . Realização de uma ficha de trabalho.		Reflexão:	



Agrupamento de Escolas com sede na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos João da Rosa

Departamento: EXPRESSÕES

EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
“Movies”	Movimento e Energia	Animação	26 de abril 2012
Competências específicas:			
O objetivo deste evento é mostrar e divulgar os vídeos realizados pelos alunos das escolas básicas e secundárias da região do Algarve e proporcionar a estes uma partilha de experiências e conhecimentos, no âmbito das técnicas de imagem animada.			
Atividades / Estratégias:			
Visualização da mostra de vídeos realizados pelos alunos das escolas básicas e secundárias da região do Algarve. Realização da 4º edição da “Movies”, evento anual dinamizado pelo gabinete de produção multimédia da escola EB 2/3 João da Rosa e produzido pelo docente Paulo Rodrigues. No final da atividade os alunos deverão preencher um pequeno questionário sobre os vídeos observados, durante o evento.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professores	Materiais	Computador; Projetor; Ficha de trabalho
Sumário: 4º edição da “Movies”. Visualização de 5 curtas-metragens com diferentes técnicas de imagem animada		Reflexão:	

Ano Letivo 2011/2012

6º Ano Turma D Docente (s):

Data:26/04/2012



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Construção de cenários	Movimento e Energia	Animação	3 de maio 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Compreensão da construção dos cenários, utilizando a técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).-Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Elaboração dos cenários. Utilização de diferentes materiais para a conceção dos mesmos.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Projetor; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações; etc.
Sumário: Construção de cenários. Exercícios de imagem animada, utilização da técnica de recorte.		Reflexão:	



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Construção de cenários	Movimento e Energia	Animação	8 De maio 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Elaboração dos cenários. Utilização de diferentes materiais para a conceção dos mesmos.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Projetor; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações; etc.
Sumário: Continuação da aula anterior. Construção de cenários. Aplicação dos mesmos em exercícios de imagem animada, utilizando a técnica de recorte.		Reflexão:	



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Construção de cenários	Movimento e Energia	Animação	10 de maio 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Elaboração dos cenários. Utilização de diferentes materiais para a conceção dos mesmos.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Projetor; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações; etc.
Sumário: Finalização dos cenários e seus personagens. Aplicação de várias técnicas: recortes, utilizando diversos materiais tais como: papel, cartão, tecidos e lápis de cor.		Reflexão:	



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Edição da animação	Movimento e Energia	Animação	15 de maio 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Início da edição da curta-metragem de animação, recorrendo à utilização de técnicas com imagem animada.			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Máquina fotográfica; Máquina de filmar; Tripé; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações.
Sumário: Início da produção da animação com técnicas de imagem animada (recortes). Recurso de equipamentos tecnológicos, (máquina fotográfica e máquina de filmar) e <i>software</i> de edição: <i>Claymation Studio 2.0</i> .		Reflexão:	

Ano Letivo 2011/2012

6º Ano Turma D

Docente(s):

Data: 15/05/2012

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Edição da animação	Movimento e Energia	Animação	17 de maio 2012



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Competências específicas:

- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (*Cut Out*).
- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).
- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;
- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;
- Gerir materiais e equipamento coletivo;
- Partilhar espaços de trabalho;
- Avaliar estes procedimentos.
- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;

Atividades / Estratégias:

Continuação da edição da curta-metragem de animação, recorrendo à utilização de técnicas com imagem animada. Grupos I: utilização do portátil Macintosh e software *Clamation Studio 2.0* e grupo V a máquina fotográfica *Canon 350D*.

Recursos

Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Máquina fotográfica; Máquina de filmar; Tripé; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações.
----------------	---------------------	------------------	--

Sumário: Continuação da produção da animação com técnicas de imagem animada (recortes). Recurso aos equipamentos tecnológicos, máquina fotográfica, câmara de filmar e *software* de edição: *Claymation Studio 2.0*. Continuação e finalização das produções dos grupos I e V.

Reflexão:

Ano Letivo 2011/2012

6º Ano Turma D

Docente(s):

Data: 17/05/2012

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Produção da animação	Movimento e Energia	Animação	22 de maio 2012



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Competências específicas:

- Edição de Vídeo e máquina fotográfica, aplicação da técnica de recortes (*Cut Out*).
- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).
- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;
- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;
- Gerir materiais e equipamento coletivo;
- Partilhar espaços de trabalho;
- Avaliar estes procedimentos.
- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;

Atividades / Estratégias:

Continuação da edição da curta-metragem de animação recorrendo à utilização de técnicas com imagem animada.

Recursos

Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Máquina fotográfica; Máquina de filmar; Tripé; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações.
----------------	---------------------	------------------	--

Sumário: Continuação da aula anterior. Produção da animação com técnicas de recortes. Recurso de equipamentos tecnológicos, máquina fotográfica, máquina de filmar e utilização do *software* de edição: *Claymation Studio 2.0*.

Reflexão:

Ano Letivo 2011/2012

6º Ano Turma D

Docente(s):

Data:22/05/2012

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Edição da animação	Movimento e Energia	Animação	24 de Maio 2012
Competências específicas:			



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (*Cut Out*).
- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).
- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;
- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;
- Gerir materiais e equipamento coletivo;
- Partilhar espaços de trabalho;
- Avaliar estes procedimentos.
- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;

Atividades / Estratégias:

Continuação da edição da curta-metragem de animação, com a utilização de técnicas com imagem animada. Grupos IV: utilização do portátil *Macintosh* e *software Clamation Studio 2.0* e grupo III: utilização da máquina fotográfica *Canon 350D*.

Recursos

Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Máquina fotográfica; Máquina de filmar; Tripé; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações.
----------------	---------------------	------------------	--

Sumário: Continuação da aula anterior. Finalização das produções dos grupos III e IV. Elaboração de brinquedos óticos (*flipbook*), para os grupos que terminaram as suas curtas-metragens.

Reflexão:



EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema	Conteúdos	Área de Exploração	Data
Edição da animação	Movimento e Energia	Animação	29 de maio 2012
Competências específicas:			
<ul style="list-style-type: none">- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;			
Atividades / Estratégias:			
Continuação da edição da curta-metragem de animação, utilizando as técnicas de imagem animada. Grupos IV: utilização do portátil <i>Macintosh</i> e software <i>Clamation Studio 2.0</i> e grupo III: utilização da máquina fotográfica <i>Canon 350D</i> .			
Recursos			
Humanos	Alunos e professora	Materiais	Computador; Máquina fotográfica; Máquina de filmar; Tripé; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações.
Sumário: Início das produções do grupo II. Elaboração de brinquedos óticos (<i>flipbook</i>) para os grupos que terminaram as suas curtas-metragens, e copos para pipocas em Origami.		Reflexão:	



Agrupamento de Escolas com sede na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos João da Rosa

Departamento: **EXPRESSÕES**

EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA – PLANO DE AULA

Tema		Conteúdos		Área de Exploração		Data	
Edição da animação		Movimento e Energia		Animação		31 de Maio 2012	
Competências específicas:							
<ul style="list-style-type: none">- Construção dos cenários, aplicação da técnica de recortes (<i>Cut Out</i>).- Compreender as várias fases de execução de uma curta-metragem e os seus procedimentos (produção).- Apreciar as qualidades expressivas de uma produção animada;- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho individual e de grupo;- Gerir materiais e equipamento coletivo;- Partilhar espaços de trabalho;- Avaliar estes procedimentos.- Expressar-se de forma clara e sem erros ortográficos;							
Atividades / Estratégias:							
Finalização da edição da curta-metragem de animação, recorrendo à utilização de técnicas com imagem animada.							
Recursos							
Humanos		Alunos e professora		Materiais		Computador; Máquina fotográfica; Máquina de filmar; Tripé; Quadro; Canetas; Lápis; Papel; Cartão; Tecidos; Aplicações.	
Sumário: Finalização das produções do grupo II. Autoavaliação.				Reflexão:			

Ano Letivo 2011/2012

6º Ano Turma D

Docente(s):

Data:31/05/2012

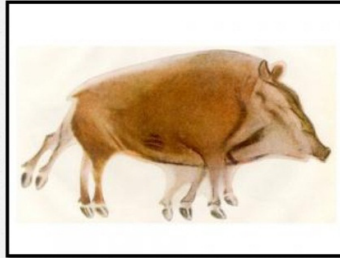
APÊNDICE IV- *PowerPoint* das aulas expositivas

- o A palavra “animação” deriva da palavra latina “animare”, e significa “dar vida a”.
- o Cada imagem é designada por fotograma.
- o Um filme é uma sequência de imagens que produzem a ilusão de movimento, quando projetadas.
- o Na animação são necessárias necessárias 25 imagens (fotogramas) para produzir um segundo de filme (em vídeo).
- o Cada uma imagem é criada individualmente.
- o Cada imagem é filmada ou digitalizada para um *software* de montagem, colocada em sequência de forma a criar a ilusão de movimento.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

O princípio da animação

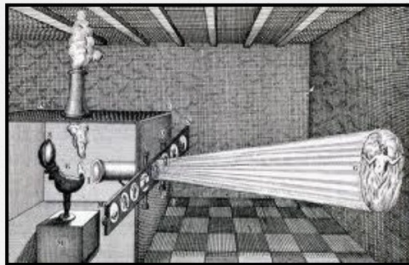
o Pintura Rupestre



o Pintura rupestre encontrada na caverna de Altamira em Espanha

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Lanterna Mágica



o Athanasius Kircher, 1645.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Lanterna Mágica – Espetáculo Fantasmagorie



o Étienne Gaspard Robert, 1794.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Lanterna Mágica



o Augustin Lapierre, 1880.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

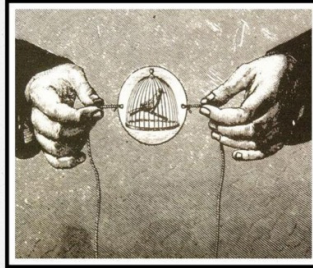
o Lanterna Mágica



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

Brinquedos Óticos

o Taumatrópio



o William Fitton, 1825.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

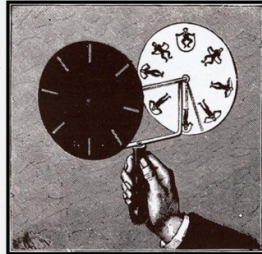
o Fenaquistoscópio



o Joseph Plateau, 1828 - 1832.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Fenaquistoscópio



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

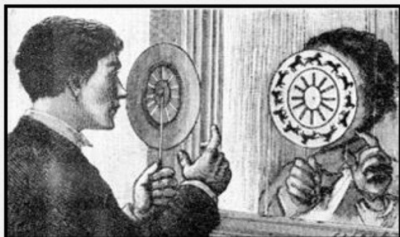
o Estroboscópio



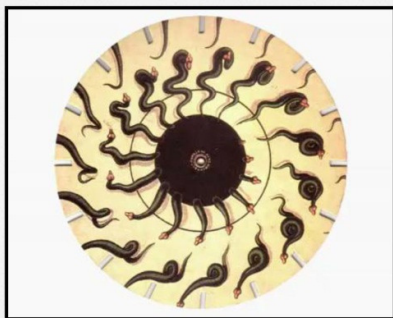
o Simon von Stampfer, 1828 - 1832.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Estroboscópio

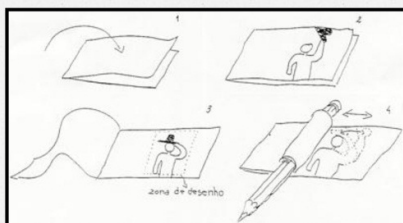


Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

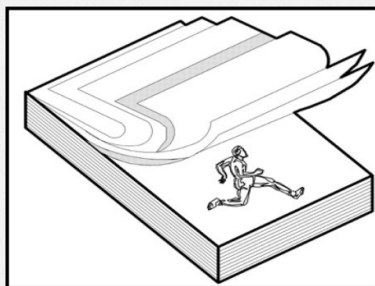
o Folioscópio



o John Barns Linnet, 1830.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Flipbook



o Criado por John Barns Linnet em 1868.

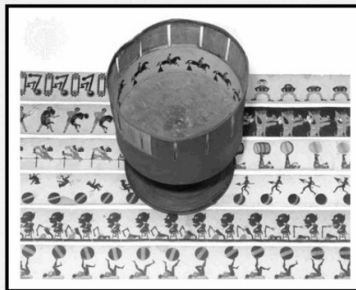
Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Flipbook



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Zootrocópio - "a roda da vida"



o Criado por William George Horner em 1834

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Zootroscópio - “a roda da vida”



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Zootroscópio - “a roda da vida”



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Praxinoscópio



o Criado por Emile Reynaud em 1877

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Praxinoscópio



o Emile Reynaud Teatro Ótico 1892.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves



o Sistema experimental de Eadweard Muybridge.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves



o Sequencias fotográficas de Eadweard Muybridge.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

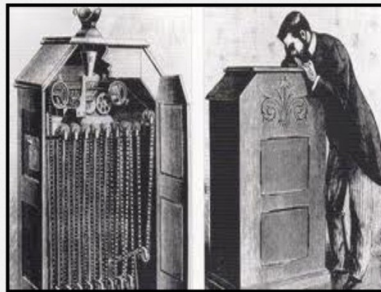
o Zoopraxinoscópio



o Eadweard Muybridge, 1879-1880.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Cinetoscópio



o Thomas Edison, 1891.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

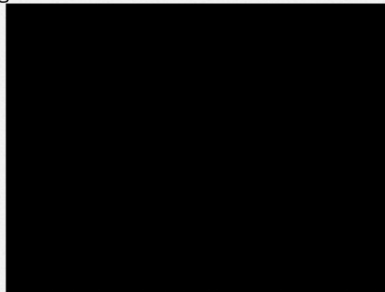
o Cinematógrafo



o Irmãos Lumière, 1895.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Cinematógrafo



o George Méliés, 1899.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

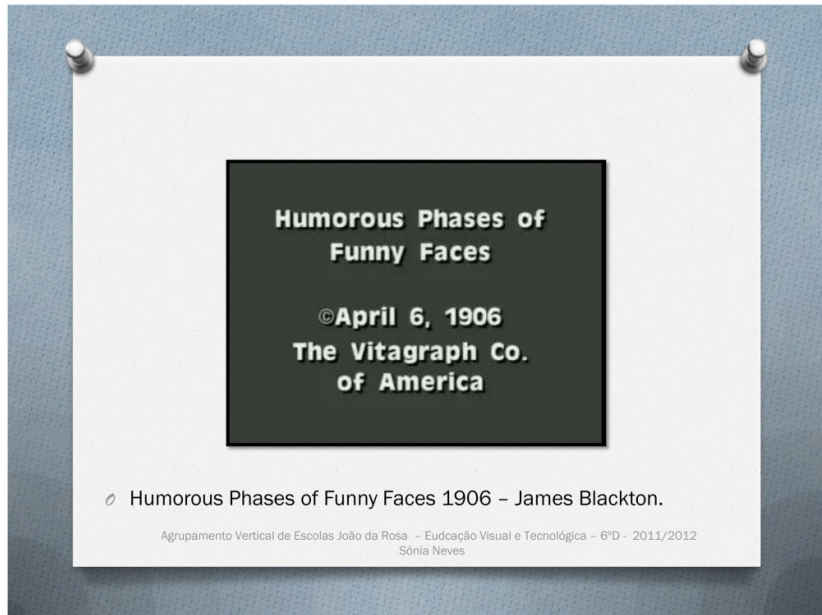
Descoberta da Técnica de Animação

The Enchanted Drawing

**©November 16, 1900
Thomas A. Edison**


o The Enchanted Drawing 1900 – James Blackton

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD – 2011/2012
Sónia Neves





Técnicas de Animação



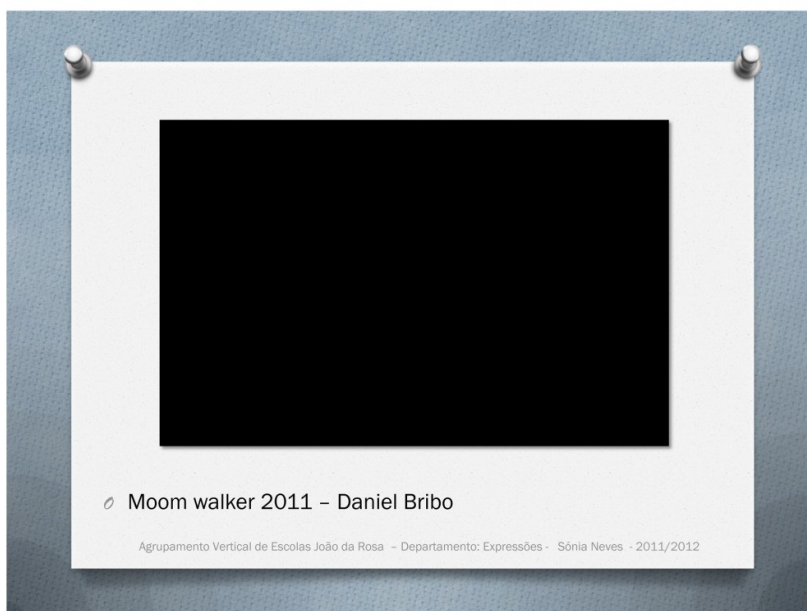
Animação 2d

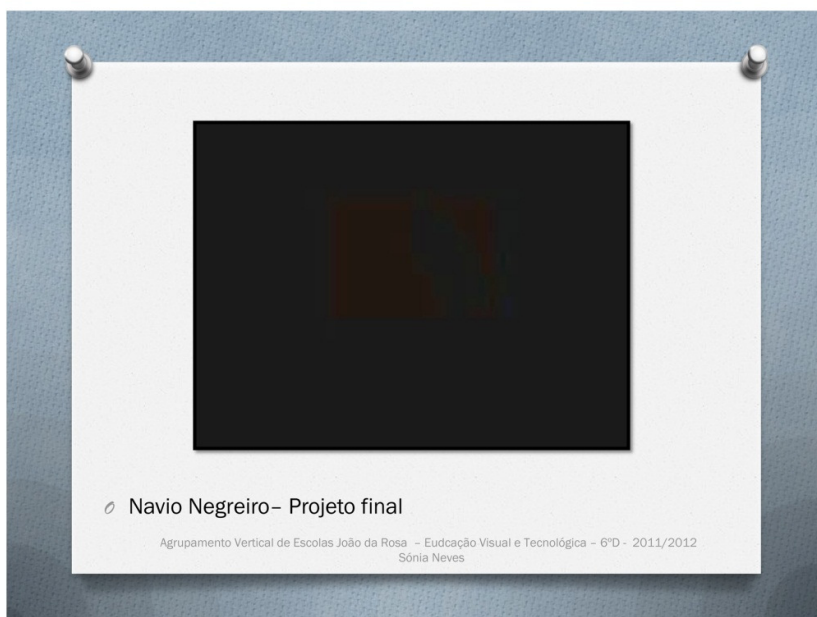


o Jedi Master Mickey Pencil Test 2011 - Pedro

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Departamento: Expressões - Sónia Neves - 2011/2012

Animação 3d





Pixillation

o Her Morning Elegance



o Oren Lavie – Music Video 2009.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD – 2011/2012
Sónia Neves

Elementos utilizados

- o O colchão
- o A atriz
- o O músico
- o O fotógrafo
- o O ângulo



Este Video clip do músico Oren Lavie Utiliza a técnica Stop Motion

- o 6 semanas de guião
- o 3 semanas storyboard
- o 48 horas de fotografias
- o 2096 fotografias

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

Técnica de Recortes

As aventuras do Príncipe Achmed



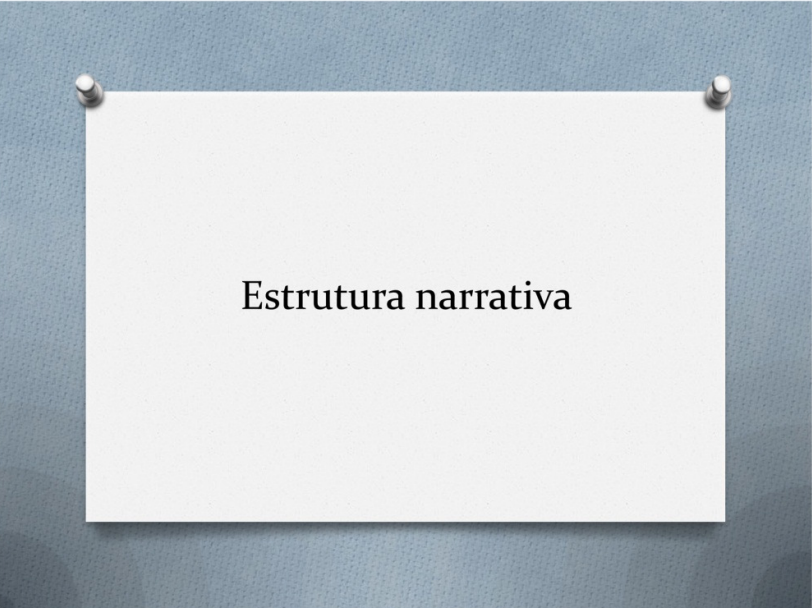
o Lotte Reiniger, 1926.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

Curta Metragem



Pré - produção



Estrutura narrativa

o A Narrativa da curta metragem é contada de uma forma breve e objetiva.

o “(...)O bom roteirista sabe dizer muito escrevendo pouco.”

Rayão, Luiz Gustavo. (2002)

o A estrutura narrativa resume-se em 3 partes:

o Introdução

o Desenvolvimento

o Conclusão

Introdução

- o Na introdução são apresentadas as personagens e a premissa dramática (o ponto de partida para a história contada na curta metragem).
- o A introdução tem de ser muito bem elaborada , pois terá uma duração extremamente curta.

Desenvolvimento

- o O desenvolvimento da história é a parte que tem mais minutos disponíveis.
- o É através do desenvolvimento que a história ganha forma.

Conclusão

- Na conclusão da curta metragem temos o momento culminante da história e o desfecho desta, onde os destino dos personagens se revela.
- A conclusão revela a moral da história.

o Dodu - O Rapaz de Cartão



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves



o A mão e o recorte - 2007

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

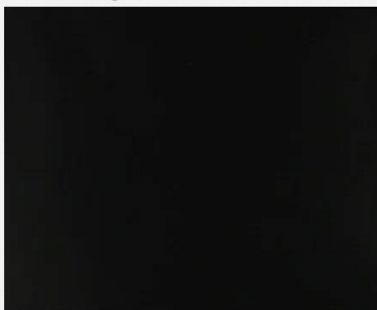
o The Portrait Artist



o michaelgettings.com - 2008.

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Sonho - Catarina Nogueira



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

A Arte do Cinema de Animação

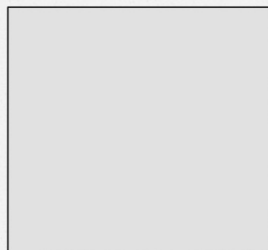
Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

O que é um Storyboard?

O que é um Storyboard?

- o O Storyboard é um conjunto de desenhos / sketches. O seu objetivo é de mostrar visualmente, a história e como evolui cada ação.
- o Cada imagem / sketch representado no storyboard, mostra-nos uma ação. Estes ajuda-nos a estabelecer uma sequencia de ações, definir os personagens, os cenários, experimentar ângulos, movimentos, etc.
- o Cada ação/imagem contém notas explicativas sobre o seu conteúdo.
- o Depois da narrativa estar concluída, o Storyboard funciona como um guião visual.

O que se pode incluir num
Storyboard?



Sequencia da ação.

Descrição da cena.

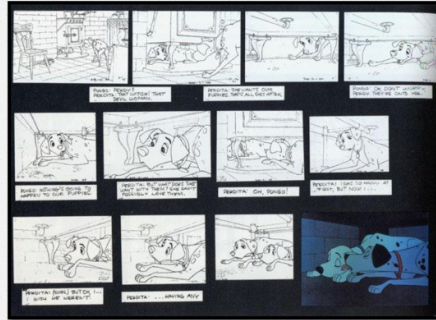
Narrativa / notas do guião.

Audio (se houver).

Outros elementos importantes:

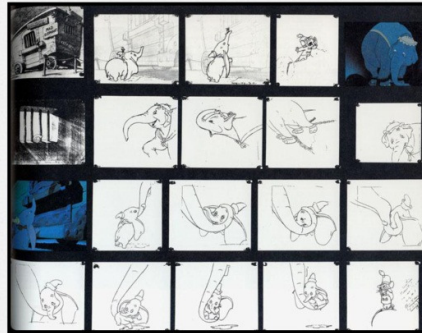
Personagens, cenário, etc.

o Disney - 101 Dálmatas



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Disney - Dumbo



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Mark Simon - Tarzan



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

o Storyboard



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa - Educação Visual e Tecnológica - 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

Storyboard vs Animation



Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

Aplicações para desenvolver storyboards (freeware):

- o <http://pc.celtx.com/search?q=internet&c=&o=rel>
- o <http://directors-boards-free.directors-notebook-software.qarchive.org/>
- o <http://www.codeplex.com/storyboarddesigner/Release/ProjectReleases.aspx?ReleaseId=8663>

Agrupamento Vertical de Escolas João da Rosa – Educação Visual e Tecnológica – 6ºD - 2011/2012
Sónia Neves

APÊNDICE V - Narrativas

O MENINO DOS OLHOS GRANDES – 1º Grupo

Em Olhão, havia um menino que tinha os olhos muito grandes e que se encontrava sentado sempre a um canto. Quando tentavam pegá-lo ao colo ele ficava cada vez mais pesado. Diziam até que ele podia matar uma pessoa só com o olhar. Até que caía no chão e desaparecia por encantamento

Carlos Martins, nº4

Daniela Sabi, nº8

Irina Caetano nº 17

Rosana Martins, nº22

FLORIPES – 2º Grupo

No sítio do moinho do sobrado, próximo de Olhão, havia em tempos passados uma casa/moinho onde à janela surgia, de noite, uma formosa mulher vestida de branco. Ninguém por ali se aventurava de noite, pois o caminho não era de fácil acesso. Mas, havia um homem que morava perto e que se encontrava em estado de embriaguez muitas vezes e que se deitava no caminho sem receio e dormia toda a noite em frente da janela da moura.

Quando surgiam os primeiros sinais do novo dia, a mulher de branco saía da sua casa e vinha sentar-se junto do bêbado acariciando-o com ternura. Um dia, um jovem, que ouvira falar da mulher misteriosa foi ao encontro do homem que se embriagava para saber o que se passava por ali. O jovem decidiu ir ver se a moura aparecia. Nessa noite o jovem dirigiu-se para a casa do moinho e resolveu esperar e sentar-se. Ouvia mil ruídos estranhos mas nada lhe parecia a moura.

Olha para o moinho novamente e, de súbito, na pequena janela meia desmantelada encontrou a moura. Ela disse que precisava que um homem lhe desse um abraço, mas esse homem tinha de a acompanhar até África. Ele explicou que tinha uma noiva à sua espera para casarem. A moura ouvindo isto começou num choro compulsivo e correu para o moinho não voltando a aparecer naquela noite.

Na manhã seguinte o jovem chega a casa e encontra a noiva com o rosto molhado de lágrimas choradas toda a noite. E os dois namorados depressa uniram as suas vidas.

Como prenda de casamento os jovens receberam a herdade das relvas e tudo o que pertencia ao homem que se embriagava. Mais tarde a moura Floripes partia para África ao encontro do pai, com a pessoa que aceitara as condições de a acompanhar para toda a vida.

Daniela Reis, nº7

Inês Santos, nº16

Marina Domingues nº19

Sandra Entradas, nº24

A LENDA DAS AMENDOEIRAS – 3º Grupo

Há muito tempo havia uma princesa loura de olhos azuis. O seu nome era Gilda. Esta princesa casou com um rei mouro. Mas, faltava algo na sua vida, era a neve da sua antiga terra.

O príncipe queria fazer algo que ajudasse a sua esposa a ser feliz, então lembrou-se de mandar plantar amendoeiras, pois, sabia que quando florescessem iria parecer a antiga terra da princesa. Ao avistar aquele manto branco a princesa não cabia de contentamento.

Ana, nº2

Catarina, nº6

Élio, nº9

Elsa, nº10

Inês Correia, nº15

Raquel Francisco, nº21

O MENINO DOS OLHOS GRANDES - 5º Grupo

Há muito tempo, nas ruas da cidade de Olhão, durante a noite, aparecia um menino. Esse menino tinha os olhos muito grandes, como duas abóboras. Quando aparecia, estava a chorar e as pessoas que o viam ficavam com pena e pegavam nele ao

colo. Quanto mais andavam mais este se tornava pesado. Tão pesado ao ponto de as pessoas o deixarem no chão e fugirem.

Alexandra Ponte, nº1

Erica Santos, nº11

Joel Fernandes, nº18

Ângela Santos, nº3

Rúdi Mendes nº 23

ANEXOS

ANEXO I - Revisão Curricular

As medidas propostas concretizam-se em alterações às matrizes curriculares actualmente em vigor, publicadas no Decreto-Lei n.º 94/2011, de 3 de Agosto, e no Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de Abril, em todos os ciclos de ensino, como pode verificar-se nas matrizes anexas.

Anexo I 2.º ciclo

Actual	(45 minutos)		Proposta	(45 minutos)	
	5.º	6.º		5.º	6.º
Áreas curriculares disciplinares					
Línguas e Estudos Sociais			Línguas e Estudos Sociais		
Língua Portuguesa	12	12	Língua Portuguesa	12	12
Língua Estrangeira			Inglês		
História e Geografia de Portugal			História e Geografia de Portugal		
Matemática e Ciências			Matemática e Ciências		
Matemática	9	9	Matemática	9	9
Ciências da Natureza			Ciências da Natureza		
Educação Artística e Tecnológica			Educação Visual	2	2
Educação Visual e Tecnológica	6	6	Educação Musical	2	2
Educação Musical			Educação Tecnológica / TIC	2	2
Educação Física	3	3	Educação Física	3	3
Educação Moral e Religiosa	1	1	Educação Moral e Religiosa	1	1
Área curricular não disciplinar			Apoio ao Estudo (facultativo)	5	5
Estudo Acompanhado			---	---	---
Formação Cívica	3	3	---	---	---
Total	33(34)	33(34)	Total	30(36)	30(36)

Anexo II 3.º ciclo

ACTUAL	(45 minutos)			PROPOSTA	(45 minutos)		
	7.º	8.º	9.º		7.º	8.º	9.º
Língua Portuguesa	5	5	5	Língua Portuguesa	5	5	5
Língua Estrangeira				Língua Estrangeira			
LE1	6	5	5	Inglês	6	5	5
LE2				LE2			
Ciências Humanas e Sociais				Ciências Humanas e Sociais			
História				História	5	5	6
Geografia	4	5	5	Geografia	5	5	5
Matemática	5	5	5	Matemática	5	5	5
Ciências Físicas e Naturais				Ciências Físicas e Naturais			
Ciências Naturais				Ciências Naturais	6	6	6
Físico-Química	4	4	5	Físico-Química			
Educação Artística				Educação Visual	2	2	2
Educação Visual	2	2		Educação Tecnológica /			
Oferta de Escola /	2	2	3	Oferta de Escola	2	2	---
Educação Tecnológica				Educação Física	3	3	3
Educação Física	3	3	3	---	---	---	---
Introdução às Tecnologias de				Educação Moral e Religiosa	1	1	1
Informação e Comunicação	---	---	2	---	---	---	---
Educação Moral e Religiosa	1	1	1	---	---	---	---
Formação Cívica	1	1	1	---	---	---	---
A decidir pela escola	2	2	2	---	---	---	---
TOTAL	34(35)	34(35)	36(37)	TOTAL	34(35)	33(34)	32(33)

ANEXO II – Ficha de registo de aprendizagem

